

RAMÓN P. MUÑOZ SOLER

Transfiguração Social do Verbo

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919
Transfiguração Social do Verbo / Ramón Pascual Muñoz Soler
Edição do Autor - 1997

Título original: *Transfiguración Social del Verbo*

1.Mística 2.Neogênese da evolução humana 3.Ética social 4.Transcrição biológica da evolução espiritual 5.Funções gerais

Página web: www.egoencia.uno

Tradução e capa: Edelweiss Blanes Martinez

Edição do autor - 1ª edição

ÍNDICE

MEU CORAÇÃO SE ADIANTOU À PALAVRA	8
OUTRA FASE NO CAMINHO DE <i>COMPREENSÃO</i> DO MUNDO	10
HAVIA EXPLODIDO A FORMA... ..	15
<i>FRATURA DO TEMPO HISTÓRICO</i>	19
O DRAMA DA CRUZ OCULTOU A EPIFANIA DA TRANSFIGURAÇÃO	21
O OLHAR DO SENHOR TOCOU O CORAÇÃO DA MATÉRIA-VIRGEM	24
GEN-ética DE TRANSFIGURAÇÃO	27
NA FRONTEIRA DO TEMPO NASCE UMA NOVA MOLÉCULA:	
MATÉRIA-SOCIAL	31
<i>DA FILOSOFIA POLÍTICA À QUÍMICA SOCIAL</i>	35
GIRO DA FORÇA NO CORAÇÃO DO POVO	36
A VANGUARDA GEN-ética SE ADIANTA ÀS FORMAS SOCIAIS	40
PRIMO-GENE:	43
UMA FORÇA OBSCURA SAI AO ENCONTRO DO RECÉM NASCIDO	43
TEURGIA DE TRANSFIGURAÇÃO	47
<i>FUNÇÕES-MÃE NA FISIOLOGIA CÓSMICA DA VIDA</i>	51
CORPO DE TRANSFIGURAÇÃO SOCIAL	52
FUNÇÕES Mãe: palavras de uma língua esquecida	54
ROTA DE TRANS-MISSÃO	56
O GIRO DA FORÇA PÕE A DESCOBERTO O SENTIDO DA OBRA	59
<i>PERGUNTAMOS PELA FISIOLOGIA SAGRADA</i>	62
PERGUNTAMOS PELO “PRIMO-GENE”	63
PERGUNTAMOS PELO “GENE-MORAL”	65
PROTOSSINAL DE GÊNESE NO CORAÇÃO DO HOMEM	66
O “PRIMO-GENE” QUE VEM	70
SE OCULTA AOS OLHOS DE HERODES	70
SOM IN-AUDÍVEL DA MOLÉCULA MENSAGEIRA	74
<i>AGONICA HUMANITAS</i>	78
CHEGAMOS AOS CONFINES DO MUNDO CONHECIDO	79
A-GONIA DE NASCIMENTO	81
PALAVRA DO RECÉM NASCIDO	83
<i>MAGISTÉRIO DE TRANS-MISSÃO</i>	84
MYSTERIUM TEMPLI	85
HIEROFANIA INICIAL	85
MAGISTÉRIO DE PLASMAÇÃO	87

O PROFESSOR-EDUCADOR COMO	87
“MOLÉCULA MENSAGEIRA” DO VERBO.....	87
MAGISTÉRIO DE JUSTIÇA.....	92
PODER GEN-ético DA LEI	92
MAGISTÉRIO DE TRABALHO	98
QUANDO A MÃO	98
COM A CORRENTE DO RIO SAGRADO DA VIDA	98
ASCENSÃO DA HUMANIDADE	107
EM CORPO.....	107
DUPLA FACE DO MUNDO TÉCNICO	108
PERDEMOS A GUERRA:	116
A CASA DO HOMEM FICOU SEM SUSTENTO.....	116
SENTIMENTO-VITAL DE UNIÃO.....	119
TEMPLO SOCIAL:	124
“ROSTO E VESTE” DO SENHOR.....	124
“MASSA CRÍTICA”	125
INCÊNDIO DA MATÉRIA:	125
VIEMOS PARA DAR UM ROSTO SOCIAL AO VERBO	125
“CONHECIMENTO-VERBUM”	131
MYSTERIUM PARTICIPANTIS PARTICIPATIONIS: PRINCÍPIO DE AÇÃO-INAÇÃO.....	131
“RUPTURA DA FORMA”	135
LUTA COM O ANJO:	135
DUPLA FACE DA REVELAÇÃO	135
PERGUNTAS.....	141
EM TEMPO DE TRANSFIGURAÇÃO	141
PERGUNTAMOS PELO... ..	142
“SEGUNDO NASCIMENTO”	142
PERGUNTAMOS PELO... ..	147
MESTRE QUE “ENSINA-RETIRANDO-SE”	147
PERGUNTAMOS PELA.....	150
ONDA “GEN-ética” DO MUNDO QUE ADVÉM.....	150
PERGUNTAMOS PELO... ..	154
“RETORNO DA LUZ”	154
FALEMOS DAS FUNÇÕES SAGRADAS.....	157
SE TIVESSE QUE FALAR NA LINGUAGEM DO POVO, DIRIA... ..	159

“PEDRA ANGULAR”	161
MYSTERIUM TEMPLI.....	161
“SEGUNDO MAGISTÉRIO”	167
A ESCOLA.....	167
APRENDER A SER.....	170
“Terceiro MAGISTÉRIO”	176
OFICINA DO ARTESÃO.....	176
“QUARTO MAGISTÉRIO”	180
O MERCADO	180
<i>CON-STELLA(ÇÃO)</i>	186
<i>DE SIGNOS DE PODER</i>	186
SINAIS DE GUERRA ARQUETÍPICA.....	188
TRAÇO GEN-ético DA HUMANIDADE QUE ADVÉM	191
<i>A-CORDE PRIMORDIAL:</i>	195
<i>AB-NEGATIO</i>	195
<i>RE-SUSCITARE</i>	195
<i>NASCENS CORPUS</i>	195
AB-NEGATIO.....	196
RE-SUSCITARE.....	199
“Primo-gene”	202
Nascens corpus	202
HABITAR NO CORAÇÃO DO VERBO.....	208
Bibliografia CITADA.....	210

*O mesmo fogo-sagrado
que um dia iluminou o cume do monte
volta a acender-se no coração do povo*

Ainda é demasiado cedo.

As primeiras luzes da Alba
tornam ainda mais escuras
as últimas sombras da Noite.

O relógio cósmico marca uma hora diferente.

Quebrou-se o molde.
A casa que habitávamos ficou sem sustento.

A chave do mundo vindouro não é outra ideia:

é outra molécula.

Forte é a tentação do deserto:
voltar a refugiar-se em uma morada que já não existe!

MEU CORAÇÃO SE ADIANTOU À PALAVRA

*Antes que eu pudesse pronunciar palavra,
minha língua tomou a pena
e traçou enigmático signo.*

A geometria da palavra era, *antes* que a palavra.

O fogo de meu coração havia se adiantado ao *logos* do pensamento: falava uma língua desconhecida. Era um sinal a-nunciador: havia-se quebrado a simetria da antiga ordem do mundo. Iluminava um novo signo do tempo: ao cabo de séculos de domínio da “lógica da palavra”, chegava a hora de advento do Verbo que precede todas as palavras.

Começamos a ouvir sinais anunciadores: claves de ressonância simbólica que nos ajudam a cruzar a barreira dos significados. Por que *anunciadores*? Porque se antecipam aos mensageiros. E *o quê* antecipam? Antecipam não o que vai vir, mas o que já veio. Talvez a tarefa mais importante da vanguarda *pro-fética* da era que se inicia seja a de transcrever o Código Gen-ético da Língua-Mãe, nas *proto*-formas do pensar-sentinte e traduzi-lo para a matéria-social do Verbo.

Antes de mais nada, pergunto pela Ideia-Mãe da civilização que vem.

Ideia-Mãe não é uma ideia, um conceito, um sentimento, um sistema de valores: é Proto-notícia. É a Mensagem *inicial* pre-sentida pela alma de um povo, de uma cultura, de uma raça, de uma terra, ainda *antes* de havê-la compreendido. É a Palavra-sem palavras, que diz de repente (de uma só vez) *tudo* o que tem a dizer. Ideia-Mãe é Poder-vinculante: enlace entre o princípio e o fim, co-incidência entre a estrela do recém nascido e o desmoronamento dos impérios da Terra.

Surge uma pergunta: temos hoje possibilidade de ouvir algum destes sinais que a-nunciam o início e o fim de uma época? Talvez sim: Heidegger é um dos pensadores de vanguarda que rastreamos nos caminhos da história estas misteriosas “pistas” de início e ocultamento. De repente – assinala Heidegger – a jovem alma grega

fica deslumbrada pela iluminação do “ser”; e o resplendor inicial deste “ser” marca o caminho do “pensar” do Ocidente: foi o princípio de uma cosmo-visão e, ao mesmo tempo, o ocultamento daquilo que essa cosmovisão “não pôde ver”. O mesmo podemos dizer do A-núncio do cristianismo nascente: trans-lúcido para as almas simples do novo signo do tempo e obscuro para a mente ilustrada do antigo império.

Hoje, entre o deslumbramento de um mundo técnico que nos marca o caminho para as estrelas e a obscuridade da alma que nos precipita em abismos subterrâneos, nessa brecha cósmica que, por princípio de incerteza, não podemos transpor – o grito nietzscheano de “fim da história” ressoa ainda mais forte em nossos ouvidos:

Quase dois mil anos e nem um só deus novo!

Mas, o coração pre-sente o que se oculta ao olho do vidente.

Pressentimos a luz de um Verbo que não-ilumina porque se retirou: paradoxo de RevelaçãoRe-velada.

Nem o *deus-princípio* da metafísica, nem o *deus-certeza* da ciência, nem o *deus-verdade* das religiões do mundo... nenhum destes “deuses” pôde preencher o coração do homem. Dito em outros termos: os filósofos do *deus-ideia*, que especulavam sobre o mundo, não puderam transformar o mundo; e os políticos revolucionários, que ao grito de *morte de Deus* vieram para transformar o mundo, antes de chegar a transformar o mundo, encontraram-se com a *morte do homem*.

Até aqui, chegamos a uma fronteira perigosa: “flutuação crítica das forças da vida e da morte”.

Apagaram-se as pegadas dos antigos deuses
e tropeçamos com nossa própria sombra.

O corpo social se tornou contrário à vida.
Não temos lugar no mundo.

Onde está o fogo do lar?

OUTRA FASE NO CAMINHO DE *COMPREENSÃO* DO MUNDO

Havia-me dado conta de que eu mesmo me movia em outra fase de compreensão da verdade e da vida: a consciência social já não vinha a mim somente pela dialética da história, mas também pelo contato com o demoníaco.

Havia ido demasiado rápido em busca da
luz que ilumina

E fui golpeado pela
obscuridade que A-sombra.

Dou-me conta de que, pelas raízes do corpo social, junto à seiva da vida, circula o poder oculto do demoníaco: nesse crisol social, a matéria prima da obra se transforma em matéria-social. Soa a hora do descenso. Entramos nos labirintos da cidade profunda, nas dobras secretas da alma coletiva, na vontade noturna do mundo subterrâneo: lugar escuro, como a cripta (também subterrânea) da catedral gótica. Aqui, neste lugar escuro, onde não chegam os raios do sol, compreendem-se muitas coisas que passam inadvertidas à luz do dia.

O tempo do “fim da história”
e do “último homem”

co-incide

com o despertar de um prot-agonista humano

que inicia um novo caminho da história.

Vivemos em “tempo de A-sombro”. A Luz que ingressa põe a descoberto o poder da Sombra: co-incidência das duas naturezas, no pórtico central de Notre Dame.

Não nos havíamos dado conta!

Fomos cegados pela resplandecente luz da primeira explosão atômica: “Mais brilhante que mil sóis”, exclama assombrado Oppenheimer. Não passaria muito tempo e ficaríamos aterrados pelo holocausto de Hiroshima.

Não havíamos compreendido nada!

Tampouco chegamos a compreender hoje o poder de revelação/revelada da onda de “terror” que comove as bases do mundo moderno.

Perguntamo-nos: por que, na maioria dos casos, não se descobre o “criminoso” nos inumeráveis crimes que enchem as páginas dos jornalismo do horror e, se é descoberto, fica sempre a suspeita de uma rede maldita que permanece na sombra?

O tempo é “outro”. São “outras” as forças que movem o mundo. O crime também é “outro”. Como diria Jean Baudrillard, entramos em uma fase de “crime perfeito”: é inútil procurar o “autor” do crime, porque *todos* somos “prot-agonistas” de um mesmo auto sacrificial.

Não entendemos nada de tudo isto. Não se trata de mudar a lei, mudar os juízes, aplicar a pena de morte, multiplicar os cárceres. É “outra” a *natureza* do crime: para além da violência humana, encontramos ante o “horror sagrado”. É inútil a pena de morte, porque também é de “outra natureza” a *morte* do homem.

Hoje, vivemos a morte, antes de haver morrido: morte em câmaras de tortura, morte no exílio, “morte cerebral”, morte por falta de sentido, falta de trabalho, falta de solidariedade; morte por excesso de informação, excesso de consumo, excesso de bens. Já não morremos de morte natural: morremos de “morte técnica”. Milhões de seres humanos “*são dados* como mortos”; não são mortos: são “desaparecidos”, “desempregados”, “presumíveis doadores de órgãos”... Por outro lado, nem todos os “mortos por acidente” realmente morreram “por” acidente. Muitos dos chamados “acidentes” são verdadeiros rituais sacrificiais por “implosão de massa social”... Em poucas palavras, nesta época de “deuses que fugiram” (Hölderlin), tomamos contato com um dos mais obscuros mistérios da alma, na noite escura da matéria-social: encontro com o horror, com o que não tem nome. Já não falamos aqui da “morte de Deus”, mas da “morte do homem”.

Ainda não tomamos consciência do “poder sagrado”, encerrado nos ritos sacrificiais do homem, no mundo globalizado de nosso tempo. Ainda continuamos pensando em termos de “soluções políticas”: para os problemas de fome, desocupação, narcotráfico, corrupção administrativa, terrorismo internacional; “soluções técnicas”: engenharia genética, engenharia financeira; “soluções metafísicas”: retorno às fontes do ser. Baudrillard, com grande lucidez sociológica, fala-nos da *Transparence du Mal*. Este “Mal”, de que nos fala Baudrillard, não é o “mal” como contraposto ao “bem” da filosofia racional, mas o “Mal” como virulência intrínseca do próprio sistema social: potencial “maléfico” de todos os sistemas que, na experiência social “extrema”, manifesta-se como “implosão de massa social” e reação em cadeia do “Mal contra o Mal”.

Ao colocar esta “implosão de massa” no limite crítico de liberação de todas as energias (“Après l’Orgie”), o próprio Baudrillard fica preso no marco de “estratégias fatais” de sua concepção do mundo. Eu penso que, pela própria dinâmica de co-incidência da luz e da obscuridade nas veias invisíveis do corpo social, estão se dando condições humanas e extra-humanas que nos permitem cruzar a barreira desta insuportável “transparência do Mal”.

Algo aprendemos, percorrendo à noite os escuros caminhos de bosques e montanhas: a própria noite nos deu sinais de outras forças e outros caminhos. Clarividência da noite escura? O que acreditávamos graça extraordinária dos grandes místicos na “noite escura da alma” (São João da Cruz) viemos a encontrá-lo também nós, na noite escura da matéria-social. O que foi que encontramos? Os físicos cosmólogos o chamam de “radiação de buraco negro”. Nós começamos a reconhecer esse “algo”, que se oculta à luz do dia e se revela na noite social, como “radiação de magnetismo cósmico”.

Dom Juan ensina seu discípulo antropólogo a caminhar de noite por desoladas e inóspitas montanhas: sem tropeçar com nenhum obstáculo. O discípulo consegue transpor os obstáculos físicos, mas tropeça com “algo” estranho, que lhe provoca pavor.

– Correste sério perigo de morte: são “entidades da noite”, que atacam o homem se este não tem suficiente poder para controlá-las – diz-lhe Dom Juan. Chamo-as de entidades da noite porque se pode percebê-las na obscuridade, com maior facilidade. Elas estão aqui, a nosso redor, todo o

tempo. À luz do dia, no entanto, é mais difícil percebê-las, simplesmente porque o mundo nos é familiar e o que é familiar predomina. Na obscuridade, por outro lado, tudo é igualmente estranho e muito poucas coisas têm prioridade, de modo que somos mais vulneráveis a tais entidades, à noite.¹

Este relato de Castaneda pode ser tomado como realidade objetiva da natureza sutil ou como forma de linguagem que, por transposição analógica, leva-nos a tomar contato com a essência originária do ser. E é precisamente nesta fratura entre a claridade e a objetividade do mundo técnico, e a obscuridade e a tenebrosidade do mundo subterrâneo, onde hoje nos movemos e somos: com perigo de perder o ser.

O mundo em que nos movemos e somos deixou de ser seguro; como na física de partículas, não podemos determinar com precisão nossa velocidade e nossa posição: princípio de incerteza. Quebrou-se a simetria da imagem do mundo e, na brecha, fratura ou falha recém aberta, tanto podemos explodir em uma epifania de consciência cósmica, quanto cair em um abismo social sem fundo.

Mas, voltando a Castaneda e à experiência que ele relata, nas palavras de Dom Juan – encontro com “entidades da noite” que “estão aqui, a nosso redor, todo o tempo” – surge uma pergunta: com o quê (ou com quem) nos encontramos realmente, ao des-ocultar-se a noite?

Encontramo-nos

com *nada* do que havíamos imaginado
encontrar;

com *nada* do que a inteligência teria podido
reconhecer;

Com *nada* do que a sensibilidade teria querido
sentir.

¹ Carlos Castaneda, *Journey to Ixtland*, New York, Simon and Schuster, 1972, pg. 213.

Encontro-me
com muitos que me dizem *nada*.

Quem me sustenta no vazio?

.....

A borboleta divina esvoaça
sobre as águas da vida.

HAVIA EXPLODIDO A FORMA...

*Não havia ideias nem pensamento.
Só sentimento tangível de expansão cósmica.*

Outro início? Outra mensagem? Outro mensageiro?

Só um sinal A-nunciador.

Havia tomado *contato* com algo essencialmente vivo.

Como explicar esta realidade inédita que não procedia do pensamento? No entanto, essa mesma expansão de consciência me levava a pensá-la de alguma maneira: mas não havia pensamento!

Era como se o poder da palavra que havia ficado sem forma (porque a forma havia explodido) voltasse em busca da forma. Cheguei a dar-me conta de que o pensamento não havia desaparecido, estava submerso: se quisesse pensar, teria que descer um degrau e ir buscar esse pensamento (como se vai até a oficina no porão, para procurar uma ferramenta). E a palavra – sem pensamento – utilizava as palavras do pensamento, como a pena do escritor traça sobre o papel a figura da Ideia.

Subitamente, tomei consciência de que, nesta trans-posição do Verbo à palavra, “algo” havia mudado na geometria da vida: não podia dizer “o quê”, mas *meu corpo* registrava uma vibração desconhecida. Não me é fácil traduzir para o pensamento habitual, uma experiência profunda que surge das próprias raízes da vida. Só posso dizer que, nesse instante de compreensão, havia tomado *contato* com algo essencialmente vivo.

Que poder se oculta por trás do véu que cobre o sonho da vida? Por quais misteriosos caminhos, o fogo sagrado *toca* a matéria do homem?

O Evangelho de São João diz: “O Verbo se fez carne”. São João da Cruz, em sua poesia mística, fala-nos de “toque delicado” do amor divino na alma humana. A física moderna nos mostrou que, por colisão entre partículas subatômicas, a matéria se converte em energia. Talvez, em todas estas formas de linguagem, esteja-se falando de um mesmo contato-princípio que a essência do poder de criação do mundo estabelece. Mas, as “figuras” que este princípio-Verbo traça

nas areias do tempo histórico são diferentes. Já não falo aqui de “encarnação do Verbo”, “toque místico na alma”, “colisão de partículas e transmutação de matéria/energia”, senão que me antecipo a dizer o que me diz meu coração: “Transfiguração Social do Verbo”.

A explosão da forma A-nuncia uma nova coreografia da vida. O campo vibratório desta transfiguração do Verbo nos *toca* hoje muito de perto, mas seu resplendor primeiro nos escapa das mãos: nossos olhos, acostumados durante tão longo tempo ao jogo de sombras na caverna social, só veem as densas formas materiais do mundo que foi.

Não é que o “toque” de Transfiguração nunca tenha sido conhecido em escala social, mas foi esquecido. Não posso menos que recordar um Heráclito, que toma *contato* direto com um fogo sagrado das estrelas; ou um Goethe, que decifra a linguagem secreta da Mãe-natureza; não podemos chamá-los propriamente “filósofos” e sim, homens de visão apaixonada que registram em sua própria matéria, a onda profética da Vida. Depois, vieram os filósofos do pensamento ilustrado: ficaram com as ideias, mas perderam “contato” com o mistério da vida; quiseram explicar tudo, mas no final do caminho reto, encontraram-se com o nada. No começo do século, vieram os pais-fundadores da ciência-moderna; não podemos chamá-los propriamente de “cientistas” e sim, místicos-sábios: formularam as grandes leis do universo em língua matemática; mas depois, vieram os cientistas: esqueceram a linguagem simbólica revelada pela ciência-mãe e ficaram com o poder da técnica.

Hoje, encontramos ante um dilema fundamental. Quisemos aprisionar a vida em uma forma: mas a forma explodiu! Qual é o dilema?

Remontar o voo
junto com a borboleta que esvoaça sobre as águas da vida

ou ficar na casa da cidade perdida.

Começamos a escutar o “tom” fundamental, a “nota”-Mãe da sinfonia cósmica da era que se inicia: clave gen-ética do mundo vindouro. Não sei quais palavras utilizar para traduzir em linguagem formal, o ritmo vibratório deste primo-gene da Vida, que con-figura novas funções da vida.

O que sei é que muitas das palavras que utilizamos até agora para decifrar o código simbólico que preside as grandes transformações da

vida social deixaram de ter significado para o homem. Já não sabemos muito bem o que queremos dizer com palavras como “evolução”, “revolução social”, “participação do povo”, “teologia da libertação”. A realidade social é outra: a matéria escura entrou em fase de transmutação alquímica.

E o escuro se tornou mais escuro que o escuro: ruptura da forma que sustentava o mundo.

A explosão da forma nos deixou à intempérie, na escura noite. Os acontecimentos se precipitaram em forma catastrófica: de repente, ficamos “expostos”: expostos a quê? Multiplicam-se as respostas. Expostos à violência social: roubos, seqüestros, violações, assassinatos? Expostos à sedução: pelo sexo, a droga, o dinheiro, o poder? Expostos à informação: fluxo contínuo de dados, circulação de dinheiro eletrônico, telemarketing, implosão de massa social por interação de meios? Há algo mais profundo por trás (ou por baixo) destes efeitos “catastróficos” de ruptura da forma social: “radiação social de fundo”. De repente, nossos ritmos biológicos: cerebrais, neuroquímicos, hormonais, mentais, emocionais, ficam conectados com o campo magnético de um corpo cósmico-social mais amplo, que pressentimos, antes de conhecer. A fisicoquímica e a biologia molecular investigaram no laboratório, as condições em que se produzem estas transições de fase, de uma estrutura para outra: desenvolvimentos morfogenéticos por interação de meios (*linked rhythms*). O importante é dar-nos conta de que estes acoplamentos de ritmos — “energia de enlace” — não só desencadeiam mudanças qualitativas na organização social e na ordem cultural, senão que introduzem novas possibilidades dinâmicas em nossa fisiologia orgânica.

A “ruptura da forma” (de todas as formas): formas políticas, sociais, econômicas, formas da linguagem, formas de organização, fisicoquímica de nosso próprio corpo, forma objetiva de organização do mundo... todas estas formas que dávamos como constantes, pelo menos em sua significação ontológica, todas estas configurações do ser vieram abaixo — não puderam resistir ao renovado impulso da vida.

Frente a este desmoronamento do Templo social e ante a iminente ameaça de “desamparo social” em escala planetária, os centros de poder político e econômico projetam na tela da mente coletiva, a imagem sedutora do que eles chamam de “Nova Ordem do Mundo” (World Order Model). Nova forma de organização social do mundo?

Não só de organização vive o homem.

O que hoje está em jogo, primordialmente, por ruptura da forma, não é uma nova “forma” de organização social, mas um “mundo” novo. E, para esse mundo, carecemos de teoria de organização.

Ficamos expostos.

Expostos a quê?

Expostos ao poder do Verbo.

FRATURA DO TEMPO HISTÓRICO

Vou em busca da verdade.
Longa e penosa foi a marcha.

Bato à porta do Santuário:
ninguém responde.
Bato pela segunda vez...

.....

Um forte Vento
que sopra desde a montanha
arranca as folhas das árvores.

O DRAMA DA CRUZ OCULTOU A EPIFANIA DA TRANSFIGURAÇÃO

Também hoje, quando o mundo técnico que levamos às costas curva nossa triste figura, a sombra da caravana que produz marcas nos caminhos da Terra oculta o resplendor do céu.

Só uns poucos levantam o olhar.

Nem todo o povo subiu ao Sinai para ouvir de perto a Palavra que “descia em meio ao fogo”, nem sequer os sacerdotes: somente Moisés (Êx. 19:18-21). Tampouco os discípulos de Jesus foram testemunhas da “transfiguração no monte alto”; só três (Pedro, Santiago, João) e deram testemunho: “Brilhou seu rosto como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz” (Mt. 17:1,2).

A tradição cristã de “encarnação do Verbo” ficou, de alguma maneira, presa no drama passionista da cruz. Se bem que Paulo de Tarso tenha sido o mensageiro da “ressurreição”, os peregrinos cristãos continuaram percorrendo os caminhos do mundo, sob o peso da cruz. Por que, apesar da mística e da escolástica, ficou oculto ao entendimento o significado da “Transfiguração”? Eu diria: não era a hora.

O mistério da “Transfiguração”, pertencente à teurgia do Fogo Solar, se bem que conhecido no círculo hermético da tradição espiritual da humanidade, não foi acessível até agora à inteligência e à sensibilidade do homem. E ainda hoje, apesar do descobrimento da radiatividade da matéria, da fissão atômica, da transmutação dos elementos, da radiação cósmica de fundo, essa “Transfiguração do Verbo” escapa uma e outra vez da tela inteligente do homem moderno. Por que a “Transfiguração” escapa a nosso olhar?

Porque é um acontecer de proximidade.

É poder que nos golpeia de perto: movimento da vida profunda que está ocorrendo aqui mesmo, neste mesmo instante. A “Transfiguração do Verbo” se antecipa ao tempo histórico como súbito cintilar que se oculta por trás de um espesso véu: Sol que ilumina, ocultando-se. Mistério de iluminação cosmogônica que pertence a nosso tempo e nos chama a desvelar sua significação divina e humana, ao mesmo tempo.

Advento inicial.

Alguns poucos viram de perto o “fogo cósmico”: mas seus olhos foram cegados pelo resplendor primeiro. Não foi no cume do Sinai nem no “monte alto” do Evangelho, mas no deserto do Novo México: 16 de julho de 1945; 5:29:45 da madrugada.

Mais brilhante que mil sóis no céu!,

exclama Oppenheimer, recordando a passagem do Bhagavad Gita, na qual Arjuna fica deslumbrado, à vista do Senhor. E acrescenta a seguir: “Converti-me na morte, em destruidor de mundos!”.

Pouco tempo depois, outro visionário, Teilhard de Chardin, desde Pequim, declarava:

Pela primeira vez, ardeu sobre a Terra um fogo cósmico.

De qualquer modo, foram “muito poucos” os que viram o resplandecente rosto do Senhor por trás do véu do fogo atômico; “muitos” não viram nada: ou melhor, só viram que a vontade de poder do homem havia aberto um dos selos do livro, até ontem fechado, da natureza.

A primeira explosão atômica, inteligentemente conduzida pelos sábios da Terra foi, em realidade, uma co-incidência significativa de poder, entre o que é do homem e o que é além do homem. Para além do experimento técnico que conduziria à fabricação da bomba e para aquém do véu que oculta o rosto dos “senhores da morte, destruidores do mundo”, a primeira explosão atômica foi a

“abertura de uma porta selada”

que nos havia mantido, até então, prisioneiros em um castelo de pedra. Essa

“abertura”

implicou uma mudança radical na relação do homem com o universo: uma “porta de saída”.

Quando digo “porta de saída”, não me refiro somente à possibilidade da corrida do espaço e da exploração científica do cosmos, mas à “partição”, já não das águas, mas da matéria, para sair do Egito e penetrar no mistério da alma cósmica. Neste grande cenário cosmogônico de trans-figuração de forças da Vida, a saída ao espaço cósmico é somente a “metade da fórmula”: talvez só a premissa técnica de “Transfiguração Social do Verbo”.

Indubitavelmente, os “mil sóis que brilhavam no céu”, ao olhar objetivo de Oppenheimer, não era o rosto do Senhor: somente um véu que ocultava o olhar do céu. Mas o Senhor se havia transfigurado, ante o olhar assombrado do homem.

Pela brecha recém aberta,

Deus e o homem
estendem a mão
e cruzam o olhar.

O OLHAR DO SENHOR TOCOU O CORAÇÃO DA MATÉRIA-VIRGEM

Havia-se “quebrado o molde”. Já não houve “terra firme”. A casa que habitávamos ficou “sem sustento”. Giro da força: no novo “campo antigravitacional”, todas as leis mudaram de signo.

Havia nascido um “corpo de fogo”.

Esta “ruptura de simetria” do mundo do homem foi o que *não* entenderam os doutores da lei e os escribas do império: *não* entenderam que havia nascido “algo” completamente novo. Ou talvez *sim*, houvessem pressentido: as raízes da vida haviam sido tocadas e a vida não queria morrer. E, tanto o pressentiram que, desde as próprias entranhas da terra, levantou-se um poder-obsuro que vinha com mil rostos e uma única recomendação: aniquilar o “germe” recém nascido.

Qual é o signo (sina) que marcou o nascimento do novo filho do Sol?

Para o sentir profundo: a estrela única.

Para a intuição pro-fética: o campo antigravitacional da obra.

O que é “campo antigravitacional da obra”?

Olhar do Senhor
na casa sem sustento.

A atividade frenética do mundo técnico nos fez perder o sentido da Obra. Mas, o poder antigravitacional do Olhar do Senhor nos tira uma e outra vez de nossa casa para levar-nos de novo ao lar. No fogo do lar, o “Olhar do Senhor” e a “matéria do homem” se reúnem e transfiguram em uma mesma Obra de arte:

Outra con-figuração da vida.

É ainda muito fraca a percepção desta nova estrutura de ressonância que brilha como estrela principiante no horizonte do porvir: sinal anunciador do novo caminho do homem.

Tudo me faz pensar que as gerações vindouras já não lutarão pelo salário (porque o terão perdido): lutarão pela Obra. E já não será a obra de um ou de uns poucos: será a Obra de *todos*. Ainda é demasiado cedo: a claridade da Aurora ainda não dissipou as sombras da escura noite. Mas ouço os passos dos peregrinos, que desde os quatro pontos cardeais da antiga Terra vêm reunir-se no Templo Social do Quinto Reino.

Ainda não despertamos. A terra estremece, o véu do templo se rasgou de cima a baixo, nossa casa ficou sem sustento e filósofos, políticos, epistemólogos continuam procurando “fundamento” para uma realidade “sem fundamento”. O corpo social está fragmentado, os personagens do drama humano se “dispersaram aos quatro ventos” (*Martín Fierro*): mas o poder político e econômico continua predicando o novo evangelho liberal. O planeta se aquece, são contaminados mares e rios, desflorestamento, buraco na camada de ozônio, erosão do solo, explosões atômicas subterrâneas: mas os dirigentes mundiais, nas “reuniões dos grandes da Terra”, não conseguem constituir uma frente solidária, em defesa da vida. O homem fracassou, uma vez mais, na missão que lhe foi confiada: “cultivar e guardar o Éden”. A Mãe-natureza foi degradada, o meio tecnológico manipula as molas da vida: o homem foi expulso de sua própria casa. No ponto crítico de máximo descenso gravitacional da matéria humana, as forças da vida mudam de signo; e se inicia o ascenso em direção a outra estrela.

A chave do porvir do homem não é outra ideia:
é outro meio.

O novo *meio* é “antigravitacional”. E não foi criado pelo homem: foi imposto a ele por lei de transcendência da vida. Este campo antigravitacional constitui nosso “meio interno”: nele nos movemos, somos e temos nosso ser. A tradição espiritual da humanidade preservou sob herméticos signos a dupla face da grande corrente cósmica da Vida, mas em nosso tempo, o homem volta a tomar contato com o Verbo, através dos novos caminhos da ciência.

Quando ouvimos falar de “campo antigravitacional”, em seguida nosso pensamento se remete às cápsulas espaciais e aos astronautas

que flutuam sem gravidade no espaço, mas nos escapa essa força de “anti-gravidade” que gira em sentido in-verso às leis do mundo físico e nos chama a “remontar a costa da água”, como diria Leopoldo Marechal. Este giro qualitativo da Força no coração do homem põe em movimento uma nova “fisiologia” de reversibilidade de valores.

Paradoxo da mensagem do novo signo do tempo:

Antes que o homem pusesse
uma cápsula na órbita terrestre

já havia sido “retirado da Terra”.

Antes que o dono da casa se desse conta da presença de um intruso, os sinais do campo antigravitacional, ressoando na matéria, haviam mudado a geometria das moléculas da vida.

A ressonância magnética anti-gravitacional
é o primeiro sinal
que a Mensagem transmite ao mensageiro.

GEN-ÉTICA DE TRANSFIGURAÇÃO

E se transfigurou ante eles.

Mateus 17:1-2

É a transfiguração do Verbo: um livro fechado que o homem quer tomar em suas mãos.

O Evangelho se havia adiantado demasiado: ainda não havia vindo a Igreja, nem a revolução industrial, nem o marxismo, nem a bomba atômica. O homem vivia, bem ou mal, instalado em sua casa de pedra. O Verbo estava ali, resplandecendo *ante* os homens, mas *não* no homem. Foram necessárias profundas transformações da matéria, transformismo histórico, para que o homem pudesse incorporar em sua própria vida, o ritmo vibratório do universo: *gen-ética* de transfiguração.

Algo mais que uma nova iluminação.

A ruptura da barreira cósmica produziu uma iluminação deslumbrante: muitos acreditaram que se poderia passar subitamente da longa evolução do homem terrestre, à expansão de consciência do homem-Sol. A revolução científico-técnica acreditou ter em suas mãos as chaves de liberação de todas as energias. A revolução social acreditou que havia chegado a hora dos povos, sociedade sem classes, justiça social. E os novos movimentos espirituais que surgiram ao ritmo da revolução científica e da revolução social proclamaram aos quatro ventos a chegada do reino. Todas estas correntes humanas vislumbraram por um instante a terra prometida; mas, como ocorrera a Moisés, não penetraram nela.

Era demasiado cedo.

A explosão da Ideia cegou os olhos daqueles que olharam o Sol de frente. Os “socialismos” fracassaram ao materializar a Ideia: materialismo político. Os “espiritualismos” fracassaram ao idealizar a Ideia: idealismo filosófico.

Não era hora de ascenso, mas de descenso.

Na longa tradição metafísica do Oriente e do Ocidente, que havia posto a ênfase do desenvolvimento humano na “iluminação” da alma,

quer se trate de iluminação intelectual, social ou espiritual, essa “visão” do homem e do mundo “não viu” o súbito ocultamento da luz, no instante de ruptura de simetria da matéria.

Novo signo do tempo: a matéria havia sido tocada em seu mais profundo centro.

A chave “orgânica” do mundo vindouro não é ideo-lógica, mas *gen-ética*: não outra ideia e sim, outra molécula. Ao chegar a este ponto, tropeço com a barreira da linguagem usual. Nem tudo pode ser representado, explicado, esclarecido: não estamos aqui, no alto do monte, à luz do dia, mas no abismo sem fundo da existência humana, na noite escura da matéria. Quando digo que a “chave orgânica” é *gen-ética*, quero significar que a língua que fala não fala com a clareza do *logos*, senão que fala com a obscuridade do corpo.

Chave *gen-ética*: transfiguração dos valores da alma em química da vida.

Essa trans-figuração, que no marco do novo signo do tempo nos leva da Genética biológica à *Gen-ética* social, realiza-se hoje em escala planetária, no laboratório secreto da Terra sub-terrânea: por oferta dos valores humanos, no altar do fogo sagrado da vida. Transfiguração sacrificial do homem: que viria a ser algo assim como o polo in-verso e complementar da radiante transfiguração do Verbo no monte alto.

Não é fácil ouvir o pulso ressonante do universo no coração do homem: o fluxo de informação do antigo código genético tem muita força, faz muito ruído, não deixa ouvir. Só em alguns instantes privilegiados, chegamos a escutar o esvoaçar da borboleta divina, agitando as águas da vida.

Aproximo-me com dificuldade desta “chave *gen-ética* de transfiguração do Verbo no coração do homem”; falo de “transfiguração sacrificial” e de “esvoaçar da borboleta divina” sobre as águas da vida, mas estas formas poético-místicas da linguagem só dizem algo do que se oculta nesse dizer algo. O que *é* isso que se oculta? Eu diria que é um “operador sagrado” que, como molécula catalítica, preside as operações da Obra.

Molécula de transfiguração!

A chave *gen-ética* da vida não é uma Ideia (ainda que escrevamos a palavra com maiúscula), mas um “operador simbólico” da Língua: molécula-ponte, “chave” de transfiguração. Moléculas como o ADN ou a hemoglobina (Hb) são algo mais que moléculas, em termos de química orgânica; sua configuração estrutural é algo assim como a

arquitetura simbólica de uma catedral gótica: ressonância analógica entre o espírito e a matéria.

Em meio às grandes transformações materiais e espirituais do mundo de hoje, quando o homem moderno ficou à intempérie por ruptura da barreira cósmica e já não brota água viva para saciar a sede, a estrela que guia o caminhante até a fonte da vida é uma nova “molécula-Mãe”.

Molécula-mensageira?

Até agora, conhecemos a linha de transmissão genética de pais a filhos (ADN-ARN mensageiros) e a corrente de tradição cultural e espiritual de civilizações, povos e raças da Terra. Conhecemos o patrimônio hereditário do homem do quarto reino (da química do carbono), seu código genético, linguístico, cultural. Mas, eis aqui que, ao final de um grande ciclo cosmogônico-histórico, encontramos com um patrimônio hereditário fortemente danificado: por deterioração da vida da Terra, esvaziamento espiritual das instituições, degradação de funções sagradas do homem. Bem é certo que temos nas mãos o evangelho da ciência e o poder da técnica: mas, só com estas forças não podemos reconstruir o Templo.

A quarta idade do mundo chega a seu fim. O plasma social, levado a temperatura extrema, desintegra os compostos da vida. A noite do tempo parece interminável: mas, antes do amanhecer, a luz que ingressa põe seu selo na matéria escura.

Sinais anunciadores.

Os mestres alquimistas,
como sinal de perfeição da Obra,
viam aparecer sobre o composto,
a Estrela dos sábios: compos-stella.

Nós, filhos da ciência e da técnica,
como sinal de transfiguração do Verbo,
vemos aparecer a borboleta da simetria
agitando suas asas sobre a matéria des-estabilizada do mundo.

Aqui me detenho: o pensamento se deteve. Dou-me conta de que o que tento dizer não encontra “formas” de ser dito. No entanto, de uma ou de outra maneira, faço referência a “pegadas” do sagrado, nas moléculas da vida. Como o sei? Não o sei: pressinto-o. O sentir

profundo diz o que o pensamento não pode dizer. Outro instrumento, outra fisiologia humana, exploram o caminho recém aberto.

NA FRONTEIRA DO TEMPO NASCE UMA NOVA MOLÉCULA: MATÉRIA-SOCIAL

Pressentimos um novo começo, como quando “a Terra estava confusa e vazia e as trevas cobriam a face do abismo”. Não é propriamente tempo social e sim, tempo cosmogônico. Outra vez, “no início era o caos”. Quando o tempo histórico parece suspenso, quando foi rompido o antigo pacto com a natureza, quando a estabilidade da ordem social é substituída pela dinâmica de incerteza, quando os próprios relógios químicos da vida marcam uma hora diferente, nessa “fratura do tempo” começamos a ouvir o suave esvoaçar da borboleta divina sobre as águas da vida. Outra vez, como nos antigos mitos, a Ordem emergindo do Caos.

Não é que nos falte algo. Temos tudo, mas tudo está fora de lugar e fora de medida. Já não temos a ilusão de transformar o mundo: só queremos escutar o prelúdio de criação do mundo. E, quando conseguimos penetrar na onda de sentido que precede a aurora, chegamos a dar-nos conta de que o *ritmo* do Verbo prefigura a química da Vida: volta a pôr todas as coisas em seu lugar.

A chave para decifrar a organização social do mundo que advém não é uma nova doutrina social ou uma nova teologia do Verbo: a chave é a “ressonância” do Verbo na matéria des-estabilizada do homem.

O que é esta “ressonância”? É um novo estado da matéria, uma nova forma de energia, uma nova força? Chamo-a de “matéria-social”. É um recurso muito escasso: como o petróleo, o urânio, o ouro, as pedras preciosas e outros materiais “nobres”, a “matéria-social” está sendo elaborada, com grande esforço e sacrifício, no crisol da terra profunda. É a “veste social” do Verbo: veste confeccionada em sua honra (como diria o salmista), pelos homens e mulheres que constituem a vanguarda espiritual do mundo.

Qual é a palavra, a função, a obra desta vanguarda espiritual que hoje se adianta à vanguarda política? Qual é seu “lugar” no mundo?

A vanguarda mística foi transferida, por transposição gen-ética, da cela monástica à oficina do alquimista: para elaborar com sua própria matéria humana, a matéria-social do Verbo. Dimensão superior na

hierarquia de funções da Árvore da Vida. “Vanguarda da vanguarda”, como costumava nomear o Che Guevara – na escola da selva boliviana – aqueles que podiam graduar-se, já não só como revolucionários, mas como “homens”.

Trata-se de responder com todo o corpo, com todas as funções da vida humana, ao poder con-vocante do Verbo. Essa resposta vai além de toda filosofia política e de toda doutrina revolucionária.

Muitos, que têm muita teoria da revolução,
não fazem a revolução.

Uns poucos, que não têm nenhuma teoria da revolução,
fazem a revolução.

Hoje, estamos além (ou talvez aquém) do horizonte histórico das revoluções sociais. O tempo social, enquanto essencialmente social, chegou a seu fim: perdemos a “guerra social”. São “outros” os protagonistas que medem suas forças no drama cosmogônico do mundo moderno.

Os fortes estão dentro,
os fracos fora.
I Ching, 28

Precisa tipificação do *Livro das Mutações*, do tempo de catástrofe cíclica que estamos vivendo. Qual é a raiz essencial desta catástrofe? É o poder do imperialismo que se tornou cada vez mais forte por sua própria vontade de domínio, ou são os próprios povos da Terra que se tornaram cada vez mais fracos, ao perder sua alma cósmica? Quando o essencial é perdido, o relógio interno da vida se detém: o tempo social acaba.

O *acabou* é quando uma ideia desaparece como ideia, para converter-se em uma coisa entre as coisas.²

De qualquer modo, neste momento, tempo de catástrofe

² Jean Baudrillard, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996.

cosmogônica, não só perdemos a alma cósmica, não só as ideias desaparecem para converterem-se em coisas entre as coisas, também perdemos a “matéria-social”: vínculo de ressonância material-social do homem com o homem (não só institucional-simbólica). Onde está teu irmão? Ninguém responde.

Conhecemos o “contrato social”, a organização política das nações, a organização técnica do tecido social, os códigos religiosos que governam a moral pública... mas não conhecemos a natureza desse fluxo de inter-ação humana que chamamos de “social” e de cujo justo funcionamento (“justiça social”) depende a vida e a morte do “Corpo Social”.

Da antiga ordem social, fundada em uma “mecânica racional” de regulações jurídicas, pautas econômicas, normas sociais, passamos a um Corpo orgânico de “incêndio” da matéria-social: em cujo campo de forças o “vínculo social” muda de natureza.

O que é “matéria-social”?

Matéria-social é algo mais que aquilo que chamamos de relações sociais, direitos sociais, solidariedade social, justiça social, economia social: é outro *estado* da matéria humana, outra *química* da vida, outro *sentido* da história. Matéria-social é “ouro alquímico”: transfiguração dos “metais pesados”, no laboratório secreto da fisiologia humana. Mas, há aqui uma chave de transmutação dos elementos, que escapa aos vulgares fabricantes de ouro metálico e que só é conhecida pelos artesãos da Obra; os alquimistas diziam: “Para obter ouro, é preciso ter um pouco de ouro”; o Evangelho diz: “Àquele que tem, dar-se-lhe-á e àquele que não tem, ainda o que tem lhe será tirado”. São regras da arte.

Hoje, em um tempo social onde “os fortes estão dentro e os fracos fora”, a vanguarda *gen-ética* se adianta à vanguarda política.

Rompeu-se o ciclo dos elementos do quarto reino (a lógica da química orgânica do carbono, C, de quatro valências) e se antecipa à criação de um “quinto elemento” que catalisa as transformações sociais do mundo vindouro. Esse “quinto elemento” vem de mãos dadas com uma vanguarda *gen-ética*.

Vanguarda *gen-ética*: vanguarda da Vanguarda?

Há uma urgência da hora e essa “urgência” explica muitas coisas que, em tempos mais pacíficos de menor turbulência social, não haveriam ocorrido: refiro-me à missão sacrificial da vanguarda. A vanguarda social-política da década de 60 foi sacrificada: os “fortes” ganharam a guerra e impuseram seu modelo de dominação mundial.

Mas, na hora de máximo perigo, quando a vida sobre a Terra está ameaçada e o homem foi tocado de morte – por danos irreparáveis do patrimônio genético – a Vida, para salvar a vida, convoca a “reserva” genética da própria vida (esse “espírito genético do povo”, como diria Herder) que vem a ser algo assim como a vítima propiciatória no altar do sacrifício coletivo. Dito de outro modo, porque assim o sinto, é como se a retirada da vanguarda do primeiro sacrifício *precipitasse* a ação da vanguarda de reserva: mas, já não por escolha e sim, por destino. Digo que, no contexto planetário onde os “fortes” dominam, o próprio campo magnético-social “precipita” (por “implosão de massa”, como diria Baudrillard) a ação-expansiva da segunda vanguarda sacrificial. Quem são os prot-agonistas desta in-ação libertária, desencadeada em níveis subatômicos da matéria e que muito poucas vezes chega a ser registrada à luz da consciência?

Todos somos hoje prot-agonistas – os “fortes” e os “fracos” – de um drama ao mesmo tempo humano e cósmico, que representamos “sem libreto”, no grande cenário do mundo moderno. É tal a violência sagrada da radiação do Verbo sobre a matéria do homem que, *antes* de “escolher” o caminho da liberação, “somos escolhidos” (convocados) para o sacrifício. Quando a hora é chegada para “outro destino”, a enigmática lógica do destino não pergunta pelo tempo do homem: não pergunta se está preparado para renovar sua veste genética. Nessa hora de ruptura de simetria do sistema, milhões de seres humanos (“fortes” e “fracos”) são “precipitados” para os limites da experiência extrema, sem terem o mais mínimo aviso de que vão se encontrar com o touro.

Nem tudo, no entanto, é assim; nem toda a vanguarda de hoje é uma vanguarda de destino sacrificial: há uma “vanguarda da vanguarda” que, em tempos difíceis, “quando os fortes estão dentro e os fracos fora”, retira-se para a “oficina do artesão” (“ribossomo Social”, por analogia com o ribossomo da célula biológica) para encaixar ali os valores sociais, na grande cadeia de transmissão de bens da vida e preparar a nova molécula-ponte que há de servir de suporte gen-ético à química social do quinto reino.

DA FILOSOFIA POLÍTICA À QUÍMICA SOCIAL

GIRO DA FORÇA NO CORAÇÃO DO POVO

A viga mestra no teto da casa suporta demasiado peso e se dobra no meio. Os fortes que estão dentro acumularam poder e mais poder, mas eles não são o poder: e não podem, por seus próprios meios, sustentar o poder que acumularam.

Tempo perigoso. Há demasiado poder acumulado no mundo de hoje: poder atômico, poder financeiro, poder de conhecimento, poder de sedução, poder de desesperança... A viga mestra é forte no centro, mas é fraca nos extremos: no começo, por falta de princípios fundamentais enraizados na vida; no fim, por falta de sinais de destino para o homem. Mas, o que é que foi perdido no marco de poder do mundo moderno, para que nossa própria casa tenha ficado sem sustento?

O que se perdeu
é o salmo que sustentava a viga mestra.

Isto não o sabem os políticos, os economistas, os filósofos, os técnicos: sabem-no os poetas anunciadores. León Felipe, poeta espanhol republicano, exilado da guerra civil de 1936, em sua *Antología Rota*, canta esta catástrofe social em seu místico poema “El Salmo Fugitivo”.

A velha viga mestra que veio abaixo de repente,
estava sustentada por um salmo...

Como pode algo tão sutil como um “salmo” sustentar a viga mestra da casa do homem? Não é o poema: é a vibração do Verbo que, como esvoaçar da invisível borboleta, deixa sua marca-sustento nas águas da vida. Se esse algo tão volátil deixar de agitar as asas, o que parece forte vem abaixo.

... e se o salmo se rompe, rompe-se a lei.

A “clave” que sustenta a unidade funcional do Corpo orgânico da sociedade humana não é a ideologia política, o credo religioso, o código informático: é a “nota” vibratória de ressonância do Verbo nas moléculas da vida. Essa ressonância viva, essa borboleta-mensageira, esse salmo-sustento que se perdeu: o “salmo fugitivo” foi substituído pela onipresente “informação”.

O salmo sustentava a cúpula...
e ao cair o salmo
veio a guerra.

É o “fim” de nosso reconhecimento como filhos de uma mesma Mãe; perdemos o sentido de pertinência a um mesmo Corpo: falta-nos a “clave” de trans-missão que une todas as linguagens, na verdade de uma mesma Língua. Já não nos entendemos: a borboleta divina voou para o céu.

Até ontem apenas, antes que caísse a cúpula, ainda podíamos reconhecer o companheiro, o amigo, o camarada, o pai, a mãe, o irmão: pela imagem, a história, o ADN, a ideologia, o nome do clube, da igreja, do povo. Hoje, este sentido de pertinência grupal se perdeu: caíram as máscaras, as instituições perderam a alma, os templos ficaram vazios. O novo código vibratório da Galáxia Humana em Implosão quebrou a simetria da antiga identidade: essa onda de antissentido separa os que estão unidos e une os que estão separados. Ainda mais, estamos entrando em um estado intermediário de “estar-sem pertencer”.

É precisamente neste estado “inter-mediário”, na “intempérie” de uma casa sem sustento, “no meio” desta fissura que rasga o véu do templo e parte a matéria do átomo, é precisamente neste novo lugar do homem no mundo, onde podemos voltar a escutar o esvoaçar da borboleta divina sobre as águas da vida: volta o canto do “salmo fugitivo”.

Mas o salmo ainda está de pé.
Foi-se dos templos – como nós, da tribo –
quando desabaram o telhado e a cúpula
e se ergueram a espada e o rancor.

“O salmo ainda está de pé”: voltou a acender-se o fogo na casa do homem. Mas, como “voltam” este salmo, este fogo?

Ouvi-o... olhai-o...

Vem uivando na rajada negra de todos os ventos
por todos os caminhos da Terra.

Ficamos expostos a esta “rajada negra de todos os ventos”.

Senhor! Senhor! Por onde se sai?

Já não vivemos em uma casa de pedra que resista à tempestade. Nosso corpo é outro: nossa arquitetura molecular desmorona por dentro e, sem dar-nos conta, estamos fora. Movemo-nos, vivemos e ocultamos nosso ser em um Corpo social, cujo rosto não chegamos a reconhecer: só percebemos seu ritmo, não sua forma. Ainda mais, todas as “formas” da linguagem, com as quais tentamos representar a mudança qualitativa na organização do mundo – quer falemos de globalização dos mercados, rede informática planetária, hegemonia do poder político... – todas estas “formas” de representação do social-global ocultam o rosto do novo corpo. Não podemos olhar-nos no espelho: porque não existe esse espelho. Dito de outro modo: o marco teórico que, até ontem apenas, permitia-nos “representar” a imagem de um mundo encerrado no círculo hermético da matéria, já não pode albergar em seu núcleo semântico a “chave” que explique a profunda transformação orgânica que hoje estamos experimentando, porque o próprio ritmo de Transfiguração Social do Verbo fez explodir o marco.

Por onde se sai?

É que já saímos! Não estamos no mesmo corpo, no mesmo mundo, no mesmo marco. Já arde o fogo sagrado no coração da matéria: é “outra matéria” (“matéria-social”). Qual é o desafio?

Sustentar a chama!

Para que possamos voltar para Casa.

Para que o templo, a escola, a praça, o mercado, o hospital... se re-
Unam no mesmo fogo do Lar.

Para que todos, re-Unidos no coração do povo, possamos cantar o mesmo Salmo.

Sustentar a chama!
Para que não se apague a vida.

É um grande desafio. Porque já não se trata de filosofia política ou de poesia mística, mas de química social. Não se trata de proclamar uma nova fé, um novo ideal, um novo pensamento; trata-se de criar uma nova matéria: matéria-social.

A VANGUARDA GEN-ÉTICA SE ADIANTA ÀS FORMAS SOCIAIS

Começamos a consagrar a vida, depois de havê-la perdido.

A vanguarda da vanguarda emerge hoje como “prot-agonista” na gesta heróica de criação da “matéria-social” do mundo vindouro.

O giro da força coloca a própria vida acima das valorações históricas da vida. Já pelos anos 20, Ortega y Gasset havia pressentido o advento de uma nova sensibilidade vital. “Tem-se vivido para a religião, para a ciência, para a moral, para a economia; tem-se vivido até para servir o fantasma da arte ou do prazer; a única coisa que não se tentou foi viver deliberadamente para a vida” ³. E, se perguntássemos à vida por quê vive a vida, teríamos que responder com o mestre Eckhart: “Vivo para viver, sem porquê”.

Percebe-se em nossas gerações jovens um impulso irresistível para expor a vida, a arriscá-la, a perdê-la: “sem porquê”. Os jovens puseram em jogo algo essencial à vida, em um mundo que se fechou aos bens da vida: sem sabê-lo, estão apostando em uma “nova dimensão de vida” (Omar Lazarte). Não se trata de uma nova filosofia da vida, mas de uma “fisiologia” de antecipação, para a qual é essencial uma transfiguração agônica da própria vida. Nessa “transfiguração agônica” a vanguarda da vanguarda anuncia a nova vida, experimentando com a própria vida; é arauto-e-experimento/sacrificial, ao mesmo tempo: prot-agonista do mundo vindouro. Algo dessa fisiologia cósmica de antecipação era vislumbrado pelo grande Ortega y Gasset, na década de 20. “A bem-aventurança tem um caráter biológico e, em um dia talvez menos distante do que o leitor suspeite – no qual seja elaborada uma biologia geral, da qual a que usamos só será um capítulo – a fauna e a fisiologia celestiais serão definidas e estudadas biologicamente como uma das tantas formas “possíveis” de vida” ⁴.

³ José Ortega y Gasset, *El Tema de Nuestro Tiempo*, Madrid, Revista de Occidente, 1923.

⁴ Idem.

É acerca deste “laboratório” de gestação de valores vitais, desta “oficina” da vanguarda da vanguarda, que gostaria de dizer algo: mesmo que seja somente a título de aproximação da ciência sagrada da vida.

O “elo social perdido” (“salmo fugitivo”) já não pode ser recuperado pelo jogo das mesmas forças sociais e políticas que conduziram à fragmentação do Corpo; e sim, por uma “força de enlace” totalmente nova: fogo convocante que reúne os valores humanos dispersos no novo *estado* da matéria, que identificamos simbolicamente como matéria-social. Esta “matéria-social” vem a ser algo assim como a veste-social (“corpo de fogo”) do Verbo. Tenho a impressão de que a parte mais “nobre” da matéria humana, que utilizamos durante séculos para construir nossas instituições sociais e organizações espirituais, está sendo transferida a um nível de ultraenergia que escapa a nosso olhar cotidiano: ficando sobre a terra organismos vazios, de borboletas que voaram. Brecha gen-ética, fratura vibratória entre mundos: já não falamos o mesmo idioma, já não temos o mesmo corpo nem vibramos com a mesma matéria.

A um olhar profundo, já podemos perceber, sobre o horizonte da noite escura da história, o primeiro resplendor de um Verbo ultrassocial que emerge por transfiguração sacrificial da humanidade. E surge a pergunta: como se produz o incêndio da matéria da Obra?

Até agora, não nos havíamos feito esta pergunta; não era coisa nossa, não era tarefa da humanidade: só víamos o poder da transfiguração na beleza da rosa (Gloria Dei) e no rosto luminoso do Senhor.

À vista do Senhor, Arjuna exclama:
“Esplendor de mil sóis
brilhando ao mesmo tempo no céu!”

E no Evangelho lemos:
“Brilhou seu rosto como o sol
e suas vestes se tornaram brancas como a luz”. (Mt. 17:2)

Estas belas formas poético-místicas da linguagem custodiam, por trás de espesso véu simbólico, o poder de transfiguração do fogo sagrado da Vida, mas já não sabemos o que nos querem dizer.

Já não vemos o rosto de fogo do Senhor:

Só fica o Fogo
como poder de transfiguração do mundo.

Qual é a química desta protomatéria que arde no coração do homem?

Não só de proteínas vive o homem.

O desafio é muito grande para as gerações vindouras: perdemos os planos originais da arquitetura do Templo. Os cientistas, filósofos, educadores, governantes não sabem como manejar o tremendo poder que foi liberado no mundo: o marco teórico que tinham para manejar a força explodiu em suas mãos. Por outro lado, a vanguarda da revolução social tropeça com um fogo revolucionário de massas que tampouco pode manejar: porque se trata da explosão de uma revolução, sem teoria da revolução.

A vanguarda é outra.

Mas, onde está a vanguarda *gen-ética* que ingressa como elemento humano na grande obra de Transfiguração Social do Verbo? Não está: retirou-se.

É a vanguarda da vanguarda:

que ao dar-se, retira-se.

Deposita em terra fértil o germe destilado da vida:

a matéria dos sábios,
o poder espiritual do sacrifício.

PRIMO-GENE: UMA FORÇA OBSCURA SAI AO ENCONTRO DO RECÉM NASCIDO

Olho o céu: o relógio cósmico marca uma hora diferente.

Os magos do Oriente haviam reconhecido o sinal: a Estrela anunciava um novo nascimento nas idades do mundo. Mas Herodes convocava as forças do inframundo para aniquilar o recém nascido. Hoje, no final de outro ciclo cosmogônico, o mesmo “Gene primordial” se aloja na matriz da terra-Mãe. E se desencadeia a mesma guerra arquetípica.

Em nosso tempo de fortes contrastes de luzes e sombras, pressinto o que poucos vislumbram. Leio no jornal espanhol *Las Provincias* (2 de novembro de 1993) um artigo que chama minha atenção: “Algo está nascendo”. Diz A. Gil Terrón: “Refiro-me a este velho mundo que agoniza. Algo vai acontecer. Respira-se no ambiente”.

Algo “já nasceu”. Já vivemos, movemo-nos e somos em um novo Corpo de fogo: forno de “fusão” atômica de elementos do céu e do inferno. Algo se quebrou em nosso antigo corpo físico: é o drama de um novo nascimento. Por que “drama”? Porque viajamos rumo às estrelas, sem sair de casa.

Começamos a descobrir o ritmo, o pulso, as correntes desta fisiologia cósmica que se antecipa à genética evolutiva e à filosofia da história. Não há ciência dos sábios da Terra que possa correr o véu que oculta o gesto primordial de dação de vida: ação do Verbo que, ao dar o “Primo-gene”, retira-se.

Não há entendimento humano que possa aceder a este “mistério” (mais que humano) de trans-figuração da matéria do mundo. Carecemos de “teoria” para interpretar o movimento das águas profundas da vida e nos falta “olho profético” para vislumbrar o destino do homem. Nem a metafísica, a religião, a ciência, a técnica... nenhum dos poderes humanos que dominam o mundo nos dá a chave para penetrar nos arcanos do porvir: são tábuas de pedra escritas de um só lado. Mas as tábuas recebidas por Moisés estavam escritas “dos dois lados” (Êx. 32:15) e o livro que guarda os segredos da vida é um “livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos” (Ap. 5:1).

Não é fácil aceder a essas “tábuas” nem ler esse “livro”. De qualquer modo, o que escapa ao entendimento é pre-sentido pelo coração.

Este “Primo-gene” (mais que humano)
já vibra nas entranhas
da matéria-humana.

Uma nova chave Gen-ética ordena a matéria social do mundo: nova geometria da vida. Um “nascimento” e uma “guerra”.

Hoje, como ontem, como sempre, a Luz se confronta com as Trevas. Não se trata simplesmente de guerra ideológica, luta dialética entre princípios metafísicos, combate entre deuses arquetípicos, mas de choque/ressonância de luz/matéria no intracorpo (ao modo de colisão de partícula-onda, nos grandes aceleradores): fratura vibratória, matéria/antimatéria, criação e destruição de mundos, poder do Verbo que desintegra-e-ilumina. Dito de outro modo: a chave gen-ética de transfiguração do Verbo no coração do homem transcende (in-corporando em um corpo maior) a antiga linha de transmissão de ADN que funda a herança material dos filhos da Terra.

A biotecnologia conseguiu criar “animais transgênicos” que, por implantação de genes humanos, fabricam moléculas protéicas “humanas” que são utilizadas para curar enfermidades do homem. E surge a pergunta: é possível, por implantação de um “gene divino” no genoma humano, chegar a uma nova estirpe de “homens transgênicos” que possa assegurar a trans-missão de uma herança divino/humana para “mais vida”? Quem pode celebrar este “enlace” teúrgico entre o espírito e a matéria? Como se realiza a Obra deste raio invisível que “toca” a matéria e a transfigura em germe de vida? E, o que é essa matéria?

Diz o Senhor, no *Bhagavad Gita*:

“Para mim é como a matriz
onde eu deposito o germe”.

Mas, não nos adiantemos. Herodes sabia muito bem que o fermento-Crístico recém nascido (Primo-gene) ia fermentar a massa social do reino e destronar seu reinado: e ordenou a matança de *todos* os recém nascidos. Mas, o primogênito se havia retirado ao Deserto. Hoje, em outra volta do tempo, em outra ronda das estrelas, na Mesma

hora fundacional de retorno da luz, os novos Herodes da Terra, para preservar o reino dos antigos deuses do dinheiro e do poder, voltaram a ordenar o “sacrifício dos inocentes” (valendo-se das poderosas forças sub-terrâneas, ocultas no coração do homem).

O Primo-gene era (*é*) perigoso: subversivo, em termos modernos. Mas, nem o antigo Herodes nem os modernos Herodes puderam aniquilar o princípio-raiz do Verbo que move a maquinaria genética da vida. Onde está hoje a vanguarda da vanguarda? Não está. Retirou-se para o deserto.

Em termos de filosofia da história, faço-me uma pergunta: poderíamos imaginar um cristianismo sem Herodes?

É uma pergunta que não pode ser respondida pela lógica do tempo linear. Herodes, enquanto personificação da força cosmogônica de desintegração de formas, tinha (tem) que fazer “o quer tem de fazer” (“o que tens de fazer, faze-o logo”, Jo. 13:27). Esse poder tem sua própria função no drama que deuses e demônios desempenham no grande cenário social de transfiguração gen-ética da vida: é o lado oculto da lei, a face obscura do *logos*. Nossa visão racionalista do mundo, nossa teologia de um deus criador, nosso *logos*-intelecto que só pode ler a face visível das tábuas da Lei, esse reducionismo intelectual nos ocultou o “duplo movimento” da Força que cria e destrói os mundos.

No antigo signo do tempo, no reino terrestre de quatro dimensões, na fisiologia humana centrada na química do carbono, a própria estrutura da mente racional só fez possível a leitura de “uma” das faces do livro da Lei (a face iluminada por Apolo), devendo ficar a “outra”, oculta no mistério do desconhecido (o mérito de Heidegger é haver posto a descoberto este “esquecimento do ser” no desenvolvimento histórico do pensamento metafísico do Ocidente). Hoje, na era cósmica que se inicia, de grandes transformações planetárias e flutuações críticas da matéria, sob o impacto do “furacão Herodes”, na crista desta onda de criação/destruição, o homem terrestre experimenta em seu intracampo, um salto qualitativo na ordem hierárquica de funções da vida: salto da dialética da mente racional à reversibilidade de valores do pensar/sentinte por analogia. O homem do quinto reino (que chegou demasiado cedo) começa a *ouvir* (ainda antes de compreender) o ritmo contrapontístico da lei e a *pre-sentir* (antes de ver) a inocultável “transparência do mal” (Baudrillard) por trás do véu sedutor das formas radiantes da vida.

Com a abertura do “primeiro selo” (revelação intuitiva da ciência moderna e explosão atômica), rompeu-se o marco teórico que sustentava (e até certo ponto legitimava) a imagem racional do mundo. Hoje, são “outros” os poderes que governam o mundo: toda a Terra está ocupada e o homem fica exilado em sua própria casa.

Hora de reflexão, em tempo de exílio.

Lembro-me: não queríamos uma sociedade anônima, sem rosto; queríamos uma sociedade humana, com rosto humano que brilhasse como o sol e coração humano que pulsasse como a estrela da manhã. Escolhemos como bandeira, o ideal de transcendência espiritual do homem e pusemos em movimento a revolução social que haveria de transformar o mundo: queríamos reverter as forças obscuras da história e transfigurar a obscura trama social em vestes de luz. Mas, cedo tivemos de dar-nos conta de que os castelos de areia que havíamos construído na praia, em tempos de bonança, foram derrubados sob o impacto do forte vento que soprava do deserto; havia excesso de ideal, de metafísica da metafísica, de revolução dentro da revolução: faltava chão. E nos demos conta de que, em lugar de subir mais alto, tínhamos que descer “mais baixo”, em busca de rocha firme que servisse de base, de fundamento inamovível para edificar o templo. Mas, cedo também nos daríamos conta de que não existia essa “rocha” nem esse “fundamento”: em nossa viagem de descida, em busca de fundamento, em lugar de um solo firme, encontrávamos um abismo sem chão.

Não havia saída:

nem pelos ideais da alma
nem pelo abismo da existência.

Neste ponto crítico, onde a vida que foi tocada pela morte chama à vida, intervém outra força que não pertence nem à vida nem à morte.

TEURGIA DE TRANSFIGURAÇÃO

Entramos em um terreno não explorado: perguntamos pela lei de reversão da Força.

Ao dizer “teurgia”, estamos nos referindo, de uma ou de outra maneira e com diferentes formas de linguagem, ao poder de transfiguração do Verbo.

Brilhou seu rosto como o sol
e suas vestes se tornaram brancas como a luz.
(Mt. 17:2)

A pergunta é: como o faz?

Levanta Moisés o cajado que leva na mão
fere a rocha do Horeb
e brota a água para que o povo beba.
(Êx. 17:5,6)

Sim, mas como o faz?

A tradição espiritual nos apresenta estes acontecimentos como formas de poder da Vontade divina, como princípio de ação da Palavra criadora. No Egito, Moisés “levantou seu cajado, golpeou as águas do rio... e toda a água se converteu em sangue...”, “Mas, os magos do faraó fizeram o mesmo com seus encantamentos” (Êx. 7:19, 22). É a mesma magia, o mesmo poder?

Também os magos modernos, pelo poder da técnica, podem produzir animais transgênicos e homens clonados. É a força sacerdotal de Moisés ou o encantamento dos magos do faraó?

Pode o homem de nosso tempo tomar em suas mãos esse “poder teúrgico” que aparece como reservado a deuses e magos? Em uma era de esgotamento de reservas energéticas, chegamos a dar-nos conta de que existe um “elo perdido” na cadeia de trans-missão gen-ética, entre o céu e a terra: falta o “operador simbólico” que transfira o potencial gênico do Verbo a moléculas energ-éticas de vida humana. Em outros termos: o poder teúrgico de Transfiguração permanece oculto ao olhar

do homem por trás do espesso véu, imposto pela vontade de poder da técnica.

Este operador simbólico é a “mão semicerrada” do homem que se antecipou ao fechamento do atual ciclo histórico: não é o homem que leva a vara (linha reta), mas o cajado (curvo em seu extremo superior): outra vez o “cajado”, como na mão de Moisés, como a “curvatura” do espaço-tempo, no universo de Einstein. Nova geometria da vida. Já não estamos aqui no âmbito ideal de uma metafísica do ser nem no terreno material de uma física do fazer; estamos no lugar do movimento da mão do homem: mão semicerrada que contém a força, no ponto crítico entre a ação e a in-ação, entre a ideia que se antecipa à forma e a forma que se nega a ficar fechada na forma.

Até 1953, quando James D. Watson e Francis Crick publicaram o modelo da hélice dupla do ADN, não tínhamos pontos de apoio nas ciências da vida para articular, em um marco científico-experimental, os sinais intuitivos que vinham pelo caminho da experiência mística. Mas, eis aqui que, de repente, desdobrava-se ante nossos olhos um campo de teurgia cosmogônica completamente novo.

Víamos como a molécula de ADN, que leva codificado em língua matemática o material genético da vida, transfigurava-se em sedosos cabelos e coração palpitante.

E nos perguntávamos: como o faz?

Quando pude fazer uma leitura simbólica dos passos transicionais no caminho de transcrição e tradução do código genético, cheguei a dar-me conta de que havia um padrão universal de “gênese”, com leis gerais de mensagem e mensageiro que, por transposição analógica, tanto podia ser lido na ordem biológica quanto na cosmológica e na sociológica: o ato de criação é o mesmo, a matéria é diferente. O “Faça-se a luz” do Gênese bíblico ressoa em nosso ouvido interior como som primordial do Verbo que organiza a matéria-social do mundo. “Modelou Deus o homem da argila e soprou-lhe no rosto, alento de vida” (Gên. 2:7); o mesmo princípio originário de ação move a maquinaria genética, mas a “matéria” é diferente: já não é a “argila” (Mãe primordial) nem as “túnicas de peles” com que Deus vestiu o homem e a mulher à saída do paraíso, mas proteínas e ácidos nucléicos.

Hoje, ao cruzar a barreira do tempo, quando ruiu o templo de pedra e a casa do homem ficou sem sustento, o sinal condutor não é uma nova visão do mundo, mas uma con-figuração gen-ética da matéria: matéria-social. Esta “molécula” portadora de energia social é o enlace de ressonância que sustenta a química social do corpo unificado da humanidade vindoura: assim como a molécula de hemoglobina (Hb), portadora de oxigênio, sustenta a respiração e a vida de nosso corpo físico.

Matéria-social é o ARN mensageiro do corpo social. Digo que é uma “molécula”. Mas, só uma molécula? Também uma pessoa.

A vanguarda que se havia retirado volta transfigurada. “Voltarei como chuva de rosas”, promete desde a dor, Teresinha de Lisieux. “Voltarei e serei milhões”, proclama Eva Perón, desde a tribuna revolucionária. Já não vêm como pessoas, vêm como “línguas de fogo”, como “moléculas mensageiras”, como “catalisadores sociais”. Para quê vêm?

A vanguarda da vanguarda vem para “re-Unir-se” com a matéria-social, elaborada pelo povo para “participar-com” o povo na grande obra de Transfiguração Social do Verbo: e re-construir-com o Verbo, o Templo social do povo. Esta ação-participante do homem-com o Verbo é *teurgia de participação*.

Teurgia de participação: adiantamo-nos a uma nova dimensão da ação humana (ação/inação), novo sentido do esforço, nova direção da corrente da vida.

Transfiguração Social do Verbo não é uma utopia: é uma criação. Não é só “reforma social”, “contrato social”, “revolução social”: é gênese de mundo (criação/destruição: como no cosmos). Não só é Palavra do Verbo, nem só esforço do homem; é integridade da Obra: verdade do Verbo feita matéria-social na mão do homem. Não nos adiantemos, querendo pensar o que não é pensável: deixemos que o próprio poder do Verbo, no instante em que decidimos tomá-lo nas mãos, diga o que nos quer dizer. E, quando nos dispomos a escutar isso que nos quer dizer, damo-nos conta de que não nos diz nada: a própria força da mão nos diz tudo. Dito de outra maneira: acedemos ao sentido do ser, não pela filosofia das ideias, mas por mística de participação.

Em nossa longa caminhada em busca de sentido, o *logos* da vida já não nos fala pelas filosofias do Ser ou do Não-Ser: fala-nos pela

geometria simbólica da Língua Mãe. A tarefa que temos pela frente, tanto em cosmologia quanto em genética molecular e química social, é decifrar o código sagrado (Divino/humano) dessa Língua.

Começamos a vislumbrar a *Arkhitetura* simbólica de um Templo social que se adianta às formas orgânicas dos povos da Terra. Já não é um templo de pedra, tampouco uma sociedade política. É o corpo total da humanidade unificada: com suas próprias funções e órgãos, sua própria química social de trans-missão de sentido, sua própria circulação de bens da vida.

FUNÇÕES-MÃE NA FISIOLOGIA CÓSMICA DA VIDA

CORPO DE TRANSFIGURAÇÃO SOCIAL

Já não estamos aqui no mundo platônico de ideias arquetípicas, nem no reino de uma natureza transfigurada pela poesia romântica, nem no corpo social do materialismo histórico. Não temos modelo teórico para representar a geometria dinâmica de um novo corpo social que opera como inter-me(d)io de transfiguração entre as forças elementais que ascendem desde as escuras entranhas da terra e a sabedoria do céu que desce sobre o homem e o mundo, como fresco orvalho da madrugada.

Qual é a natureza deste corpo social que opera como inter-me(d)io entre o Céu e a Terra e que *é*, ao mesmo tempo, meu próprio corpo físico individual, minha própria coluna vertebral, enquanto canal magnético entre os centros mais baixos da natureza humana e os altos cumes da inteligência e do amor? Qual é a estrutura química deste corpo? É uma chama que flameja para cima; seu eixo gen-ético girou: da horizontal do tempo histórico, à vertical de funções da vida; “do movimento da água, que tende a ocupar os lugares mais baixos, à força do fogo que puxa para o alto”, em termos do *I Ching*. Qual é a posição do homem em-meio a esta flutuação de forças cósmicas?

Trata-se de tomar contato (por ressonância espiritual) com a vibração das funções-Mãe de um corpo unificado: integração do corpo individual e do corpo social na mesma fisiologia orgânica da Obra. Neste corpo de “ascenso” (ou ascensão da humanidade em corpo) os valores materiais e espirituais, o fogo da alma e as forças da terra, a identidade individual e o bem social, todos estes valores que, em baixa temperatura, encontram-se separados em um corpo fragmentado – em temperatura solar de transfiguração do Verbo, re-unem-se na mesma chama de um corpo unificado que ascende.

Hoje, vivemos uma crise de “corpo”: já não só de “alma desiludida”, como pensava Ortega y Gasset nos anos 20. Vivemos um tempo em que já não é possível realizar o ideal de vida dos “pais fundadores”. E os jovens o sabem; não porque o tenham aprendido pelo caminho da filosofia da história: sabem-no porque o “corpo” o sabe. E quando o corpo sabe que não é possível viver o ideal de vida, o corpo se volta contra o corpo: doenças sociais de autoimunidade. Só

o fogo sagrado sempre vivo (“que se acende de acordo com medidas e se apaga de acordo com medidas” – fragmento 30, de Heráclito), só este fogo de transfiguração da vida pode dar Vida à vida.

Começamos a ouvir em nosso coração, o ritmo, o pulsar de funções nascentes que querem tornar-se “órgãos” de um novo corpo de transfiguração. Quando pergunto pela “forma” desta ideia-mãe que quer in-vestir-se com vestes de vida social, não obtenho resposta: o *logos* da pergunta volta-se sobre si mesmo, à escuta da Língua em que falam as funções-Mãe.

FUNÇÕES MÃE: PALAVRAS DE UMA LÍNGUA ESQUECIDA

E o esquecimento não é só um esquecimento metafísico (“esquecimento do Ser”): é esquecimento gen-ético (esquecimento do Gene primordial que pro-nuncia a Vida). É o preço da “queda” (em termos teológicos), o preço da “experiência” (em termos de genética evolutiva): as moléculas da vida perderam a memória do sagrado. Em poucas palavras: a *matéria* do corpo físico se tornou opaca à passagem da luz, o *meio* cósmico em que nos movemos, vivemos e somos impõe sua *medida* a nossa visão do mundo: “o meio é a mensagem”, em termos de Marshall McLuhan.

Mas, o “esquecimento” tem um limite, a “noite” da alma tem um limite, o “peso” do mundo tem um limite. Qual é este limite? A ruptura de simetria da matéria e o retorno da luz: novo padrão de ressonância cósmica que con-figura funções humanas completamente novas.

A “chave” do novo signo do tempo não é decifrada pela “palavra profética que há de vir” e sim, pela fratura gen-ética que já veio: milhões de formas sociais, políticas, religiosas, desmoronam por dentro; milhões de corpos físicos já não são morada para o homem. Para um olhar superficial, nada parece haver mudado. Pelo contrário, tudo parece melhor: desenvolvimento da ciência e da técnica, mercados globais, democracia social, intercâmbio cultural e espiritual que chega a todos os recantos da Terra. Mas, para um olhar profundo, o cenário nos aparece em forma diferente: sim, tudo funciona, mas “tingido de ilusão” (E. M. Forster); sim, o rio da vida segue seu curso pelos caminhos do tempo, mas a Terra está desolada e a alma do homem, desiludida. Vemos a arquitetura de modernos templos, mas não vemos o templo; vemos o palácio de justiça e multidões que reclamam por justiça, mas não sabemos o que é a “palavra justa”, o “peso justo”, a “medida justa”. Vemos o desfile de informação nas telas informáticas das escolas e laboratórios de investigação das universidades, mas não conseguimos escutar a ensinança da Língua Mãe; vemos os resultados do poder econômico e a circulação da riqueza das nações, mas nos escapa das mãos o trabalho do homem.

Conquistamos a Terra, dominamos as forças elementais da natureza, estendemos uma ponte até as estrelas. Perdemos a visão de Deus (*clara visa Deo*).

Qual é a tarefa que nos espera? Teremos que voltar às “essências”, ao juízo racional da “verdade”, da “justiça”, do “bem”? Teremos que inclinar o ouvido à poesia mística ou voltar o olhar para os paradoxos da ciência? Ou teremos que abandonar ao mesmo tempo a racionalidade intelectual do Ocidente e a tradição espiritual do Oriente para prestar ouvidos à sabedoria de um corpo des-estabilizado que nos fala em “clave bem temperada” de moléculas recém nascidas? Uma vez mais, ficamos sem linguagem para responder a estas perguntas. Pretendemos explicar o homem através da filosofia, da ciência, do gênese bíblico, da teoria da evolução. Hoje, encontramos-nos com um advento originário que procura seu lugar no mundo.

Quem é este mensageiro desconhecido
que antes de chamar à porta
já entrou na casa?

É um “pro-gene”,
um “fogo primordial”,
uma “ressonância de transfiguração”.

É a vanguarda da Vida, dentro de minha própria vida; não é uma vanguarda eidética (de ideias de ponta), mas uma vanguarda genética: de funções-Mãe.

ROTA DE TRANS-MISSÃO

É a pergunta pelo caminho, pela geometria de Trans-figuração, pela caminhada dos Mensageiros. Pergunto pelo Mercúrio alado, pelo mensageiro do rei, pelo guardião dos selos do livro da vida, pelo barqueiro que cruza o rio, pelas moléculas mensageiras nas passagens de transcrição e tradução do código genético.

Pergunto por

Mensagem-e-mensageiro

Trans-missão gen-ética: uma das funções-Mãe mais enigmáticas aos olhos da inteligência.

Pode-se transmitir a cor dos olhos de pais a filhos, pode-se transmitir a informação em tempo real através dos multimeios de comunicação de massa, pode-se transmitir o vírus HIV através do sangue infectado, pode-se transmitir o conhecimento através da palavra, do livro, da arte, do ofício... Mas, pode-se transmitir a verdade?

Dizem-nos que existem uma herança da carne e uma herança do espírito, que existem dons da alma e bens da vida, que existem a verdade do pão e a verdade das pedras. Dizem-nos que a palavra viva se transmite de geração em geração através da tradição oral, da ensinância direta, presencial, de mestre a discípulo. Mas, o que acontece quando os mestres se retiram? De onde vem a luz do céu, quando cai a noite sobre o mundo e sopra forte vento do deserto? Dizem-nos que a tradição espiritual da humanidade não se interrompe; que, no máximo, oculta-se na obscuridade de um tempo histórico para retornar em outro ciclo de ingresso da luz. Mas, qual é o sentido desta retirada da luz?

A Mensagem é dada ao mensageiro
no instante da Retirada.

Dito de outro modo, vemo-nos obrigados a reformular a pergunta pela “rota” de Trans-missão, por outra pergunta mais originária: “movimento” de Trans-figuração. Este giro da concepção “eidética” do Ser para a con-figuração gen-ética da Vida marca o ponto de inflexão de todos os valores, no próprio coração do homem.

Neste movimento cosmogônico
de rotação de signos
em que hoje nos movemos, vivemos e somos,

o *logos* da ideia (matemática da história)
cede passagem à força con-figuradora
do Verbo (geometria da Obra).

Na linguagem teogônica do Evangelho de João, diríamos: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Na linguagem genética da biologia molecular, diríamos: o ADN se transcreveu em ARN mensageiro e, por tradução no ribossomo celular, fez-se carne em nós. E, na linguagem da química social, seríamos nós mesmos, enquanto mensageiros do Verbo, a força humana de participação no Ato divino de criação do mundo.

Ser-mensageiro do Verbo:

Aqui, já não estamos no terreno metafísico
das categorias ontológicas,
mas na rota de bifurcações gen-éticas
da Árvore da Vida.

“Ser-mensageiro” quer dizer “ser-molécula mensageira”, como o ARN mensageiro, ARN ribossômico, hemoglobina. Porque é a “rotação” da estrutura molecular sobre si mesma a que determina a função de “mensageiro”: uma hierarquia cósmica (função-Mãe). Mas, por que “molécula”-mensageira e não “mensageiro”-sacerdote, “mensageiro”-professor, “mensageiro”-profeta, “mensageiro”-jornalista de meios de comunicação? Simplesmente porque o hábito não faz o monge, a investidura do funcionário não é a veste do Verbo, a ideia da verdade não é a verdade encarnada.

No primeiro movimento de transcrição genética, a longa e delgada molécula do ADN, em hélice dupla, converte-se em uma molécula de

ARN mensageiro, de uma só fibra. Quem intervém nesta transição de fase? Uma “enzima” polimerase do ARN que se une no lugar preciso do ADN para iniciar a síntese da molécula mensageira. E, como opera esta “enzima” (e as demais enzimas)? Opera por ação catalítica, intervém na ação, sem destruir-se na ação: acelera uma reação bioquímica e, no final da reação, a molécula catalisadora volta à mesma forma que tinha no começo. É precisamente este movimento sobre si mesmo, que em termos de genética molecular é denominado “desdobramento enzimático”, o que determina a função específica de cada proteína enzimática. Dito de outro modo: não é só o código matemático da molécula o que desencadeia a ação, mas o “desdobramento” desse código em uma figura geométrica carregada de sentido, o que pro-voca o “gesto” primordial de transfiguração. Ao chegar a este ponto, damo-nos conta de que a linguagem secreta da natureza, a ação criadora do homem e “os trabalhos e os dias” dos deuses, nas grandes cosmogonias custodiadas pela tradição, são outras tantas “formas” de uma mesma Língua sagrada: função-Mãe que perdemos e que começamos a recuperar, de mãos dadas com aqueles mensageiros que falam essa Língua e que nos entregam a palavra viva no instante da retirada.

O GIRO DA FORÇA PÕE A DESCOBERTO O SENTIDO DA OBRA

Giro da Força? Que tipo de força, que forma de giro? Revolução dentro da revolução? Mudança do mapa social do mundo? Corrente “*el Niño*”, nas águas profundas do homem, que altera o clima espiritual do planeta?

Desde o coração da matéria,

uma nova onda de sentido

marca a geometria do caminho.

Já não podemos continuar caminhando em linha reta. Nem concepção biológica do mundo (crescei e multiplicai-vos e povoai a Terra), nem darwinismo social (seleção dos mais aptos para a tecnologia de mercado). Nem idealismo espiritual (renunciar ao mundo para salvar a alma) nem materialismo histórico (negar os dons do céu para adorar os deuses da terra).

Nem filosofia do Ser nem filosofia do Não-ser.

Ruptura da simetria histórica do mundo moderno. Brecha gen-ética.

Nasceu algo “novo” na alma do homem. Não podemos representar esse “algo” com as figuras de linguagem que utilizamos até agora para dar nome às coisas; porque a própria forma do pensamento corrente explodiu. Já não é o pensamento (nem o não-pensamento) a ferramenta adequada para perguntar pela vida, porque em tempo de penúria do homem, a própria Vida, que se oculta na raiz do pensamento, adianta-se ao pensamento, transfigurada em ressonâncias de um sentir profundo. De qualquer modo, como podemos aproximar-nos, com as luzes da inteligência, desse “algo não-representável” que emerge na alma como onda portadora de sentido?

Ao caírem as formas do pensamento

só nos fica escutar
o que nos quer Dizer
a borboleta que agita suas asas
sobre as escuras águas da vida.

Ao instalar-me neste lugar de “ressonância” entre o Ser e o Não-ser, chego a dar-me conta de que aqui, o que chamo de escutar é, em realidade, um “escutar-sustentar”: produziu-se – sem que me desse conta – um “giro” da força, do pensar para o sentir. Para poder “escutar” o que me quer dizer a borboleta que agita suas asas sobre as águas da vida, tenho necessariamente que “sustentar”, com minha própria energia humana, o esvoaçar da borboleta divina: mas o contato com os deuses é fugaz e é difícil para o homem reter o Mensageiro em sua casa.

O Mensageiro nos entrega seu dom, ao retirar-se.

Mas, o que é este “dom”?

Clave de ressonância entre o divino e o humano!

Ao chegar a este ponto, ainda nos encontramos no reino da alma, para dizê-lo de alguma maneira. Os poetas e os místicos falaram em “claves de ressonância”, mas de ressonância “fugaz”: lembranças de encontros com borboletas que alçaram voo. Hoje o tempo é outro e, no grande laboratório do mundo moderno, em um magma social sob elevada temperatura e com flutuações críticas que conduzem uma e outra vez a rupturas de simetria do sistema, em outro âmbito do jogo do tempo (Heidegger), podemos observar que, de repente, aparecem novas configurações da matéria viva; “ressonâncias gen-éticas”, marcas de “fixação” de uma borboleta, cujo ritmo foi in-corporado pelo homem às moléculas de sua própria vida.

Já podemos falar, ainda que pareça demasiado cedo, de um “Pro-gene” cósmico que, “in-corporado” à maquinaria genética do homem terrestre, viria a codificar a informação de funções-Mãe de um novo Corpo?

Talvez, o que hoje chamamos de planetização mundial seja só um modo de dizer, em linguagem técnica, o que não podemos dizer como obscuro sentido de pertinência a um corpo-mãe que não só transcende as fronteiras dos Estados-nação, mas também a linguagem

logoquímica de nosso próprio corpo físico. De alguma maneira, começamos a pre-sentir um novo modo de “ser-no corpo” – que quebra a simetria da antiga “forma” antropológica na qual encerrávamos nossos sonhos.

O giro da Força nos traz de novo à praia, com um corpo quebrado, com funções perdidas ou mutiladas, mas com um claro sentir da Obra que temos pela frente: re-construir o corpo. Já não perguntamos pelo conteúdo ideológico da civilização que vem. Perguntamos pela *vida* do homem que vem.

A casa do homem ficou sem sustento. Já não é tempo de perguntar pela metafísica do fundamento, pela epistemologia da ciência, pela organização do mundo, pela evolução do dogma. É hora de escutar o que nos quer dizer o ritmo-Mãe que fala desde a vida e quer habitar em nossa própria vida. Neste nível profundo (*De Profundis*), escutar é *conceber*.

PERGUNTAMOS PELA FISIOLOGIA SAGRADA

PERGUNTAMOS PELO “PRIMO-GENE”

Que é como perguntar-*nos* pela Maternidade espiritual do homem. Que já não é um mero perguntar pelo que “é”, em termos metafísicos, mas perguntar-*nos*, enquanto “alma-Mater”, se queremos receber esse “gene” como “filho” (ainda sem saber o que “é” ou “quem” é). Roçamos aqui uma onda mística do amor: sentir primordial de união que se antecipa a toda metafísica do ser e do nada.

A “maternidade espiritual” do homem é uma função-Mãe da Vida, até agora oculta (esquecida), pelo predomínio da genética material e da reprodução sexual. Desde o *Cantar dos Cantares*, o *Banquete* de Platão, a *Divina Comédia*, muito se falou de um *ars amatoris*, pertencente a uma ciência sagrada perdida e que a Igreja havia preservado, sublimando-o, na Divina Concepção da Virgem. Em poucas palavras, trata-se da iniciação de amor que – por trás do véu de símbolos, ritos, dogmas, hierogamias de antigos mistérios – começamos hoje a re-descobrir como primeiros a-cordes de um coração humano que anela converter-se em matriz do Verbo: salto gigantesco para cima, na ordem de funções da Árvore da Vida. Já não se trata aqui, de poesia romântica ou cântico espiritual, mas de encarnação do Verbo na Mater-matéria do homem.

A concepção, em seu sentido mais amplo, como função-Mãe da vida, não é um conceito, uma ideia, um sentimento: é real encarnação do espírito na matéria. É o “filho do homem” (se preferirmos transpor esta enigmática expressão evangélica ao marco mais reduzido de nossa incipiente “Maternidade espiritual”). Essa concepção, verdade feita carne, filho do homem, pertence ao círculo hermético do amor; e as almas que encarnam o Amor não perguntam sobre o Amor: simplesmente amam. Mas a inteligência, que sabe pouco de amor, essa sim, pergunta.

Quais são os resultados, na ordem prática, individual e social, dessa “maternidade espiritual” que se antecipa como proto-função de uma fisiologia nascente?

Como se in-screve este primo-gene que pressentimos
como palavra de fogo da mensagem, na biologia
molecular dos mensageiros?

Vivemos em um tempo de esvaziamento de sentido, degradação de
funções e desmoronamento de corpos: a alta vibração e a vertiginosa
aceleração do meio social-técnico quebra a estabilidade orgânica dos
edifícios atômicos da matéria. Os antigos corpos não se sustentam,
desmoronam por dentro: por implosão de massa, queda do sistema
imunológico, perda de sentido. Dir-se-á, no entanto, que há muitas
coisas que funcionam, graças à ciência e à técnica, mas nem tudo o
que funciona tem sentido para o homem: sobretudo se funciona com
energia degradada, aumento de entropia, excesso de resíduos, morte
da alma.

O governo da sociedade planetizada
de alta complexidade técnica
já não está nas mãos do homem.

Tampouco está o desenvolvimento orgânico
da consciência.

A resposta a esta “segunda queda”
já não vem pelo caminho da filosofia política,
da organização social, da salvação da alma:
vem pelo poder da
grande corrente da vida.

Algo desta reconstrução *gen-ética* de valores – que, ao mesmo
tempo, é uma transfiguração do corpo – algo desta hierogamia que
transcende os cânones de transmissão do patrimônio hereditário da
humanidade começa a ser pre-sentido hoje por nós, muito antes de ser
compreendido.

Não se estará produzindo, sem que o percebamos completamente,
uma gigantesca transferência de energia espiritual, desde centros
sagrados do universo vivente, ao corpo social nascente? Acaso, na
dinâmica do oceano cósmico não observamos transferência de
matéria/energia de uma estrela a outra: fluxo de uma gigante vermelha
a um pulsar de neutrons?

PERGUNTAMOS PELO “GENE-MORAL”

Passamos da filosofia dos valores à geometria da vida. Da ética da virtude à organização *gen-ética* da matéria. Do princípio moral, enquanto bem intrínseco da alma, ao “gene-moral” que codifica as funções-Mãe do corpo social.

A ação do gene-moral unifica:

a saúde do homem,
a justiça social do povo,
a economia providencial da terra.

Não estamos falando aqui da moral como bem abstrato, discurso crítico entre o bem e o mal, teoria de pulsões da alma entre a virtude e o vício. Para além dos postulados que possam derivar de uma teologia moral, de uma moral política, de uma “moral sem dogmas” (José Ingenieros), queremos penetrar, se nos for possível, na raiz dessa “força” que, com diferentes vestes, aparece-nos como “moral”: força moral perturbadora da consciência humana, mensageiro inoportuno que, mais de uma vez, não deixamos entrar em nossa casa. Mas, aqui surge uma pergunta: esta mesma pergunta que nos estamos fazendo sobre um hipotético “gene-moral” não foi expulsa do panteão que hoje alberga os modernos deuses da vontade de auto-organização dos sistemas de alta complexidade? Comove a sensibilidade do homem moderno? Gasta ele nisso a vida? Talvez em algo, sim, tenha vigência a pergunta, mas só quando afeta seus interesses: e assim, surge uma forte corrente de discussão sobre moral pública, moral do Estado, ética do comércio internacional, ética ecológica, ética profissional... Sim, a pergunta tem vigência: nas universidades, como reflexão filosófica sobre os valores; nas escolas, como regras de comportamento social; nas Igrejas, como prática de moral religiosa.

A “pergunta pela moral”, no máximo, é ouvida hoje como valor que embeleza a alma: algo assim como um “luxo biológico”, do qual poderíamos prescindir, em aras de necessidades mais urgentes da vida. Porém, *não* é entendida a moral como bem con-stitutivo da vida, bem

intrínseco do qual *não* se pode prescindir, a não ser à custa da própria vida. Desembocamos em um beco sem saída: anomia social. O tempo é outro: a pergunta também é outra. Mas, quem pergunta?

Já não pergunta o homem.
Pergunta a Vida.

Por paradoxal que pareça, a vida não pergunta hoje pela moral com as ferramentas do bem, mas com o poder do mal. O mal irrompe no mundo do homem como força obscura que quebra o muro que nós mesmos levantamos entre o sagrado e o demoníaco. O que queremos dizer com isto? Conferimos ao mal uma função biológica na constituição de uma nova “ordem moral da vida”? “O mal é a forma que toma neste mundo a misericórdia de Deus”, confessa Simone Weil, em seu livro testemunhal, *La Gravedad y la Gracia*.

Começamos a descobrir o Mal como força cosmogônica que o homem não domina, poder que se oculta por trás de múltiplas vestes e que, por desintegração dos compostos atômicos da matéria, põe a descoberto o potencial de gênese do gene-moral. Esse “gene” opera como “clave de ressonância” gen-ética na raiz das funções-Mãe da vida. Racionalizamos o mundo com “filosofias morais” feitas a nossa imagem e semelhança, mas o vento solar que sopra do deserto varre com nossas precárias moradas.

A moral dos senhores da Terra
já não nos serve
para edificar o Templo social do povo.

Rodolfo Kusch, já desde seus primeiros escritos em busca da identidade de uma América profunda, descobre a “falta de um nexo vital entre a verdade de fundo de sua natureza demoníaca e a verdade

PROTOSSINAL DE GÊNESE NO CORAÇÃO DO HOMEM

Hoje, (como “no princípio” do Gênese bíblico) a terra-Mãe de nosso coração está “confusa e vazia, e as trevas cobrem a face do

abismo” (Gên. 1:1,2). Também hoje, como na alvorada do mistério cosmogônico, pressentimos que “o espírito de Deus se derrama sobre a superfície das águas” e chegamos a ouvir que a Palavra originária, criadora do mundo, é também a chispa do Verbo criador do homem: e houve (e há) “iluminação”.

Já não é a iluminação do início (do “princípio”), iluminação que separa (“separou Deus a luz e as trevas”), mas a iluminação do fim, iluminação que reúne (que enlaça em uma mesma chave de ressonância *gen-ética*, a luz-e-as trevas). Não temos linguagem apropriada para nomear essa explosão de luz que, ao dar-se, retira-se; e que, ao retirar-se, faz girar em sentido inverso a roda da vida.

Protossinal de gênese: enigmático torvelinho de “iluminação-treva” que quebra o sentido unidirecional do caminho do homem. É tão desconcertante esse a-corde inicial que fico sem palavras para dizê-lo e o coração, sem afetos para reconhecê-lo. Protossinal: não é pensável nem sentível. Simplesmente acontece e, no súbito acontecer, toca tão de perto a matéria que ativa “sensores precursores”. Precursores? Sim, porque se antecipam aos sensores da antiga fisiologia: anunciam o que ocorreu no “fundo sem fundo da alma” e que os sensores conhecidos não podem ver nem ouvir.

A-corde inicial.

Protossinal de
sensibilidade cósmica nascente.

Germe de Vida
no coração-matriz do homem.

A partir desta “gestação primordial”, todo discurso científico, filosófico, ético, sociológico, teológico, fundado no marco racional da antiga dialética do bem e do mal, e nas cosmovisões tradicionais de separação absoluta da luz e das trevas, toda esta estrutura intelectual de interpretação do mundo é transferida à nova “chave de ressonância *gen-ética* do coração”. Salto dimensional, transferência de tecnologia na ordem cósmica da vida: do ritmo dual de forças do relógio biológico do homem terrestre, ao “marca-passo” de reversibilidade de valores que marca o ritmo de funções-Mãe de um homem cósmico recém nascido.

Começamos a escutar
o pulso, o ritmo, o bater

de um “marca-passo transgênico”,

que instalado subrepticiamente
no coração do homem

opera como força-Mãe
de transfiguração da vida.

O pensamento não se resigna facilmente a não poder dizer algo daquilo que advém como indizível. Toque divino na alma? Linguagem demasiado mística. Súbito resplendor do Ser? Demasiado metafísico. Operador simbólico na equação de onda que tipifica as transformações bioquímicas da matéria? Demasiado matemático. Cedo me daria conta de que a chave para compreender não era nomear e sim, corresponder: fazia falta minha própria vida para sustentar a chama.

A mística do coração se adianta à filosofia das ideias e à teoria da ciência. Não estamos falando aqui de mística-doutrina, mas de mística-função: “ressonância por similitude”. Corresponder ao protossinal por ressonância de similitude é *entrar* (com a própria vida) no ritmo de transfiguração do Verbo, ser esse mesmo ritmo: princípio de ação/in-ação que põe em movimento a maquinaria gen-ética do Corpo social.

Princípio de ação por ressonância de similitude

Giro da força da alma

na estratégia de poder
da função-Mãe

que marca o ritmo
do novo signo do tempo.

A nova estratégia de poder marca o ritmo, a geometria das funções humanas na grande obra de Transfiguração Social do Verbo. Como se configura essa estratégia de poder na ordem prática da vida? A tradição mística fala de renunciamiento. A experimentação científica descobre flutuações críticas que conduzem a mais vida e aumentos de entropia que levam pelo caminho da morte.

O “PRIMO-GENE” QUE VEM SE OCULTA AOS OLHOS DE HERODES

Ainda não tomamos consciência da “catástrofe cosmogônica” que faz desmoronarem nossos castelos de pedra. Já fomos expulsos do lar e podemos ver a “antiga terra” desde fora: não só desde as cápsulas espaciais, também desde o exílio, a intempérie, a desesperança, o horror.

Os “filósofos dos últimos dias”, de Nietzsche a Heidegger, vislumbraram a “catástrofe de reversão de signos” que antecipava a era por vir, mas quando quiseram cruzar a fronteira que chamaram de “fim da história”, descobriram que ali, nessa fronteira entre dois mundos, não havia *nada* que explicar: ou melhor, edificaram uma “filosofia do ser e do nada” que não pôde explicar nada. Por sua vez, os “cientistas do novo paradigma”, de Einstein a Prigogine, chegaram à conclusão de que, sem ruptura de simetria, não há evolução; mas ao reduzir essa “ruptura de simetria” a leis físicoquímicas, transições de fase, equações matemáticas probabilísticas, só puderam ampliar o marco da investigação científica: descobriram novas leis da matéria viva, mas não puderam sair do marco arquetípico, que impunha seus limites à própria mente dos investigadores. Hoje, na linguagem da história das revoluções científicas, o “novo paradigma” vem a ser algo assim como a palavra do novo Deus, na boca dos profetas da ciência. Em síntese: nem os filósofos “do ser e do nada” nem os cientistas da “ordem surgindo do caos” puderam explicar nada, porque a “catástrofe” que se havia adiantado ao pensamento e às explicações vinha dizer tudo, sem explicar nada.

Catástrofe cosmogônica.

Desmoronou
o mundo de nossos pais.

Tomamos contato
com o Nada.

Não é o “nada” dos filósofos nem o “caos” dos cientistas. Ainda não sabemos o que nos quer dizer este Nada que diz tudo. Não tomamos consciência do “sentido do Nada” porque ainda nos aferramos ao “sentido do ser”: tanto desde a filosofia, a ciência, a técnica, quanto desde as antigas e as novas religiões, continuamos sonhando com a reconstrução de um mundo que não existe. Esta cegueira é compreensível, nossa fisiologia humana carece de sensores para ver o outro lado da luz: muitas estrelas que não existem continuam iluminando nossas noites.

A ciência moderna fala de “teoria da catástrofe”. Nós, de “catástrofe cosmogônica”.

Por que cosmogônica?

Porque forças “mais que humanas” fizeram irrupção no mundo do homem e vêm medir-se com o homem pelas chaves do reino. Guerra arquetípica inscrita na história: transmutação de elementos na grande obra de criação e destruição de mundos. Os prot-agonistas do drama cosmogônico que hoje é representado no grande teatro planetário são poderes com rosto e sem rosto; poderes da luz e da sombra, de vida e de morte; poderes da terra, do céu e do inferno: esses poderes superam a medida do homem, mas perguntam pelo homem.

Drama cosmogônico sobre a Terra. Pouco antes da bomba, tivemos um instante de iluminação; muito poucos o perceberam: “Uma esplêndida luz se fez dentro de mim”, exclama Einstein. Mas, sempre que o homem quer reter o poder em suas mãos, o Poder se converte em outra coisa. A bomba atômica abriu o primeiro selo: “Pela primeira vez, ardeu sobre a Terra um fogo cósmico” (Teilhard de Chardin). Esse mesmo fogo, nas mãos do homem, ardeu em Hiroshima. Quem foram os hierofantes desse cerimonial cósmico que reuniu em um mesmo facho ardente, as forças do céu, da terra e do inferno? O que havia ocorrido na alma da humanidade? Que tipo de transformação se havia produzido na matéria que circulava pelas artérias invisíveis do mundo?

De repente, tudo foi diferente:

ressonância de outras leis
no coração do homem;

outro código gen-ético marcava o pulso das
funções da vida;

outros mensageiros levavam na mão
a matéria-social da obra.

Mistério de iniciação espiritual no Templo: iluminação primordial na matéria-matriz da humanidade. O cerimonial ardente iluminou os caminhos do céu e abriu os abismos da terra. A estrela de fogo anunciou o divino advento e o poder do império decretou a matança dos inocentes: foram muitos os desaparecidos, mas o primo-gene se ocultou aos olhos de Herodes.

.....

Ao chegar a este ponto, impõe-se uma pausa. Encontro-me ante a difícil tarefa de proferir uma palavra, que se retira antes de ser pronunciada. Há um ponto “cego” que faz parte da nova visão do mundo e, quando quero explorar esse ponto “cego”, chego a dar-me conta de que a obscuridade que me fecha a passagem não é só de ordem ontológica, mas também, fisiológica: há uma matéria humana que se opõe à passagem da luz. Dito de outro modo: a liberação do poder atômico, com o consequente desenvolvimento da investigação científica, produziu tal *deslumbramento* na mente coletiva da humanidade, que ocultou a *iluminação* originária no seio da Mater-matéria. A “mensagem tecnológica de salvação” (nas palavras de Thomas Berry) ocultou o mistério de Revelação que, por trás do véu do poder atômico, marcava o ritmo de uma nova Lei.

Nem os cientistas nem os místicos puderam captar a unidade de sentido desta Revelação que se a-nunciava/ocultando-se: RevelaçãoRe-velada.

Os cientistas só viram as “vestes” do Senhor,
mas não seu rosto.

Os místicos talvez tenham visto o “brilho” de seu rosto,
mas não suas vestes.

O “giro” do Verbo, o mistério de sua transfiguração, escapava aos olhos da nova ciência e aos ouvidos das novas religiões.

Esta “cegueira de iluminação-inicial” não implica somente consequências metafísicas (na ordem do pensar), mas também *genéticas* (na ordem da vida). Ao ser esquecido, excluído ou aniquilado o primo-gene, a matéria humana – em lugar de ascender por transfiguração – desce por corrupção: já não vemos o rosto do Senhor brilhando como o sol e suas vestes tornando-se brancas como a luz; só vemos o rosto sombrio de Herodes, ordenando o sacrifício cotidiano dos inocentes.

SOM IN-AUDÍVEL DA MOLÉCULA MENSAGEIRA

Som in-audível: nota chave dos movimentos da vida,
audível e in-audível.

O ouvido habitual não chega a escutar o som primordial que
precede à palavra.

O que é que faz falta? Outra filosofia? Outra mística? Faz falta
outro órgão.

Som in-audível: nota precursora de todas as notas da *Flauta
Mágica*.

Simetria fundamental de todos os movimentos.

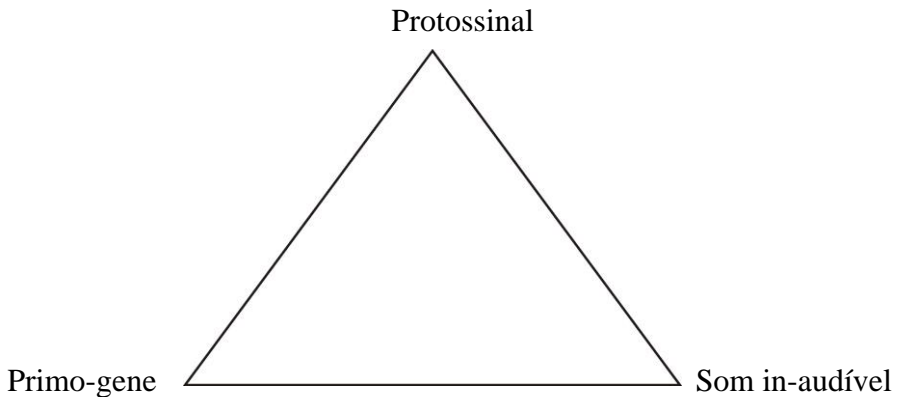
Princípio-mãe de reversibilidade de todos os valores.

A linguagem volta a ficar insuficiente e todas estas palavras precursoras ficariam reduzidas a referências ou proferências metafísicas sem som, se não chegássemos a escutar o que nos quer fazer ouvir o sangue ígneo que circula pelos canais invisíveis de nosso próprio corpo. Não é suficiente a molécula de hemoglobina (Hb): ela não nos permite sair do campo magnético de nossa herança terrestre.

Para entrar no novo mundo, anelado por nosso coração, não basta a chegada dos precursores, os que anunciam o primeiro resplendor da ideia no horizonte do porvir: Nietzsche, Heidegger, Einstein, Prigogine; faz falta que o próprio coração do homem se constitua em “ribossomo” do corpo social, onde os mensageiros de antecipação tomam em suas mãos o código do Verbo, para traduzi-lo em moléculas funcionais da vida humana. Dito em outros termos: para que a Transfiguração Social do Verbo seja realmente efetiva, não é suficiente a ideia; faz falta que a ideia, transferida para as mãos do homem, traduza-se no coração do homem em funções-Mãe da vida (é o que realiza com precisão matemática o ARN ribossômico, no ribossomo da célula).

Encontramo-nos aqui com uma função nova, desconhecida tanto para o homem da vontade de poder (mística de ação e posse do mundo e da vida) quanto para a filosofia mística de negação da vontade

pessoal, do mundo e da vida. A disposição para escutar-e-responder ao som in-audível da ressonância do Verbo, na matriz-mãe do coração, leva-nos a quebrar a antinomia ação-inação das antigas filosofias, para instalar-nos no terceiro vértice do triângulo criador: transfiguração do Verbo por reversibilidade de valores.



A ideia que emerge da fisiologia-mística do coração já não é uma “ideia”, é ideia-mãe. Não só o rosto do Senhor, mas o “Rosto e as vestes”. Não só o Verbo, mas o “Verbo transfigurado em vida no coração do homem”.

Encontramo-nos aqui com o homem desconhecido, ou com a “incógnita do homem”, nas palavras de Alexis Carrell. Essa “incógnita” já não se translada a outra metafísica, mas a outra fisiologia (talvez o próprio Carrell o soubesse, ao iniciar a investigação sobre o cultivo de tecidos). Mas, por que “incógnita”? Porque na fronteira do desconhecido, que hoje tentamos cruzar, já não nos encontramos com um paradoxo ou com um enigma, que o pensar humano possa decifrar por meio do pensamento, senão que nos encontramos com um poder que, *antes* que o pensamento tome em suas mãos o problema, já derrubou o pensamento que quer resolver o problema: ficamos sem história das ideias, que é como dizer, sem história do ser e sem destino da história. Fechou-se um grande ciclo cosmogônico.

A “guerra dos mundos” foi transferida para o coração do corpo: à matriz-espiritual da humanidade. Da ideologia política, passamos à gen-ética social. Da filosofia especulativa, à mística operativa.

Mística operativa?
É a Mãe do ofício.

Mística operativa! Já não perguntamos aqui pela Mensagem: perguntamos pelas “moléculas Mensageiras”. Não perguntamos pela ideia: perguntamos pela “Mãe” do ofício. Nem sequer perguntamos pela obra: perguntamos pelo “operário” que toma em suas mãos a matéria obscura de seu próprio corpo e a transforma em bens da vida. O drama social do mundo de hoje (e sua patologia social) é haver delegado as “funções-Mãe” da vida aos funcionários do poder político, o “ofício sagrado” ao mercado de produção e consumo, a “ferramenta da arte” aos instrumentos técnicos do poder anônimo. Não só o poeta sagrado “restabelece a palavra original, desviada por sacerdotes e filósofos” (em palavras de Octavio Paz), também o operário que toma em suas próprias mãos as forças sagradas da vida restabelece a obra original, desviada pelos mercadores do templo e pela burguesia sindical.

A Transfiguração Social do Verbo é um processo cosmogônico em movimento: não pergunta se estamos preparados para recebê-lo. O Primo-gene se instalou no coração-Matriz do homem: já não é o homem quem pergunta pelo Verbo, é o Verbo quem pergunta pelo homem, pelos mensageiros do Verbo.

O protossinal a-nuncia
o sentido-Missão do Verbo.

A vanguarda gen-ética
opera-custodiando
as rotas de trans-missão.

O “som” in-audível da molécula Mensageira re-une o povo disperso no deserto.

Onde se reúnem hoje as pessoas?

Nos templos de pedra, nos supermercados, nas telas virtuais das televisões, nos espetáculos públicos, na internet, nas passeatas de silêncio, nos tribunais de justiça, nos cárceres, no exílio, nos cemitérios...

Reúnem-se? A re-União é função-Mãe do Verbo e Mãe providencial do homem: confere os dons espirituais e preserva a vida dos bens materiais (os índios Kogi da Sierra Nevada de Santa Marta,

Colômbia, chamam-na de “Aluna”; “Aluna é o mundo onde mora o espírito”, refere Amanda Bernal-Caro, em suas investigações de campo) ⁶. Este sentido de re-União (“*Sense of Community*”) foi perdido na sociedade contemporânea e foi substituído (conceitualmente) pela “planetização mundial” (que vem a ser algo assim como um mundo onde “não habita” o espírito da Mãe cósmica).

Não mora, não habita?

Ou perdemos o ouvido
para escutar
o Som in-audível dos mensageiros?

⁶ Amanda Bernal-Caro, “Kogi Sense of Community”, *ICIS Forum*, vol. 24, New York, 1994.

AGONICA HUMANITAS

A-gonia de nascimento

CHEGAMOS AOS CONFINES DO MUNDO CONHECIDO

Caíram as investidas que sustentavam o mundo do homem, que davam imagem ao drama da história. Já o sabíamos: “o hábito não faz o monge”, mas onde está o monge?

Chegamos aos confins da matéria, ao limite da velocidade da luz, à fronteira dos buracos negros. Mas, onde está o caminho para voltar para casa?

Chegamos aos confins da Terra, cruzamos a barreira cósmica; descemos aos abismos subterrâneos, às câmaras do horror. Porém, Caim, onde está teu irmão?

Conquistamos o mundo pela vontade de poder, mas as obras de nossas mãos fecham o caminho para a cidade Santa. Onde está o Deus de nossos pais?

Entramos no deserto da alma.

A dor coletiva penetra em nosso coração.

Uma infinita tristeza chama os deuses do céu.

Leio nos jornais: sondas espaciais, astronautas em órbita, avanços em biotecnologia e física nuclear, contaminação do planeta, bactérias assassinas, terrorismo internacional, violência social... os pais de uma criança palestina, morta por soldados israelenses, doam seus órgãos a uma criança israelense; as sucessoras de Madre Teresa continuam sua obra de assistência a pobres e doentes nos esgotos de Calcutá; milhares de investigadores em todo o mundo trabalham silenciosamente pelo desenvolvimento do conhecimento e pelo bem estar da humanidade.

Nestes confins,
onde o horror da Morte
se encontra com a exaltação da Vida,

a onda que chega a nosso coração é de A-gonia
por encarnação do Verbo.

Sentimento profundo de haver chegado a uma fronteira onde os problemas essenciais do homem, o dilema-raiz que concerne à vida, à morte, ao destino da humanidade, estas situações-limite já não podem ser resolvidas apenas pelo esforço do homem. Tampouco pelo rito, pela intermediação sacerdotal (onde está o sacerdote que faça brotar a água da pedra de Horeb, para saciar a sede do povo?). A onda de sentir que, desde as profundidades da vida toca meu coração (*De Profundis*), diz-me que a chave de transfiguração da vida é a “concepção” do Verbo na matriz-Mãe da humanidade. Não só concepção do Verbo enquanto Ideia (teologias místicas, filosofias do ser ou do não-ser, arquétipos celestes), mas concepção enquanto “proto-gene” encarnado no “Corpo” da humanidade: “germe divino-humano”, Ideia-Mãe, código gen-ético primordial que põe em movimento funções-Mãe da humanidade vindoura.

Chegamos ao limite dos símbolos de sentido.

Ainda até o Renascimento, a obra de arte pôde representar (por transparência) a “forma” daquilo não-representável que se ocultava por trás do véu dos antigos mistérios: através do enigmático rosto da Monalisa, Leonardo chega a desvelar a Ideia-Mãe como “eterno feminino”. Hoje, já não falamos de Ideia-Mãe; os profetas da ciência falam de “Dupla face do mundo físico”, “partícula/onda”, “rupturas de simetria”: outra pauta de pensamento, outra figura simbólica da Ideia (só a metade da fórmula: falta a Mãe-matriz que encarne a Ideia).

A matéria humana resiste ao	Verbo
que se instalou nela;	
gostaria de retê-lo como	Ideia,
mas se nega como	Mãe,
encarnou como	Filho da Ideia.

A-GONIA DE NASCIMENTO

Não é a angústia e a aflição do moribundo que se nega a morrer, mas a a-gonia da matéria humana que se nega a nascer: luta e combate dos elementos para dar veste social ao Verbo.

A-gonia de encarnação da consciência cósmica; novo estado da matéria que marca a direção das forças da vida: seta de sentido.

Somos prot-agonistas

de um drama cósmico que não escolhemos.

Fomos escolhidos! A humanidade como um todo, preparada como corpo-matriz pela planetização técnica, foi escolhida como terra fértil para alojar em seu seio o Primo-gene de funções-Mãe do mundo vindouro. Não há ciência nem filosofia que possa explicar o recém nascido: só uma mística por ressonância de similitude.

Grande desafio para o ciclo que se inicia: descobrir a lei do movimento fundamental que enlaça os mundos. Grande missão (transmissão) dos mensageiros do conhecimento, da arte, da vida: aprender a viver no centro do coração, para absorver (transcrever) o princípio essencial do Verbo que dá sentido humano às funções-Mãe da vida.

In-corporar a consciência cósmica nas moléculas da vida não é tarefa fácil; as gerações que nos precederam transformaram qualitativamente a matéria humana, no longo percurso da história: pelo trabalho, pelo renunciamiento, pelo sacrifício; eu diria que prepararam um tipo de “matéria social” que vem a ser algo assim como uma “argila”, pronta para receber o sopro divino que quer dar-lhe um rosto. E é esta “protoargila-com Rosto” a “matéria prima” da Obra.

“Argila-com rosto”:

uma obra de arte!

A técnica não é suficiente para resolver os problemas do homem. Temos que aprender a encontrar solução espiritual para os problemas do mundo, da sociedade, da história. Porém, para poder dar “solução espiritual” aos problemas fundamentais da vida, não basta a poesia mística, a filosofia perene, o hábito religioso... tampouco bastam os poderes psíquicos ou a iluminação espiritual. Para poder dar “solução espiritual aos problemas do homem”, não nos fica outro caminho senão assumir-nos a nós mesmos como prot-agonistas de encarnação do Verbo. Porque o Verbo é Poder. E nós participamos do Poder em “união com o Verbo”; não só correspondência (ideal, devocional, sacramental), mas união (corporal, carnal, substancial).

Fechou-se um grande ciclo:
os deuses se retiraram.
Caiu a noite.

Não há caminho. Não há teoria que guie nossos passos. Não há vida para sustentar a vida. Porém, o *ultimum moriens* leva em si mesmo o *principium individuationis*. Como se manifesta em nossa alma esta transição da escuridão à luz?

Manifesta-se como A-gonia de Nascimento.

É o *principium individuationis* da era que se inicia: princípio a-metafísico que se determina-negando-se a si mesmo, na a-gonia de encarnação do Verbo. Este *principium a-gonicum*, vivido no coração do homem como primeira *negação* de si mesmo à presença inefável do toque divino, este primeiro a-corde humano-divino marca o *ritmo* de Transfiguração Social do Verbo.

A-gonia de Nascimento,

enquanto ritmo de reversibilidade de valores,

é o Coração do *Corpus Mysticum*,

pulsando na matéria do corpo social.

PALAVRA DO RECÉM NASCIDO

Muitos têm ouvidos e não ouvem.

Aqueles que estão comodamente instalados nos castelos de pedra da antiga Terra não conseguem ouvir a voz do recém nascido que já quebrou a primeira pedra.

Outros ouvem:

mas só escutam o que querem ouvir.

E, se chegam a escutar algo daquilo que sempre quiseram ouvir, retroalimentam a linguagem de seu antigo mundo: para não morrer, para que tudo continue igual, ainda que tingido de ilusão.

Mas, existem alguns que morreram, ouviram e re-nasceram.

E querem dizer o que diz o recém nascido.

E o recém nascido fala

No Templo,
na Escola,
no Mercado,
na Praça.

MAGISTÉRIO DE TRANS-MISSÃO

MYSTERIUM TEMPLI

HIEROFANIA INICIAL

*Procuraram-no entre parentes e conhecidos...
Ao cabo de três dias encontraram-no no
templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e
interrogando-os.*

Lc. 2:44,46

De acordo com o Evangelho de Lucas, o Menino tinha então, doze anos. Quem ensina hoje os sacerdotes do templo? Mas, onde está o templo e quem são os sacerdotes?

Há um sacerdócio espiritual

cujo Verbo

esvoaça sobre o sacerdócio institucional.

É Verbo-jovem (menino de doze anos?), “vinho novo, custodiado em odres novos”, palavra de fogo que opera como “fermento que transforma a massa em pão de vida”.

A própria palavra “sacerdócio”, *sacerdotium*, *sacerdos*, *sacer*: o sagrado, de profundo raizame na tradição espiritual de todos os povos da Terra, já não consegue (como tantas outras palavras da linguagem religiosa) cunhar a “função” desse Verbo que flui-ocultando-se pelos canais invisíveis da vida e chega ao coração-templo do homem como ensinância-Verbo de transfiguração da matéria, da sociedade, da história.

Este “sacerdócio universal” (se ainda pudermos utilizar a palavra “sacerdócio”) é uma função-Mãe demasiado distante e, ao mesmo tempo, demasiado próxima, para poder ser reconhecida em nós como Verbo que nos escute e nos fale como amigo. No entanto, este Verbo-Mãe – que, por momentos reverenciamos como “rei de Salém e

sacerdote do Deus Altíssimo” (Gên. 14:18) e em outros, como “Menino cheio de sabedoria que ensina no templo em meio aos doutores da lei” (Lc. 2:40-47) – esse Verbo-Menino nos aparece hoje como poder con-vocante que re-une em um mesmo Templo a matéria des-integrada dos antigos mundos.

Como se inicia uma nova era?

Hoje, como ontem, como sempre: como hierofania inicial.

É o sacerdote do Deus Altíssimo,
abençoando Abraão.

É o Menino crescido em sabedoria,
ensinando os doutores da Lei.

É a Força-Mãe
que ilumina a inteligência dos
pais fundadores da ciência moderna,
que tempera os corações dos
místicos-sábios da espiritualidade cósmica,

que forja a ferramenta-técnica dos
construtores da sociedade universal,

que transmite a energia da palavra criadora aos
pais e mães das crianças por nascer.

MAGISTÉRIO DE PLASMAÇÃO

O PROFESSOR-EDUCADOR COMO “MOLÉCULA MENSAGEIRA” DO VERBO

É hora da verdade feita carne.

É hora de que a seiva que brota das raízes da Árvore da Vida se transforme em Verbo que circule pelos ramos da Árvore do Conhecimento.

É hora de que o professor-educador tome em suas mãos o ofício sagrado de plasmação do saber.

A crise atual da escola
é, ao mesmo tempo,
a crise do professor.

Não só os templos ficaram sem sacerdotes: também as escolas ficaram sem professores.

O “esvaziamento das escolas” não deriva somente de uma crise de “princípios”, em termos de filosofia da educação, falhas de “método”, leis inadequadas de política educativa. Senão que a raiz da crise é o salto qualitativo que se produziu nas funções da vida das novas gerações e a cujo “salto”, a escola tradicional não pôde responder (tampouco as novas escolas alternativas). Esse “salto” não é só de ordem tecnológica: gigantesca transferência do *logos* do pensamento racional ao tecno-*logos* dos códigos informáticos. É também – e antes de mais nada – de ordem fisiológica: salto qualitativo das formas fragmentadas do conhecimento, às moléculas neuropsíquicas que fazem de ponte entre o conhecimento e a vida.

O grande desafio para os jovens professores de hoje

é criar a escola:

uma escola que não existe.

As escolas, as universidades que existem têm respostas para o conhecimento, mas não têm resposta para o homem.

Abriu-se uma perigosa brecha entre a vontade de poder e a consciência de ser, entre o mundo do homem e a alma do cosmos: brecha *gen-ética* que já não podemos transpor através da palavra unificadora da filosofia nem das fórmulas de campo unificado da ciência; mas que, sim, podemos in-corporar como “ressonância” de transfiguração do Verbo.

As equações matemáticas de “campo unificado de forças”, os “robôs” industriais, os “códigos” informáticos nascidos da teoria geral de sistemas, todos estes “seres simbólicos” que alguém, cujo nome não recordo, batizou como “mais inteligentes que seus criadores”, não incluem o homem em seus circuitos integrados: são fórmulas de poder (por meio delas podemos transformar as pedras em pão), mas “não só de pão vive o homem”. Todas as formulações de síntese que hoje conhecemos, sejam metafísicas, científicas, cibernéticas ou teológicas, só representam a “metade da fórmula” – de um todo que escapa a nosso olhar: são algo assim como os “cavalos do rei”, os “homens do rei”, as “vestes do rei”, mas não são o Rei. O que é que falta?

Falta o “elo perdido”: a molécula-ponte.

Dai-me um ponto de apoio e moverei o mundo, dizia Arquimedes: havia sido descoberta a *alavanca*, ferramenta do homem técnico que abria o caminho à mecânica racional. Agora, as coisas são diferentes: o mundo é “outro”, a matéria também é “outra”. Onde está o ponto de apoio? Todos os pontos de sustentação, materiais e existenciais que tínhamos até ontem, moveram-se, arrastados pela violenta deriva cósmica. Ao caírem os pontos de sustentação que davam coerência racional à imagem do mundo, o homem moderno desmorona por dentro: seus próprios sistemas cibernéticos, neuroquímicos, imunológicos já não podem sustentá-lo, em uma casa sem apoios: “segunda queda”. É o fracasso da filosofia-sustento do homem técnico.

Na vertiginosa “queda”
para o “fundo sem fundo” da alma,

escutamos a voz do “Segundo Arquimedes”:

dai-me um ponto de apoio-sem apoio”
e poderei reverter a direção da força.

É a ferramenta do homem místico: função-Mãe de uma fisiologia de antecipação.

Milhões de seres humanos da antiga Terra – os que edificaram o templo sobre a rocha firme, os que quiseram dominar o mundo e possuir a vida – submergem-se sob as águas, ao não encontrarem pedra segura onde apoiar o pé: desmoronamento dos edifícios atômicos da matéria, colapso das instituições por esvaziamento de sentido.

Somos prot-agonistas de um drama cosmogônico

no grande cenário de uma terra unificada:
preparando a matéria humana
para a grande obra
de Transfiguração Social do Verbo.

A missão do magistério educativo de vanguarda, sua função *gen-ética*, é a trans-missão do sentido do humano aos novos condutores dos povos. A nova geração de professores-educadores, liberada da pesada carga da pedagogia de informação (que agora fica a cargo da memória da rede eletrônica), volta a tomar em suas mãos o fogo sagrado do Verbo, como ferramenta pedagógica de plasmação.

Magistério de plasmação:

alma-Mater da escola
imprimindo sua pegada *gen-ética*
de iniciação

na matéria sensível
dos aspirantes ao saber.

Há uma primeira iniciação no Templo:
contato espiritual com o sagrado.

E uma segunda iniciação na escola:
desenvolvimento das funções-Mãe da vida.

No mundo moderno, marcado com a mensagem pragmática da técnica, a escola fracassa como instituição: por des-hierarquização do professor (de professor a empregado), por reducionismo do marco teórico (fratura genética entre o conhecimento e a vida), por servidão ao sistema político e ao poder econômico (perda da função guia, centrada no desenvolvimento da consciência). A escola moderna fracassa enquanto pedagogia de fragmentação, mas do próprio desmoronamento do antigo sistema educativo, surgem os primeiros sinais de uma pedagogia de antecipação.

A função específica do novo magistério educativo
é plasmar na alma do mundo
a Ideia-Mãe do porvir do homem.

Já não temos mais tempo:

para filosofias da educação
para pedagogias da socialização
para teologias da libertação.

A violência dos acontecimentos supera a política dos condutores. O planeta se aquece, o clima global se altera, os resíduos atômicos se acumulam, a patologia social cresce, os mensageiros da noite se multiplicam, o desenvolvimento científico é tão veloz que a ciência não pode controlar seus próprios resultados, o poder tecnológico circula acima de nossas cabeças e abaixo de nossos pés.

Já não temos mais tempo

para especular sobre o mundo,
nem sequer para transformá-lo,
porque já foi transformado:
e nós ficamos
sem tempo e fora do mundo.

Com outra matéria. E o magistério de plasmação “cunha” esta matéria, para transformá-la em “divisa” humana que possa operar como “molécula mensageira”, na grande obra de Transfiguração Social do Verbo.

O que é pedagogia de antecipação?

É pedagogia do
Antes.

A unidade do homem é, *antes* da unidade da ciência.

Como opera? Opera como função catalítica do professor-mensageiro, em umbrais críticos de transformação da vida:

Antes que se produza a queda irreversível na fragmentação do conhecimento.

Antes da deformação profissionalista, por especialização de funções.

Antes que a vida se cristalize em uma forma.

Antes que a informação oculte a visão.

Antes que nos devorem os insetos.

Antes que nos roubem a alma do povo.

Qual é a chave técnica desta pedagogia do *antes*?

Liberar a energia de evolução
hoje encerrada
em cápsulas de tempo.

MAGISTÉRIO DE JUSTIÇA

PODER GEN-ÉTICO DA LEI

Não estamos falando aqui de magistratura, mas de “ofício” de transmissão de justiça. Na sociedade política, só conhecemos a “administração de justiça”, enquanto aplicação de leis e normas pelos magistrados, juízes e outros oficiais de justiça. Porém, para além desta aplicação da lei, existe algo assim como uma função intrínseca, orgânica, operativa da lei, ao modo de “código gen-ético” da própria lei, que cumpra um papel “biológico” na sociedade humana, independentemente da vontade dos magistrados? Ainda mais, além da “administração de justiça”, existe algo assim como uma função orgânica de “transmissão de justiça”, entendida aqui a justiça já não somente como lei social ou ordem divina, mas como “substância” da lei, que possa ser transmitida como elemento essencial da química da vida, assim como são transmitidos os aminoácidos essenciais? E, se assim fosse, como se gera ou se destrói essa justiça-substância? E como se transmite ou não se transmite? Dito em outros termos: o que até agora chamamos de “justiça social” na ordem do direito, não teria que ser transferido ao campo mais amplo de uma “química social”?

Trans-missão de justiça:
ofício de “moléculas mensageiras-de justiça”
na química social de transfiguração do Verbo.

Mestre de Justiça. Não é um funcionário de alta hierarquia que administra justiça. É “molécula-mensageira” (de justiça). É “justiça”.

Trans-missão de justiça. Função recém nascida na ordem operativa de Transfiguração Social do Verbo. Ofício sagrado que sustenta, desde a justiça-substancial, a fisiologia orgânica do corpo social-planetário.

Justiça-substância:
valor justo em lugar justo.

É o “valor biológico do ato moral”, como dizia Teilhard de Chardin. É o aminoácido justo, colocado no lugar justo: ofício do ARN ribossômico, em genética molecular.

O sistema jurídico de nossa sociedade política desmorona por excesso de normas, multiplicação de funcionários, acumulação de expedientes... e carência de substância-jurídica. A justiça-substância não é elaborada nos tribunais, mas no grande laboratório da vida; não é uma norma, uma lei, um juízo, uma sentença: é uma “força” inerente à própria vida, um “código” *gen-ético* que não é manejado nem pelos advogados nem pelos juízes. Ainda a justiça social, incorporada à legislação como princípio de distribuição equitativa da riqueza, é um princípio jurídico-social que está muito longe de ser realmente incorporado ao “corpo” social, como força socioquímica de transformação da matéria social.

Magistério de justiça. Dimensão *gen-ética* da lei. Justiça-substância.

Entramos em um terreno não explorado.

Justiça-orgânica da lei? Uma atribuição pendente. Não é muito difícil aceder a este magistério de “justiça substancial”, que é como dizer, tomar nas mãos a ciência e a técnica de transfiguração da vida; porque a própria estrutura lógico-metafísica da linguagem oculta a dimensão *gen-ética* da lei. Ao quebrar-se a ponte trans-icional entre o conhecimento e a vida, perdemos a via que conduz a esse Jus-primordial que, como relógio atômico, mede com justeza o tempo das estrelas e os passos do homem.

A Transfiguração Social do Verbo
opera no mundo do homem

em função da justiça-orgânica da Lei.

Este magistério de justiça orgânica da vida veio a ser substituído pelo juízo e pela sentença dos magistrados da lei. Na sociedade política, o homem ficou prisioneiro no labirinto de normas, disposições, regulamentações da própria lei criada pelo homem. Não temos saída desta rede de conflitos sociais, morais, políticos, econômicos na qual ficamos presos: porque perdemos o sinal

orientador da justiça-primeira. E digo que “não temos saída” porque não só criamos o labirinto, senão que nós mesmos somos o labirinto.

Qual é a saída?

Já não se trata de modificar a lei: isso é só um paliativo; o educar e selecionar o magistrado: conselho da magistratura, hierarquização do poder judicial. A “saída” já não vem através do poder político da lei e sim, pela ruptura de simetria do próprio marco da lei. Tratemos de explicar-nos.

A mesma ética do bem e do mal

que a metafísica do pensamento
situou como ordem lógica da lei
nos fecha a passagem
para o poder gen-ético da lei.

Na sociedade político-cibernética de hoje, o “aparato repressivo” da lei, para fazer cumprir a “justiça” da lei, não só compromete boa parte dos recursos econômicos em mais polícia, mais cárceres, mais equipamentos tecnológicos para controlar o delito, senão que deixa uma crescente massa humana “fora da lei”: massa periférica de “delinquentes sociais” (também seres humanos) que fica sem possibilidades de reabilitação pelos instrumentos criados pela lei, para fazer cumprir a lei.

Uma grande massa humana
não só ficou “à margem da lei”,
mas “à margem da vida”.

Este potencial humano que, em nome da lei, expulsamos da civilização, retorna como “onda de barbárie” que quebra as muralhas da cidade opulenta: mais grades nas casas, mais circuitos eletrônicos de alarme, mais policiais nas ruas, todos estes dispositivos para a defesa da “lei” se encontram, dia a dia, com um “poder fora da lei” que os supera.

Mas, o que é a barbárie?

É a outra face da lei
que nós mesmos criamos.

Vivemos em um clima social de esgotamento da lei, do direito, da justiça. As Constituições jurídicas dos Estados estão cheias de “direitos”: à liberdade, ao trabalho, à saúde, à segurança social, à educação... mas os povos lutam para que a poesia encarne na história. Vivemos uma fase de esgotamento do potencial fundacional das “declarações” dos direitos do homem. O poder político (qualquer que seja seu signo) não pode fazer encarnar o “direito social” na vida orgânica do povo: sempre fica um “resíduo social” fora da lei e da vida. Tampouco pode o poder religioso fazer encarnar em todo o povo eleito, a verdade das Tábuas da Lei: sempre ficam à margem os excomungados, exilados, condenados. Nem o poder político nem o poder religioso podem (por princípio de autoridade jurídica) sustentar o fogo sagrado da justiça da Lei. Digo que “não podem” porque a “galáxia humana” entrou em fase de in-plosão: o torvelinho de energia inversa engole todas as mensagens, as boas e as más. As leis são “outras”, a “lei” é outra.

Em tempo de penúria social, quando tudo está acabado, a vanguarda gen-ética se retira: cruza o “mar vermelho”, vai para o deserto, desce ao “fundo sem fundo” da alma. Não só vai em busca do “certo”, do “princípio” de verdade e justiça. Vai em busca do solo-Mãe, do lugar sacrificial, onde a matéria humana se constitui em princípio fermento de vida renovada.

Há uma vanguarda que ganha-perdendo:

Gandhi, Schweitzer, Luther King,
Che Guevara, Eva Perón...

os desaparecidos nas guerras malditas,
os que ofereceram suas vidas pela história e não
têm nome na história.

Muitas revoluções perdidas
triunfam como fermento.

Começamos a descobrir uma vanguarda sacrificial, cujo sangue circula pelos canais invisíveis da terra profunda e opera como

fermento ígneo que transforma a matéria escura. É a “outra face” da Justiça, a face da lei que não está representada pela deusa da justiça racional com sua espada e sua balança. Esta face “não representada” da justiça da lei irrompe na fronteira do tempo social como “energia inversa” que burla o sistema imunológico dos custódios da lei. O que nos diz toda esta violência desatada contra a lei, a ordem social e a justiça? Diz-nos que o marco jurídico-racional dos códigos da lei já não podem conter o pulso, o palpitar *gen-ético* da lei.

Da mecânica racional da lei,
passamos à geometria orgânica da lei.

No final deste grande ciclo histórico, marcado pela luta antagônica dos pares de opostos, a vanguarda *gen-ética* in-corpora em sua própria fisiologia – como missão trans-histórica – o código da força cósmica que leva a unificar, em um mesmo fogo sagrado, os valores da alma e a química da vida.

Outro comportamento humano
no marco teórico
de uma geometria orgânica da lei.

Já não se trata de “fazer justiça” com as próprias mãos ou de que se “faça justiça” através da mão da lei, mas de assumir-se a si mesmo como prot-agonista de justiça: viver-e-morrer pela justiça da lei. Dito em outros termos: não se trata somente de reclamar justiça, mas de “produzir” justiça (justiça-substância: ultraelemento de trans-missão em química social, assim como o organismo produz neuropsicomoléculas de inter-mediação em química cerebral). A produção de “justiça-substância” é tão indispensável para o equilíbrio orgânico da vida social, quanto o adequado fornecimento de aminoácidos, vitaminas e outros nutrientes para a saúde do corpo físico. A “justiça-substância” não é só um princípio jurídico, um valor ético, uma virtude religiosa: é “matéria-social” inerente à química social, assim como os “neurotransmissores” são matéria inerente à química cerebral.

A chave para o desenvolvimento evolutivo
da sociedade humana

é transformar a energia do esforço humano
em matéria-social.

Ao colocar esta “matéria-social” no lugar “justo” de seu coração, o homem ocupa o “justo lugar” no espaço de jogo de forças entre o céu e a terra: e faz possível que os valores humanos participem da grande corrente de Transfiguração Social do Verbo.

MAGISTÉRIO DE TRABALHO

QUANDO A MÃO DO HOMEM SE ACOPLA COM A CORRENTE DO RIO SAGRADO DA VIDA

Disseram-nos, “Ganharás o pão com o suor de teu rosto”. Também ouvimos: “Deus proverá”. Cedo nos daríamos conta de que “não existia ponte” entre estas duas faces da lei. Qual é o desafio da era que se inicia, quando se esgota a energia do planeta e decai o sentido do esforço?

Trata-se de recuperar o Trabalho

como ofício sagrado do Homem

na economia cósmica do Reino.

Essa “função-trabalho”, raiz constitutiva da dignidade da vida humana, veio a ser reduzida, na atual era técnica, a variável de ajuste de uma economia global de mercado. Os temas que hoje preocupam os economistas, políticos, empresários, são as regras (ou não-regras) do mercado global, a dinâmica da economia eletrônica (“*megabyte economy*”, em termos de Joel Kurtzman), os índices de produtividade, financiamento, taxas de juros. Pouco ou nada se fala de trabalho e, se se fala, não se fala de trabalho enquanto “trabalho-função” e sim, de trabalho-salário, emprego, desemprego, custo do trabalho, leis trabalhistas, capacitação técnica para o mercado de trabalho. E os sindicatos operários, pelo quê lutam? Lutam pelo salário, não pelo sentido do trabalho na obra.

Qualquer atividade rentável, qualquer emprego, qualquer “posto de trabalho”, é realmente trabalho humano? E o não-trabalho, o não-emprego, desemprego, é simplesmente uma variável de ajuste do mercado de trabalho (sempre houve pobres e desempregados) ou é uma mutilação de funções da vida humana?

Que papel desempenha hoje a técnica, na des-hierarquização da função-trabalho?

O poder da técnica moderna, visto já não somente como desenvolvimento tecnológico da ciência e enquadrado, até certo ponto, na ordem lógico-aplicativa da ciência, mas pressentido como advento de um “poder inteiramente” novo, de outra natureza, que não só desestabiliza os mercados, mas que muda a proporção dos sentidos do homem; este enigmático Poder nos ameaça, substitui-nos, força-nos a dar uma resposta completamente “nova” aos problemas do homem, da sociedade, da história. Dito em outros termos: a irrupção da técnica, enquanto poder mais que humano – que o homem não domina – abriu uma brecha *gen-ética* no mundo do homem.

Brecha *gen-ética*

Já não podemos voltar atrás, às antigas tradições agrárias, à providência da Mãe Terra, à mecânica da primeira revolução industrial; tampouco podemos avançar demasiado, sob a tutela dos modernos deuses: tecnologia de salvação, sociologia de exclusão, economia neoliberal de competição. Crise de interpretação do mundo. As teorias econômicas não podem responder às necessidades do homem. A “riqueza das nações” não dá solução para a pobreza dos povos. Desembocamos no “horror econômico” (Viviane Forrester). Essa “crise de interpretação do mundo”, esse “horror econômico”, pôs a descoberto a fratura da “pedra”, sobre a qual havíamos edificado o templo. Digo expressamente “fratura” da pedra porque a crise econômico-financeira que acumula a riqueza de poucos e multiplica a pobreza e o desamparo de muitos, crise que, por energia inversa, leva à perda de milhões de “fontes de trabalho”, não deriva somente de erros metodológicos, desvios ideológicos, falta de doutrinas; a crise econômica do mundo do homem é de natureza energético-estrutural: secou a fonte de onde brota a água da vida. Abriu-se uma brecha *energ-ética*, difícil de transpor.

Não há ponte

entre a “pobreza evangélica” e a “sociedade opulenta”,
entre os “dons” da terra e as “necessidades” do homem.

Não há divisa energética de intercâmbio

entre o trabalhador e a obra,

entre os valores materiais e espirituais,
entre o trabalho individual e a economia social.

Não há mística de transfiguração

que nos permita passar
do esforço humano à radiação do Verbo,
da vontade de poder à expansão de consciência.

Em resumo:

Não há Trabalho (com maiúscula)

Não há Economia Humana (com maiúscula).

Queremos (necessitamos) recuperar o Trabalho como “função-Mãe” de uma economia que possa ser chamada propriamente de humana, que opere como palavra-vínculo entre a mão do homem e o rio sagrado da vida, como “energia de enlace” entre os valores da alma e a química da vida.

É possível conceber uma economia de valores humanos que opere em “ritmo de aliança” com o Verbo? Que seja ao mesmo tempo individual, social e espiritual: de espírito-matéria? Que reúna em um mesmo corpo de ação criadora, o esforço humano e a Providência divina? Que devolva ao homem a função cósmica (perdida) de “ser-mensageiro” entre o céu e a terra? Sim, essa concepção unitiva do manejo da força é possível como teoria geral de evolução do universo, como vetor arquetípico que marca a direção dos mundos, como experiência individual de santos, heróis e místicos em ação; é possível como filosofia de integração de valores, mas não tão fácil de encarnar como “ofício sagrado” do homem, na grande obra de Transfiguração Social do Verbo.

Grande desafio nesta era de poder eletrônico do dinheiro, riqueza virtual das nações, fim do trabalho enquanto Trabalho, economia de desamparo: onde todos falam destes temas e ninguém tem a resposta.

A resposta não vem da academia,
vem do deserto.

Por paradoxal que possa parecer, a recuperação do trabalho enquanto “função-Mãe” da vida humana se inicia hoje, na era de

planetização técnica, pela ruptura de simetria que a própria “perda do trabalho” produz, no mundo do homem. Quando digo “perda” não me refiro somente à penúria econômica daqueles que não têm trabalho (por havê-lo perdido), mas ao vazio existencial daqueles que têm trabalho e sofrem o sem-sentido do trabalho que têm.

Entramos em uma fase de desamparo cósmico:

mas em meio à penúria do Deserto,

ouvimos o pulsar de funções novas.

Ainda não tomamos consciência da onda de “fratura fisiológica” que vem associada ao ritmo tecnológico de planetização social. Não nos demos conta de que, como em outras etapas críticas do desenvolvimento onto-gênico e filo-gênico, produziu-se em nosso tempo uma exteriorização de “órgãos” (que sofreremos sem compreender): gigantesca transferência da antiga fisiologia mecânica do homem terrestre, à fisiologia tecnoquímica do nascente homem cósmico. Nessas transições de fase, muitas funções orgânicas não somente ficam fora do mercado, mas fora da vida: não só o trabalho, também a sexualidade, o cérebro mecânico, o sistema imunológico; não é que essas funções desapareçam, mas perdem hierarquia na grande corrente da Árvore da Vida: ficam incorporadas como servomecanismos, relógios eletroquímicos de um novo corpo de fogo, de ritmo alternado.

É precisamente desde esta brecha gen-ética entre o antigo corpo físico que termina na pele (*Körper*) e o novo corpo vivo (*Leibhaftigkeit*) que, em aliança com o Verbo, expande-se até as estrelas e volta ao coração do homem como dons da vida; desde este lugar onde se partem as águas, conseguimos ouvir o ritmo inaudível de transfiguração do Verbo. Não há linguagem humana que possa traduzir o que diz o Verbo no coração do homem: o próprio Verbo o diz a seu modo, em linguagem poético-simbólica.

Quando a mão do homem se acopla
à corrente do rio sagrado da vida,

a terra fecunda faz brotar o trigo
para dar pão ao povo.

Se não há pão sobre a Terra, não é por falta de trigo: é porque o coração do homem se tornou terra infecunda e a semente plantada pelo homem não recebe a bênção do céu. O que acontece com os infiéis trabalhadores da vinha, que receberam plantações e não entregaram seus frutos a tempo? Responde o Evangelho: “Ser-vos-á retirado o reino de Deus e será entregue a um povo que preste contas de seus frutos” (Mt. 21:43). Roçamos aqui um ponto crítico de “doutrina econômica” (se pudermos chamá-lo assim) que já não pertence ao domínio teórico da economia política e sim, à ordem sagrada da economia da vida: economia providencial.

Princípio econômico de ação-providencial.

Tanto a ciência moderna, com seu princípio de “ação mínima”, quanto a tradição espiritual do Oriente e do Ocidente, com seu princípio de “não posse” tentaram se aproximar (sem conseguir) da equação do movimento unificado humano-divino; o próprio desenvolvimento da mente racional e a exaltação da vontade técnica de poder mantiveram em domínios separados a “ação” humana e a “Providência” divina. Até ontem apenas, essa “fratura” na ordem do conhecimento das leis mais gerais do universo não parecia trazer demasiadas consequências na ordem prática da vida: os filósofos continuavam especulando sobre o mundo e os teóricos marxistas vinham com vontade de transformá-lo. Mas, a partir da revolução tecnológica, o mundo é “outro”: a tremenda energia humana liberada no planeta já não pode ser manejada com a “metade” da fórmula de poder; não só o poder econômico escapa das mãos do homem, também escapa a violência social, a delinquência juvenil nas ruas, o descontrole dos alunos nas escolas.

Não podemos manejar a Força
com as antigas equações
de manejo das forças.

Como manejar o poder de expansão-implosiva da energia liberada?

Sobram modelos,
falta homem.

Nesta penúria de resposta à crise do homem, a mensagem de unificação da força já não vem do homem: vem do reino que pergunta pelo Homem.

Economia providencial?

Sim.

Ainda não formulada pela Academia
em termos de teoria econômica,

mas vivida no Deserto
por uma nobreza do trabalho.

Assim como em um tempo luminoso houve uma “aristocracia” do espírito, hoje, no final de uma idade obscura, percebemos o suave resplendor de uma “nobreza do trabalho”: é o sal da terra. Mas não nos equivoquemos: na fronteira do tempo novo, não só há uma esperança, também uma guerra.

Os “senhores da guerra”
que tomaram posse da Terra
em nome de princípios fundamentais
de criação de riqueza,

não vão permitir que a “nobreza do trabalho”,
em nome de leis sagradas da vida,
ocupe o coração do mundo do homem.

Poder do trabalho como força de exaltação da vida: função humana perdida em aras do credo de posse do mundo. Na guerra pelo resgate desta “função perdida”, já não entra em jogo o destino dos mercados: entra em jogo o destino do homem.

Hoje, na era de circulação eletrônica de riqueza virtual, concentração do poder econômico, desemprego, perda de fontes de trabalho, violência social, a pergunta chave sobre a economia do trabalho já não vai dirigida a direitos do trabalhador, salário, legislação trabalhista, produtividade, relação entre capital e trabalho, trabalho intelectual ou trabalho manual: a pergunta precursora nos leva pela “mão” à “Fonte” de onde brota o rio sagrado da vida. Como se delineia o circuito desta corrente-Mãe de valores materiais e

espirituais que percorre o universo e volta ao coração do homem, como bênção do céu que fecunda a terra? Esta pergunta não encontra resposta hoje, dentro do marco teórico em que se movem as perguntas por trabalho, riqueza, poder econômico. E “não há resposta” porque a crise global que vivemos não é econômica, mas espiritual. Não é uma catástrofe social, política, tecnológica, econômica que, como resultado, conduz à perda do “lugar” de trabalho, senão que é uma

catástrofe cosmogônica:

o próprio homem perdeu
seu “lugar” no Reino.

Contemplo o quadro de Antonio Berni, *Os desocupados...* Olho as longas filas de pessoas que procuram trabalho frente às portas de fábricas e escritórios; observo o desfilar de multidões, ante o altar do padroeiro do trabalho, pedindo pão e trabalho; vejo pela televisão, passeatas de protesto por melhores condições de trabalho... Há algo mais que necessidade, desesperança, reclamo, em todos estes rostos resignados ou violentos: há uma tristeza sagrada. Não é somente o valor econômico do trabalho perdido que, como penúria humana, é levado como oferenda dos trabalhadores ante o deus invisível de uma justiça social também perdida: é o próprio homem o prot-agonista de um rito sacrificial que convoca as forças protetoras do céu e as fúrias do mundo subterrâneo. Há muita dor em tudo isto: foi cortado um dos ramos-mãe da Árvore da Vida... e a seiva humana ressuma pela ferida. Esta ferida já não é curada com medidas econômicas, revoluções políticas, doutrinas sociais das igrejas eletrônicas: cura-se com a força liberada pela mesma força que cortou o ramo.

Hoje como ontem, ainda que em um contexto cósmico-histórico diferente, a liberação do povo da penúria social que o oprime não vem da benevolência do “faraó”, mas do poder sagrado das “pragas”: e a falta de trabalho é só “uma” das pragas.

As “pragas” destroem muitos
que ficam fora da história,

mas acendem o coração
dos poucos que abrem o caminho
para a nova história.

Qual é o cenário, a matriz, o povo onde se está gestando esta transfiguração da história? O texto bíblico nos mostra que a escravidão social não se resolve nas terras baixas do Egito, mas no cume do Sinai. Hoje, a mutilação de funções humanas no drama da história não se resolve no espaço de jogo das mesmas forças sociais que precipitaram a catástrofe de esvaziamento de sentido, mas na clausura mística do coração do povo: espaço sagrado, onde a matéria viva do homem (matéria-substância) se conjuga com o Verbo. Desta conjunção de correntes espirituais e sociais não nasce uma nova legislação social ou uma nova “doutrina social da Igreja”: nasce um novo germe de vida. O código gen-ético é a marca da Providência divina na matéria humana: economia providencial que reúne, em um mesmo sistema circulatório, o potencial produtivo do homem, a fecundidade da Mãe-terra e a Providência do céu. É o magistério do trabalho, a economia da obra.

Na economia da obra,
todos têm trabalho.

Não se trata de uma nova teoria econômica: é uma economia que esquecemos. É a economia do “maná do deserto”, a economia do “ano jubilar”, a economia do Evangelho, a economia das comunidades monásticas, a economia dos deserdados da terra. É a economia daqueles que vivem de seu trabalho-e-da graça do céu: economia providencial de “não posse”, “não acumulação”, “não apropriação” de bens desnecessários; economia de participação social: distribuição equitativa do excedente de riqueza que todo homem nobre é capaz de produzir, não só bens materiais, mas conhecimento, assistência, conselho; economia de desenvolvimento humano: liberação da energia aprisionada em necessidades supérfluas, em ânsia desmedida de posse da vida. Não é uma economia nova. É a economia providencial que todas as igrejas predicaram e não cumpriram. É a economia social que todos os dirigentes sindicais proclamaram e não cumpriram. É a economia política que, de uma ou de outra maneira, os governantes prometeram a seus povos e não cumpriram. É a economia que alguns povos tiveram em suas mãos e não cumpriram.

O poder de Transfiguração Social do Verbo

inicia uma etapa completamente nova

no desenvolvimento evolutivo da humanidade.

Sua ferramenta pedagógica na ordem econômica é o magistério do trabalho: ensinar a manejar criativamente a poderosa corrente de energia humana liberada no planeta, ensinar a descobrir a porta de saída para não ficar encerrados em formas sem destino, ensinar a falar a língua universal que conecta todos os mundos.

“E o mundo será um”

**ASCENSÃO DA HUMANIDADE
EM CORPO**

DUPLA FACE DO MUNDO TÉCNICO

Partiram-se as águas: não é a primeira vez.

Os livros sagrados nos falam de momentos de ruptura, no grande drama da história do homem: “Moisés estende sua mão sobre o mar e divide as águas” (Êx. 14:21); “O véu do templo se rasgou em duas partes, de cima a baixo” (Mc. 15:38). Por sua vez, a biologia moderna nos diz que “sem ruptura de simetria não há evolução” (*symmetry break*). Nessas fraturas do tempo, as grandes correntes da vida se bifurcam, os velhos impérios da Terra desmoronam, novas vozes marcam os caminhos da história: transições de fase, mudanças qualitativas nas transformações do mundo.

A própria estrutura de nossa mente racional nos impede de *ver* a brecha gen-ética que hoje separa as águas das águas. Pressentimos o nascimento de uma nova era, mas só vemos as sombras da antiga Terra: cegueira cosmogônica. A cegueira para o ingresso da luz já havia sido detectada por Marshall McLuhan, no contexto da revolução tecnológica: “Ante a irrupção de um novo meio, só estamos conscientes do ‘conteúdo do ambiente velho!’” (*Understanding Media*). Mais que “cegueira”, encontramos-nos ante um “deslumbramento que cega”, modo de percepção que nos permite avaliar de “outra” maneira os resultados da técnica: “Se dá resultado, é antiquado” (McLuhan). Dito em outros termos: a avaliação dos resultados práticos da técnica (de acordo com o critério “tudo o que funciona bem é bom”) só se refere a “um” dos ramos da bifurcação, o “ramo que vemos”. E o “outro”? Simplesmente “não o vemos”: cegueira cosmogônica. Só vemos sepulcros vazios: “Por que procurais entre os mortos, aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou” (Lc. 24:5,6).

O “outro” ramo, o que “não está aqui”, o que “não pertence ao mundo dos mortos”, não quer dizer que esteja em outro céu, outro planeta, outra galáxia; está aqui-mesmo, no mesmo mundo do homem, nessa unidade da ordem sagrada da vida, antecipada pela canção de John Lennon: mas não a vemos.

Há excesso de informação:

falta visão.

Ficamos com a “metade da fórmula”.

Não se trata de negar os “resultados” da técnica: a transformação do mundo pela revolução tecnológica, o desenvolvimento do conhecimento científico através do método experimental – física atômica, genética molecular, eletroquímica... Porém, não se deve confundir os “resultados práticos” da técnica, com o “poder” da técnica (ou melhor, com o poder de “revelação” da técnica). E o que é que o poder da técnica moderna põe a descoberto?

O poder da técnica

revela

a “bifurcação” que se produziu
na grande corrente de transfiguração
da vida.

Bifurcação gen-ética: um ramo em ascenso (que aligeira seu peso rumo ao desenvolvimento de funções cósmicas recém nascidas) e outro ramo em descenso (que cai pesadamente sobre a terra e abaixo da terra, por esgotamento de energia de evolução). Mas, há algo que não devemos perder de vista nesta ruptura de simetria do mundo moderno; a “bifurcação” a que nos referimos não é só de ordem político-econômica (entre os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres); de ordem moral (“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”); ou de ordem metafísica (afirmação da vontade de poder e “esquecimento do ser”); senão que essa “bifurcação” é, ao mesmo tempo, na ordem tecnológica da vida humana: muitas funções mecânicas do homem terrestre já não resistem ao embate das ondas cósmicas.

Frente ao extraordinário desenvolvimento
psiconeurocibernético do mundo técnico
(ramo ascendente),

a antiga fisiologia do homem mecânico
vai ficando deslocada (ramo descendente)

A tecnologia do sistema imunológico vai ficando para trás, não só frente ao embate de vírus e “moléculas assassinas” cada vez mais inteligentes, mas também frente à cegueira de seus próprios sensores para reconhecer, em situações críticas, o tecido do próprio organismo – o qual ataca como se fosse inimigo (enfermidades de autoimunidade). Cada vez precisamos de mais “peças de reposição” para um genoma danificado: mais corações, fígados, rins, medula óssea... O laboratório humano já não produz suficiente “interferón” para abastecer a demanda do mercado da doença: e devemos recorrer à fábrica do reino animal. Precisamos de mais proteínas e recorremos a vacas superestimuladas para que produzam “mais crias”. E o mesmo com as plantas e sementes transgênicas. Perigosa intromissão do homem nos demais reinos, para sustentar a demanda de uma sociedade cada vez mais voraz? Pelo menos, sinais de alarme... Teremos que reconhecer o fracasso do homem do “quarto reino”, quanto à missão que lhe foi encomendada de “ser custódio” do jardim do Éden (“para que o cultivasse e guardasse”, Gên. 2:15)?

Tudo me faz pensar que o homem, enquanto “custódio” do recinto orgânico que lhe foi dado em “custódia” desde a origem, fracassou e fracassaram as instituições humanas que, em diferentes épocas da história, receberam o mandato de custodiar zelosamente a “arca da aliança”.

A moral já não está nas mãos do homem.

E então, em mãos de *quem* está?

Está nas mãos da própria Força de Transfiguração Social do Verbo!

Até a Segunda Guerra Mundial, talvez até 1968, a guerra sobre a Terra era (ou acreditávamos que fosse) *Ideo*-lógica: lutávamos por uma ideia, por uma concepção do mundo. A guerra de hoje é *tecnológica*; lutamos por uma ética, uma moral unida à vida, uma *genética*: “molécula mensageira” que restabeleça a ordem sagrada do mundo.

Quem são (quem somos)

os prot-agonistas

deste drama cosmogônico

que hoje é representado no grande cenário

do tempo humano?

Faria falta o gênio de um Ésquilo, de um Sófocles, para desvelar, por trás das vestes humanas, os poderes cósmicos (ultra-humanos e sub-humanos) que intervêm na obra (drama e tragédia, ao mesmo tempo) de Transfiguração Social do mundo do homem.

Só podemos observar (teoria epistemológica dos “observáveis”) os efeitos, os “resultados”, a teoria oficial de um teatro de sombras, cujo libreto original (seu código gen-ético) escapa de nossas mãos. Escapamos a chave gen-ética de transfiguração.

A moral é a
força de organização evolutiva
da matéria.

Essa chave tecnoespiritual não está nas mãos do homem técnico. Isso não quer dizer que a moral não exista na sociedade humana; sim, existe: como especulação ilustrada no terreno da teologia moral e da filosofia dos valores, como reflexão acadêmica acerca da ética do comportamento humano, como código ético de ofícios, profissões e empresas; a moral existe como forma de regulação social da conduta, mas não é reconhecida como substância intrínseca da vida. Dito de outro modo: é uma realidade virtual do entendimento, mas não é realidade substancial nas mãos. Não-é “enzima” da vida. Na falta deste fermento (“molécula-mensageira”), o corpo (individual-social) tem que pôr em jogo custosos mecanismos de regulação adaptativa: “custosos” não só em termos econômicos, mas também evolutivos; a energia de evolução é absorvida (consumida) pelos sistemas cada vez mais sofisticados de adaptação e repressão. É preciso manter dentro de certos limites, pelo menos toleráveis, a corrupção, a violência social, o crime organizado... o organismo social chega a adaptar-se (a um alto “custo”), mas não a curar-se: adapta-se, adoecendo – como ocorre em escala individual, nas impropriamente chamadas “enfermidades de adaptação”, ou “autoimunes” (mundo intermediário, onde a vida convive com a morte).

Por carência de “enzima moral”
desembocamos em uma patologia

de adaptação-social.

Na falta de “enzima moral” que *eleva* o metabolismo orgânico a níveis de expansão de consciência, o sistema explode por refluxo de energia e implosão social. Muitos dirão que, apesar desta “carência moral”, o produto interno bruto aumenta, a economia global não se detém e o fluxo eletrônico de dinheiro é cada vez maior; sim, tudo isto é certo, os circuitos econômico-cibernéticos funcionam muito melhor (com maior eficiência técnica) quando estão desconectados de todo princípio essencial; mas, trata-se de “excesso” de atividade improdutiva e de acumulação de resíduos.

Só vimos “uma” das faces
do poder da técnica:

face de “projeção” do Verbo-em ação, face de “irradiação” da Força de transfiguração, rosto que “brilha como o sol”: poder tecnológico de energia atômica, corrida espacial, engenharia genética, economia de circulação eletrônica de informação, fluxos e refluxos das bolsas de valores em tempo real, comunicação planetária de símbolos sociais também em tempo real. Ficamos fascinados por essa fisiologia global que parecia autossustentável.

Digo que “parecia” porque a “teoria da catástrofe”, vivida hoje como “real-catástrofe” de sistemas econômicos, financeiros, ecológicos, sociais, imunológicos, leva os mais destacados economistas, sociólogos, homens de negócios e pensadores de antecipação a pôr em dúvida o dogma de salvação do mundo pelo princípio de autorregulação das forças do mercado.

A mensagem implícita do poder hegemônico, na era de globalização dos mercados, é que a própria dinâmica do modelo e a autorregulação de seus sistemas cibernéticos (*self-organizing system*) darão resposta aos problemas sociais, através da revolução científico-técnica: não só mais produtividade e mais postos de trabalho, mas também mais órgãos de reposição, mais animais transgênicos. É a visão otimista da revolução tecnológica, recebida como “mensagem de salvação” (não posso menos que mencionar aqui a feliz expressão de Thomas Berry, ao referir-se ao impacto do poder da técnica na mente do homem contemporâneo: “transe tecnológico”, como Berry chama esse impacto, “mensagem de salvação pela técnica, que vem para substituir, na sociedade dessacralizada, a mensagem transcendente de salvação”).

Mas, o que é salvação?

A ideia de salvação, quer falemos de salvação política, de salvação tecnológica, de salvação espiritual, ficou envolvida na bruma das interpretações teológicas e místicas, mas continua ressoando em nossa alma, como uma das grandes palavras que nos interroga acerca do destino do homem.

Não posso dizer o quê seja a salvação,
mas sim, posso dizer,
o quê se sente quando não se pode sair da lata.

Uma estranha onda de consciência cósmica ondula a superfície das águas da vida social; o grande Ortega y Gasset já havia anunciado no começo do século, em linguagem poética: “São as leves ondulações que deixa, na quieta pele do estanque, o sopro inicial” (Ortega y Gasset se referia, em 1923, à “marca sutilíssima que o tempo emergente imprimia no puro pensamento”). Mas, a “onda profética” haveria de penetrar em níveis mais profundos da vida; e hoje, já não é a “leve ondulação” que acariciava a sensibilidade dos poetas anunciadores, mas as fortes “flutuações críticas” que quebram a simetria do mundo. As “mensagens de esperança”, já sejam políticas, sociais, espirituais, apocalípticas, messiânicas, perderam sua força originária de salvação: foram mensagens “para a alma”. Hoje, a mensagem portadora de sinais de destino é “vibratória”, de “ressonância cósmica na matéria humana”: é mensagem “para a vida”. As antigas mensagens de salvação se dirigiam ao “ver” e ao “sentir”: foi a grande tarefa dos escritores sagrados, poetas da forma, artistas da imagem, arquitetos da pedra. Hoje, a mensagem profunda é transmitida pelos arquitetos do som; dirige-se ao “escutar”: carece de forma; é “som in-audível” que divide as águas, parte as formas, muda a geometria da matéria.

Mensagem de “ressonância” da matéria?
O que nos diz a linguagem da matéria?

Diz-nos que é muito difícil resistir à alta vibração que comove as águas profundas da vida. Que muito pouco ouro se pode salvar das areias do tempo. E que o resto é levado pelo rio.

A mensagem de salvação que vem das entranhas da matéria (confirmada no laboratório, pela bioquímica molecular) nos diz que, na curva do tempo, existe um ponto crítico de “oportunidade de

salvação”, a partir do qual, é inútil querer salvar o que está perdido (a mulher de Lot olha para trás e fica transformada em “estátua de sal”; a mensagem evangélica diz o mesmo, mas de outro modo: “Aquele que quiser salvar sua vida, esse a perderá” Mat. 10:39). Como são manejadas essas flutuações críticas entre a vida e a morte? Ou não são manejadas? Fica tudo a cargo das forças de auto-organização dos sistemas vivos? Ou há algum princípio moral ou espiritual que possa ser manejado pelo homem e que o “salve” de cair na cristalização existencial e na morte térmica? William Blake, em seu *Matrimonio entre el Cielo y el Infierno*, fala-nos do poder do homem justo, para cruzar o vale da morte:

Ontem submisso, na senda perigosa,
o homem justo
seguiu seu caminho através do
vale da morte.

Onde crescia o espinheiro
plantaram as rosas,

sobre a terra estéril
canta a abelha.

Até ontem apenas, a *moral* do “homem justo” parecia suficiente para caminhar submisso pela “senda perigosa” e não ser devorado pelo “vale da morte”. Dito de outro modo: a antiga tecnologia orgânica, os próprios princípios reguladores do “antigo pacto” com a natureza, eram “caminho” suficientemente seguro para sustentar o suave ondear das forças da vida. Hoje, a “senda perigosa” se tornou muito mais perigosa e, antes de cruzar o vale da morte, já se perdeu a vida: o antigo cérebro já não pode sustentar o fluxo de informação do mundo técnico, o antigo sistema imunológico não pode defender-se de vírus muito mais astutos. É como se o “poder” da técnica, que mudou a face social do mundo, houvesse posto a descoberto a insuficiência tecnofisiológica do próprio ser humano para responder ao desafio evolutivo da vida. A própria vida, seu padrão *gen-ético*, rompeu-se por dentro; o que entra em jogo, a partir desta ruptura de simetria, já não é uma nova moral: é uma nova “molécula”.

Dupla face do mundo técnico:

ao cérebro eletrônico por fora
corresponde, analogicamente,
um coração a-tômico por dentro.

A própria estrutura da mente racional, que nos conduz à fragmentação do mundo e à separação dos caminhos do conhecimento e da vida, interpõe-se como espesso véu que nos impede de “ver e sentir”, ao mesmo tempo (“clarossentir”), o maravilhoso movimento Unitivo de Transfiguração Social do Verbo. E voltam as perguntas. O que *é* esse Verbo? Só um princípio metafísico: “Aquilo de onde tudo procede e para onde tudo volta”? Podemos, acaso, reconhecê-lo como um *quem*: “Por Ele foi feito o mundo”? Por uma mística do coração? Por uma moral religiosa, ética social, moral sem dogmas? Por uma ciência de campo unificado? Por uma técnica de transfiguração? Ou pelo sacrifício cotidiano dos inocentes?

Quantas palavras lançadas ao vento!

PERDEMOS A GUERRA: A CASA DO HOMEM FICOU SEM SUSTENTO

Havíamos perdido o Paraíso e agora, perdíamos a guerra.

Hora solene: já não se trata da queda do anjo, mas da queda do homem. Cruzando as grandes águas da história, já não encontramos chão onde apoiar o pé. Talvez a expressão que melhor sintetize esta catástrofe existencial, seja o grito dos jovens que escutávamos naquele maio de 1968, nas ruas de Paris, e que ainda ressoa em nossos ouvidos: “Deus morreu, Marx morreu e eu não me sinto nada bem”. Algo se havia ocultado (e permanece oculto).

A vontade do homem não pôde impedir a queda da imagem do mundo.

As novas tecnologias informáticas ampliaram consideravelmente as possibilidades de desenvolvimento intelectual, social, econômico, político, do mundo socioeletrônico (“sociologia da web”); mas, ao mesmo tempo, desestabilizaram, por “implosão”, a arquitetura da fisiologia humana: a casa do homem (seu próprio “corpo”) ficou sem sustento. Não só perdemos a “imagem” do mundo: “Rompeu-se o antigo pacto com a natureza”, disse Jacques Monod. É tão profunda a comoção provocada por essa “fratura ontofisiológica” em nossa sensibilidade vital, que ficamos sem teoria para aproximar-nos do novo “estado da matéria” que surge da crise: todas as teorias ficaram sem sustento, ao desmoronar a estrutura da linguagem que lhes servia de apoio (em um “diálogo acerca da fala”, entre Heidegger e um interlocutor japonês, o pensador alemão chega a dizer: “Pareceria como se todas as fontes devessem esgotar-se”).

Por um lado, conquistamos o mundo
(pelo poder da técnica)

Por outro,
perdemos a imagem do mundo,
“rompeu-se o antigo pacto com a natureza”,
desmoronou a estrutura-sustento da fala.

Não havia dito o apóstolo Paulo: “De que vale ao homem conquistar o mundo se perde sua alma”? Sim, mas o que hoje foi perdido não foi só a alma, mas também a guerra.

Perdemos a guerra.

Qual é a *natureza* desta guerra que perdemos?

Jacó luta com o anjo e ganha a guerra. E o anjo lhe diz: “Não te chamarás mais, daqui em diante, Jacó e sim, Israel; pois lutaste com Deus e com homens e venceste”; o anjo o abençoa e Jacó exclama: “Vi Deus face a face e ficou a salvo minha vida” (Gên. 32:28,31). Outra vez sai a nosso encontro isto de “salvar a vida”. E nós, contra quem lutamos? Qual é a natureza daquilo pelo qual lutamos? Que tipo de guerras ganhamos ou perdemos?

Guerras políticas, econômicas, raciais, religiosas, sociais? Perdemos todas estas guerras: milhões de seres humanos ficaram sob os escombros. Guerra tecnológica? Só nos fica a “ilusão” de haver ganhado (e ganhamos, enquanto vontade de poder). Porém, para além de guerras perdidas ou ganhas,

há uma guerra que perdemos

sem ter consciência de que
a perdemos.

Saberia Jacó que estava lutando contra o anjo? Não: só soube quando o próprio anjo o disse. Sabemos nós com quem estamos lutando? Não: só sabemos que a casa que habitávamos ficou sem sustento.

Ficamos sem chão!

Guerras mundiais, energia atômica, poder tecnológico, viagem às estrelas... Vemos a “obra” do Homem, mas já não ouvimos os passos do “Senhor Deus que passeava pelo jardim, no frescor do dia” (Gên. 3:8).

Perdemos a guerra:

Lutávamos com o anjo

e não o sabíamos!

De uma ou de outra maneira e com desigual medida, esta luta contra o anjo desconhecido nos afeta a todos, “marca-nos” a todos. A guerra perdida, este desmoronamento de todos os marcos de estabilidade que, até ontem apenas, sustentavam nossa imagem do mundo, essa “catástrofe” do mundo conhecido nos tira do sono e nos leva ao umbral de um novo despertar (que tampouco é “despertar” e sim, *revelação*). O que posso dizer de minha própria experiência de revelação, na casa sem sustento?

O mundo já *não é* o mundo:
era só uma imagem do mundo.

A “aldeia global” *não é* Global:
era só uma aldeia.

A terra *não é* a Terra:
era só um ponto de apoio,
um albergue transitório.

O homem que lutou com o anjo e perdeu todas as guerras já *não é* o senhor do mundo, dono de toda a Terra, mas tampouco *é* nada: o anjo o chama a ocupar seu próprio lugar de homem no mundo. Dá-se também aqui, uma mudança de nome? Qual é o “nome” do recém nascido?

A fala não encontra palavra
para dar “nome”
ao a-corde de revelação / re-velada.

SENTIMENTO-VITAL DE UNIÃO

Quando tudo terminou, quando a casa do homem ficou sem apoio e a alma sem palavra, o que *é* que sustenta o pulso da vida e marca os passos do homem? A resposta não tarda em chegar: a própria vida! Desde seu âmago, desde o fundo da “vida unida à morte”, o pulso da vida pre-anuncia mais vida. Hoje, mais do que nunca, queremos prestar ouvidos a este secreto coração.

Sinal de nosso tempo: um estranho sentimento de haver perdido o rumo, de não ter estrela guia, de sentir-nos estranhos em nossa própria casa... e, no entanto, apesar dessa estranheza e talvez pela própria estranheza, pre-sentimos um estranho sentimento-vital de re-união no corpo orgânico da vida. É difícil dar nome ao ritmo da matéria que guia nossos passos. Nosso passo é vacilante, certamente; as grandes metas que, até ontem apenas, impulsionavam nossos sonhos perderam seu esplendor, os deuses “fugiram”, os mestres se “retiraram”, o pulso vital do recém nascido é apenas uma tênue chama que oscila perigosamente entre a vida e a morte: quantos abortos à beira do caminho!

Nota chave. Uma nova sensibilidade-cósmica marca o ritmo do caminho: “ressonância” qualitativamente diferente de todas as notas, sinais e sons que havíamos ouvido até agora, na longa caminhada da história.

Sentimento-vital de união. União com quê? – pergunta a mente inquiridora. John Lennon não pergunta, canta: “E o mundo será um”. José Martí tampouco pergunta, diz o que sente: “Todo homem verdadeiro deve sentir na face, o golpe dado em qualquer face de homem”. Este sentimento-vital de união, em sua pureza originária, livre de especulações ideológicas e doutrinárias, funda, desde o coração do homem, o “corpo místico” que deverá dar sustento às correntes sociais de vanguarda de todos os povos da Terra. Sentimento-vital de união não é “religião universal” abstrata, “religiosidade cósmica” metafísica, “revolução social” política: é corpo. É a força originária de ascenso da humanidade, em corpo.

Todas as religiões universais, a seu tempo nas diferentes épocas da história, ofereceram (desde sua raiz) “corpo místico” às grandes

civilizações do mundo. Com “dar corpo místico” quero significar “custodiar”, manter em sua integridade o “código sagrado” que receberam das mãos de seus profetas, legisladores e fundadores. “Custodiar no corpo”, que é como dizer: “sustentar a chama divina com a oferenda de vida humana”. E é esta “ordem sagrada” da vida a força-Mãe (porque opera como Mãe) de Transfiguração Social do Verbo. O debilitamento desta força divino-humana de “Ascensão” precipita o desmoronamento dos impérios edificados sobre a areia. A ruptura do “pacto sagrado” induz a des-organização das funções da vida. Quando o irmão porteiro que faz a guarda fica adormecido e a porta do mosteiro permanece aberta, entram os bárbaros, a destruição, a discórdia. E os irmãos, antes unidos, dispersam-se.

O “pacto social”,
a “revolução científico-técnica”,
a “guerra nas estrelas”,

são insuficientes

para restabelecer a “ordem sagrada”
da vida humana.

Hoje, quando o mal se fez visível na tela social do mundo, quando a morte circula disfarçada de mil modos pelos canais invisíveis da vida, quando a treva cega a visão espiritual do homem, nesta época de transição de fase para a consciência cósmica, as antigas e modernas “chaves” que, de uma ou de outra maneira, permitiam-nos traçar os grandes vetores da evolução coletiva da humanidade, já não emitem sinais que possam guiar nossos passos no cosmos recém aberto: a tristeza cósmica que hoje sofremos já não pode ser preenchida pelos bens materiais e espirituais da Terra. Só a própria vida pode vir em auxílio da vida, tocada pela morte.

Houve, em um antigo tempo, renovação da aliança: “Farei contigo minha aliança” (Gên. 17:2). Hoje, também a bioquímica molecular nos fala de “nova aliança”. Mas, há um véu que cobre o olhar. Em nossa época de dessacralização do mundo, a própria ideia de “aliança”, enquanto chave de transfiguração gen-ética da vida, ficou reduzida a imagem de pacto cerimonial ou a conceito de catalisador químico: despojou-se a “Aliança” de sua investidura simbólica, na

grande hierofania da vida cósmica. O que nos fica então, para restabelecer a unidade originária do templo?

Dar um passo para trás,
voltar-nos sobre nós mesmos,

para resgatar

o sentimento-vital de união.

Voltar a escutar o Verbo “portador” do pacto, que “nos traz” o pacto e *nos* chama a celebrar “aliança” com o Verbo, no seio da Mãe (de nossa própria Mater-matéria): que nos chama, a *todos*. E a quem nos chama?

Chama-nos a restabelecer
a “ordem sagrada” da vida

por meio da

Transfiguração Social do Verbo.

Os antigos deuses prescindiam do homem para seus grandes desígnios. Os imortais não necessitavam do homem para sua eterna bem-aventurança e, se intervinham nas ações significativas do homem, não faziam “pacto” com o homem. E, quando houve “pacto”, nem sempre o homem esteve à altura do Pacto: “Não permanecerá para sempre meu espírito no homem, porque não é mais que carne” (Gên. 6:3).

Hoje, quando a deusa Técnica veio habitar entre os homens e recebemos sua palavra como “mensagem de salvação”, cedo nos demos conta de que, por trás do véu de seu código informático, ocultava-se uma chave antissocial de “expulsão do homem”: e veio o desemprego, a violência social, o albergue transitório.

O quê nos acontece então,
a um passo
de dar um passo em direção às estrelas?

Acontece que perdemos nosso lugar no mundo,

que nos sentimos estrangeiros em nossa própria casa,
que perdemos o lar.

.....

Viene uno como dormido
cuando vuelve del desierto;
veré si a explicarme acierto
entre gente tan bizarra,
y si al sentir la guitarra
de mi sueño me despierto.

José Hernández, *La Vuelta de Martín Fierro*, I

“Verei se, ao ouvir o violão, desperto”. Para despertar, o cantor de desafio não recorre a nenhum princípio metafísico, sonho profético, equação matemática... senão que vai em busca de um sentir profundo, vital, unitivo; sentir que se antepõe ao ser e o qual a linguagem poética simboliza no “som” ainda não pronunciado de um violão que se põe à escuta da língua-mãe. O “som”-e-o “gesto”; porque ao abraçar o violão contra o coração, o que se quer escutar é a nota-Mãe que revela a força originária de individuação-expansiva do Ser: sentimento-vital que re-une (egoência do Ser).

Sentir-vital que re-une

Esta “egoência do ser”, função-Mãe da humanidade que “volta do deserto”, nasce das próprias raízes da Árvore da Vida e pertence, portanto, à ordem sagrada da vida; função-e-ofício da nobreza do trabalho: humaniza a energia cósmica, desde o “corpo espiritual” e devolve a “energia cósmica humanizada” ao “corpo social” (energia de enlace).

A ideia de “corpo espiritual” que os humanismos e socialismos idealizam como valores supremos, quanto a direitos do homem e do cidadão: liberdade, igualdade, fraternidade e que a tradição cristã preserva como arquétipo de *Corpus Mysticum*; essa ordem sagrada da vida, expulsa do templo social pelo racionalismo filosófico e pelo pragmatismo religioso, volta a ser incorporada no coração do povo como “órgão” de Transfiguração Social do Verbo, fogo de origem que, desde as raízes da Árvore da Vida (que é como dizer, desde o

coração da Mãe) sustenta a corrente ascendente de energia-consciência do corpo social.

O descobrimento da “energia de enlace” entre o corpo espiritual e o corpo social, apesar de tratar-se de um “vínculo” muito sutil que escapa à sensibilidade comum, revela-se de extraordinária importância na ordem prática da vida: é a conquista de maior hierarquia que a humanidade realizou nesta fase crítica de transição para a era cósmica. E é digno de nota que o descobrimento da “energia de enlace” se haja realizado, ao mesmo tempo, no coração do homem e no coração da matéria.

“Energia de enlace”:

força até agora desconhecida
que se manifesta em pontos críticos
de ruptura de simetria;

que descobrimos tanto no tabernáculo secreto do coração,
quanto nos laboratórios de fisicoquímica
e nos aceleradores de partículas.

Força que re-une mundos separados
e que se faz acessível
ao manejo inteligente do homem.

Novo a-corde de transfiguração da vida. No sentimento-vital de união, no manejo “sábio” da energia de enlace, o místico e o cientista se reconhecem um ao outro, como mensageiros do próprio Verbo.

**TEMPLO SOCIAL:
“ROSTO E VESTE” DO SENHOR**

“MASSA CRÍTICA”

INCÊNDIO DA MATÉRIA: VIEMOS PARA DAR UM ROSTO SOCIAL AO VERBO

De uma ou de outra maneira, por diversos caminhos e com diferentes linguagens, todos procuramos a fonte-Mãe de onde brota o rio: Mater-matéria, de onde flui a água da vida e o princípio-raiz da ordem social do mundo; e digo do “mundo”, não só do homem, porque também há “ordem social” no mundo dos insetos e no cosmos habitado por planetas, sóis e galáxias.

Porque digo desde a “Mater-matéria”, desde o coração do povo, e não desde as universidades, as Igrejas, o parlamento, as empresas multinacionais, o poder político, o mercado global? Muito simples: porque boa parte dos “sábios e entendidos” que vieram para ordenar o mundo encheram-no de lixo; e, no “coração do povo” ainda fica uma reserva de “pobres de espírito”, como potencial “massa crítica de fusão”: que quando tudo pareça perdido, venham para oferecer seu coração (lembro-me da canção de Mercedes Sosa).

Surge aqui, de imediato, uma pergunta que não é fácil responder. O que até agora chamamos de “incêndio da matéria humana” – energia espiritual que, desde o coração do homem sustenta a Transfiguração Social do Verbo – essa “energia de enlace” é uma realidade essencial que se traduz em fatos da vida cotidiana ou é uma ilusão conceitual que nos ajuda a sustentar a realidade de um mundo que deixou de ser real – mas que queremos a toda custa que continue sendo “real”? Acaso não vemos que os templos estão vazios (de espírito), que os rios e os mares estão contaminados, que a corrupção política e econômica degrada a ordem social, que o estrago do ecossistema planetário ameaça com uma catástrofe da vida... e que muitos destes males são irreversíveis? Dito de outro modo: os fatos não nos falam mais de um deus que abandonou o homem, retirando-se do mundo do homem e deixando o homem abandonado a sua própria sorte? Talvez, a um olhar superficial, pudéssemos dizer que *sim*. Mas, a um olhar profundo, eu diria que *não*. Os “fatos” nos dizem que há muita dor no

mundo e que a globalização técnica traz bem-estar para poucos e sacrifício para muitos; mas, quando dor e sacrifício chegam a temperatura e pressão “críticas” (por planetização e globalização), em algum lugar do planeta se produz uma *in-plosão/expansiva* de “energiaconsciência” que muda a geometria das moléculas da vida: a matéria humana se quebra por dentro e, do coração do povo, brota a água da vida. Ainda não conhecemos as leis desta economia cósmica de auto-organização, na qual não entram em jogo somente valores econômicos, mas também forças morais. Existe no universo algo assim como uma “economia moral”? Acaso não nos diz a tradição espiritual que o homem justo pode parar a fúria do céu?

O que parece impossível para muitos
pode tornar-se possível para poucos.

Não foi necessária muita quantidade de urânio 235 para chegar à “massa crítica” de fissão atômica que conduziu à destruição de Hiroshima e Nagasaki. Mas, do “outro lado” do mundo físico, no espaço de jogo de leis cosmogônicas que criam e destroem os mundos, “outra massa crítica” (já não de matéria fissionável, mas de nobreza de espírito) pode fazer girar em sentido inverso (em direção à fonte) a roda da vida. Vale a pena meditar sobre a passagem bíblica que relata a intercessão de Abraão, pelas cidades infiéis de Sodoma e Gomorra:

O clamor de Sodoma e Gomorra cresceu muito e
seu pecado se agravou em extremo...

Aproximou-se dele Abraão e lhe disse:

Mas, vais exterminar juntamente o justo com o
malvado? Se houvesse cinquenta justos na cidade,
exterminá-los-ías acaso, e não perdoarias o lugar,
pelos cinquenta justos?

.....

Se achasses em Sodoma cinquenta justos, perdoaria
por eles, todo o lugar.

(Gên. 18:20-26)

Talvez Abraão duvidasse se poderia encontrar em Sodoma cinquenta justos e, voltando sua palavra ao Senhor, pergunta: “E se só

houvesse quarenta e cinco?”. Ante a resposta: “Também perdoaria”, Abraão vai descendo a conta, até chegar a dez: “E se encontrassem ali dez?” E lhe respondeu: “Pelos dez, não a destruiria”. Não houve dez (ao que parece: “massa crítica”) e “choveu sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo desde o céu”. Ao cabo destas reflexões, surge uma pergunta: não houve dez justos em Hiroshima e Nagasaki?

Há alguma reserva de “nobreza espiritual” no coração
do povo

que possa impedir que a corrupção da matéria chegue
“ao extremo” e faça explodir as molas da vida?

Em julho de 1962, tocamos um pico de “perigo extremo”: a guerra atômica esteve a um passo de estourar. Os mísseis intercontinentais com ogivas nucleares das duas grandes potências se ameaçavam mutuamente, os foguetes soviéticos instalados em Cuba, prontos para serem disparados contra os Estados Unidos. No Congresso pelo Desarmamento e pela Paz, celebrado em Moscou (10 de julho de 1962), o líder soviético Nikita Krushev, ante delegados de todas as partes do mundo, pronunciou severas palavras, advertindo sobre o “perigo de uma nova guerra mundial” (“a humanidade pode ver-se arrastada a esse abismo, se não forem tomadas medidas decisivas”). Quem pôs a mão e deteve o holocausto termonuclear? Em 1989, caiu o “muro de Berlim” e terminou a guerra fria, mas o poder atômico permaneceu intacto; havia-se cumprido a profecia de Herbert Marcuse: “As grandes potências vão chegar a um acordo; o maior perigo não é a bomba, mas o embrutecimento humano”. Terminou realmente a guerra fria? Ou seu potencial de destruição foi transladado ao aquecimento do planeta? A epopéia tecnológica desembocou em drama sociológico e em tragédia ecológica? A crise global do planeta deve ser interpretada como fenômeno de “auto-organização evolutiva” (em termos da ciência moderna) ou como “reação em massa da Terra” (em palavras de Thomas Berry) ao abuso de poder do homem? Qualquer que seja a interpretação,

qual é a resposta ao desafio
de poderes obscuros

que escapam das mãos do homem?

“Farei contigo minha aliança” (Gên. 17:2). Ficamos com uma imagem “demasiado humana” deste pacto sagrado: algo assim como um “contrato” entre Deus e o homem, pacto que poderia ser rescindido por qualquer das partes, sem maiores consequências. Os livros sagrados nos dizem que não é assim: que *sim*, há consequências. Mas no mundo moderno, marcado pela vontade técnica, a palavra do homem ante Deus perdeu a força e o significado de “pacto”, e só fica como fórmula cerimonial (política, social, religiosa), sem compromisso com a vida. Hoje, esquecemos a essência do pacto de “aliança”, mas começamos a re-descobrir (com ajuda da ciência) a função co-evolutiva da “energia de enlace”.

Hoje, a crise global do mundo
se inscreve como contrafigura
de uma nova aliança.

O “pacto de aliança” pertence, desde a origem, ao cerimonial cósmico da vida e “compromete” a vida do homem. Ainda mais, animo-me a dizer que se hoje, na noite escura da matéria, há crise global do mundo, é porque é ativado o potencial gen-ético da aliança. Dito de outro modo: o “pacto de aliança” tem uma força operativa própria, um código simbólico próprio, uma lei própria que muda as leis ditadas pelo homem e deixa sua impressão reguladora nas moléculas da vida. É muito difícil para nós aceder ao código de sentido desse poder do Verbo que faz “pacto” com “o homem que se dispõe” ao pacto e opera como “pacto”, inclusive contra “a vontade do homem que se opõe ao pacto”.

O que aparece como *obsкуроentender*
para a inteligência de escribas e doutores da lei,
torna-se *clarossentir*
na câmara secreta do Coração do povo.

Estamos tentando ler o que escreve o Verbo nas águas profundas da vida: pegadas invisíveis do “caminhar do deus sobre o mundo” (feliz expressão de Rodolfo Kusch), leitura simbólica na tela do mundo. Começamos a *ver* as sombras da luz que ingressa, a força do Verbo que precipita os acontecimentos: os acontecimentos transformados em símbolos, o caos transformado em ordem. Nesta “leitura à segunda potência”, na “iluminação por transfiguração”, pela

primeira vez vejo o mundo como Mundo e o homem como Homem: a luz que ingressa afasta a treva e desimpede o lugar (e a função) do Homem no mundo.

Caiu a “imagem” do mundo.

As leis gerais são “outras”, os acontecimentos visíveis são apenas “sombras” de poderes invisíveis: não só o homem habita o mundo; e ele tampouco é o rei do mundo. Desde a “soberania política”, o povo perdeu a guerra. Mas, desde o coração sacrificial do povo, voltamos a ganhar a guerra/perdendo-a: “mística do coração” do povo.

Entramos na fase *energética* da “mística do coração”: na dimensão sagrada do corpo social. Conhecíamos, certamente, a figuração simbólica do “coração irradiante” de Jesus na emblemática cristã, mas esse coração em chamas ficou como representação do fogo expansivo do amor, no mistério do Verbo encarnado: ponto de veneração, adoração e exaltação do sentimento-religioso; conhecemos as diferentes expressões do sentimento-telúrico, vinculado ao coração fecundo da Mãe Terra; conhecemos o testemunho de religiosidade-cósmica de um Einstein e de um Teilhard de Chardin; e o sentimento-numinoso, enraizado no coração do espírito de um Rudolf Otto; conhecemos pelo Evangelho, o rosto irradiante do Senhor (“que brilhava como o sol”)... mas, não conhecemos a “energia solar radiante no coração do povo” nem o “rosto social do Verbo”. Roçamos um novo *Mysterium* uma “onda nouírica de energia de fusão”. Tomo de empréstimo de Pietro Ubaldi, o termo “onda nouírica”⁷, enquanto dimensão espiritual do campo noosférico que envolve o planeta, mas destaco a nota qualitativa de “energia de fusão” que a caracteriza como “radiação social do Verbo”: por analogia com a radiação de fusão do sol (conversão de hidrogênio em hélio, com emissão de fótons de luz visível), a “onda nouírica (invisível) de energia de fusão” se torna “partícula” (visível), no “rosto social do Verbo”. Tratemos de esclarecer o obscuro.

Tomo da biografia de Ernesto “Che” Guevara, de Jorge G. Castañeda, a imagem do asceta revolucionário morto (com os olhos abertos): “Destamparam seu rosto, já sereno e claro, e lhe descobriram o peito – dizimado por quarenta anos de asma e um de

⁷ Pietro Ubaldi, *Las Noures*, Buenos Aires, Constancia, 1931.

fome nos ermos do sudeste boliviano... Quando começaram a desfilar os jornalistas e vizinhos curiosos, a metamorfose já era completa: o homem abatido, iracundo e esfarrapado, ainda na véspera de sua morte, havia-se convertido no Cristo de Vallegrande, refletindo em seus límpidos olhos abertos, a tranqüilidade do sacrifício consentido... Seus verdugos deram rosto, corpo e alma ao mito que percorreria o mundo”⁸. Volto a repetir: entramos na fase *energética* da mística do coração, na dimensão humana, social, histórica de transfiguração do Verbo, na “onda de fusão” de valores materiais e espirituais dos milhões de olhos que nos olham, desde além e aquém do rito sacrificial do homem.

⁸ Jorge G. Castañeda, *La Vida en Rojo*, Buenos Aires, Espasa, 1997, pg. 17.

“CONHECIMENTO-VERBUM”

MYSTERIUM PARTICIPANTIS PARTICIPATIONIS: PRINCÍPIO DE AÇÃO-INAÇÃO

O homem não criou o fogo, mas pode sustentar a chama: participação participante. Não é o Verbo, mas pode aceder ao conhecimento da energia-*Verbum* que traça os caminhos do homem: energia de plasmação. Trata-se não somente de iluminar a caverna com a luz da inteligência, mas de tomar nas mãos o fogo sagrado da vida, para sair do cativeiro: iniciação humana, no mistério de plasmação do Verbo.

Participação-participante: princípio de ação-inação humana, Transfiguração Social do Verbo. É algo mais que vontade de poder, solidariedade social, economia de participação, povo em armas ou povo nas urnas... Quando digo “princípio de ação”, não me refiro a uma lei física, princípio metafísico, conduta ética, mas à função “gen-ética” (especificamente *humana*) de sustentar (custodiando) a corrente de “sangue ígneo” que circula pela Árvore da Vida; função “fisiológica”: participação do homem no desenvolvimento orgânico do mundo.

Por que digo *Mysterium* e não simplesmente Participação? Porque o termo “participação” (*participatio*) perdeu o vínculo-*seminalis*, raiz essencial de união das partes com o *todo*, para só deixar visíveis os ramos das partes. *Mysterium participantis participationis* não é “participação” pura e simplesmente, mas ação de ressonância humana com o Verbo, ação *inclusiva* que marca a alma e o corpo do homem com a energia solar do Verbo; já não falamos aqui somente de “conhecimento”, mas de “conhecimento-*Verbum*”; não só de economia, mas de “economia-providencial”; não só de “sexualidade”, mas de energia humana transformando-se em Verbo; não só de “solidariedade social”, mas de química-social. Não estamos falando de outra ética, mas de outra fisiologia: salto qualitativo na ordem de funções da vida.

Mysterium participantis participationis não é só mística de participação: é, ao mesmo tempo, ciência e técnica de transfiguração.

Não é só o homem aplicando o conhecimento, mas o homem transformando-se a si mesmo em “saber”, pela prática do conhecimento. Já não é só o ofício, mas o “ofício sagrado”: participação inteligente do homem na fisiologia evolutiva dos demais reinos. Ofício sagrado: uma função perdida. Essa função que, em tempos remotos, fora atributo de “virgens do Sol”, “guerreiros sagrados” e “sacerdotes do Deus Altíssimo”, quer ser hoje recuperada pelos “operários da terra”. Queremos tomar nas mãos este “princípio ígneo” de participação porque intuímos que é a chave energética para dar vida ao mundo que advém: a chave de articulação do “corpo místico” e do “corpo social”, na corrente de transfiguração de um mesmo corpo. Na dinâmica do ofício sagrado, o homem produz mais do que consome: irradia conhecimento, saúde, bens da vida. A sociedade de consumo degradou a função sagrada do *produtor*, em benefício do intermediário: e os intermediários encheram o mundo de lixo.

Para a mística tradicional, tanto do Oriente quanto do Ocidente, o princípio de “participação” é a base ética da “doutrina de renunciamiento”. Muito temo que esse “renunciamiento”, enquanto princípio-raiz, tenha sido mal interpretado ou inclusive desviado, pelas posições extremas que, com respeito a esse princípio, foram tomadas pelos intérpretes da tradição, na história das civilizações. Nem é preciso dizer que, para a filosofia da vontade de poder, a doutrina do renunciamiento não é outra coisa que uma teoria ilustrada da derrota, clara e simples negação do mundo e da vida, e um cheque em branco aos senhores da Terra, para passar à submissão e à dependência (só é preciso recordar Nietzsche: “O cristianismo tomou partido de tudo aquilo que é fraco”). No outro extremo, os intérpretes da tradição mística só viram no renunciamiento uma mensagem de liberação espiritual, baseada na negação dos bens materiais e da posse da própria vida (veja-se para mais detalhes, a lúcida crítica de Albert Schweitzer, em seu livro *Pensamiento de la Índia*)⁹. O Evangelho cristão, na “resposta ao jovem rico” (bastante mal compreendida), põe a descoberto as “duas dimensões”, nas quais se move a lei de renunciamiento: Queres ser bom? “Cumpre os mandamentos”. “Honra teu pai e tua mãe...”. Queres ser perfeito? “Vende tudo quanto tens e

⁹ Albert Schweitzer, *Pensamiento de la Índia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.

dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus; e depois, vem e segue-me” (Mt. 19:16-21). O pensamento racional não encontra ponte (“energia de enlace”) entre o “bom” (lei moral, os bens da vida) e o “perfeito” (o dom espiritual, o reino que não é deste mundo, o tesouro nos céus); ao não encontrar ponte: “O jovem se foi triste, porque tinha muitos bens”. A interpretação unilateral do renunciamento pela ética cristã conduziu, na cultura do Ocidente, a uma fratura irreduzível entre os bens da vida e a salvação da alma, entre os valores sociais e os valores espirituais, entre o que é de Deus e o que é de César. A chave de transição gen-ética entre um reino e outro ficou desconhecida ou esquecida: não se teve em conta o “e”, enquanto operador simbólico entre as “duas metades” da fórmula unificada, entre os dois termos da equação humano-divina. A proposição evangélica não diz somente “vende tudo quanto tens e dá- aos pobres” (o que suporia tornar-se mendigo profissional e aumentar, com mais um, a carga social de pobres), mas diz: “Vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres... e segue-me”; este “segue-me”, no máximo, foi visto como ato de fé sobrenatural, mas não foi descoberto como chave de liberação de energia-providencial; o “dá-o aos pobres” é, aqui, mais que esmola: ao associar-se ao “segue-me”, os bens humanos entram na categoria de multiplicação dos pães e dos peixes.

Hoje, estamos em condições de retomar estes princípios de “participação” e “renunciamento” desde outra ótica: não só desde a filosofia-mística tradicional, mas desde o novo marco conceitual da ciência e do poder experimental da técnica. No que já passou do século, a matéria humana sofreu profundas transformações, o meio cósmico é diferente, a fisiologia é “outra”, a mente vibra em outro ritmo: as raízes do pensamento se nutrem do sangue ígneo do coração. A investigação científica se adianta ao tempo histórico, a palavra do homem técnico se articula com o silêncio do homem místico. A ruptura de simetria do antigo mundo põe a descoberto funções recém nascidas: transição de fase entre o “último homem” e o “primo-gene”. Subitamente, nascemos em outro “meio” (ou em outro “reino”?), a lei é outra, o coração pulsa em outro ritmo: da dialética dos opostos, passamos à reversibilidade de valores; das virtudes da alma, à química da vida.

O modo de conhecer é “outro” e “outro” é o instrumento que reúne, em um Mesmo núcleo semântico, a vibração do Verbo e a palavra do homem: palavra-Verbo. Esta “primeira-palavra” do recém nascido é a “nota” in-sonora que abre as rotas magnéticas do mundo que advém.

A fronteira cósmica – que o “jovem rico” do antigo signo não pôde cruzar “porque tinha muitos bens” (e talvez, pouco coração) – começa hoje a ser cruzada pela vanguarda mística que “se havia retirado ao deserto, em busca do certo” e volta do deserto transfigurada, falando “outra” língua, levando na mão a mesma vara que partiu a rocha do Horeb.

A nova vanguarda ainda não tem nome; não podemos tipificá-la como tal ou qual vanguarda: política, científica, social, espiritual; não temos um rosto, como o Cristo de Vallegrande que, ao ser olhado, diz tudo. Essa “vanguarda pro-fética” é de “passagem fugaz”: anuncia-se/ocultando-se; digo “pro-fética” porque se trata de “mensageiros” que vêm com uma palavra que *é*, antes da palavra. Einstein deixa suas “equações relativísticas” e se vai; Heisenberg pro-nuncia seu “princípio de incerteza”, ninguém o entende e se vai; os poucos mestres espirituais que vieram no começo do século transmitiram a ensinância oral, de mestre a discípulo, não escreveram nenhum livro, deram sua bênção e se foram. E nos perguntamos: qual é o real sentido destas equações “mais inteligentes” que seus criadores, deste Verbo dos mestres, esquecido pelos próprios discípulos que o escutaram? Aplicações práticas, fabricar a bomba, fundar instituições que guardem a memória? E o rosto crístico do Che? São outros tantos signos hieroglíficos do código gen-ético da língua mãe, outros tantos pontos de apoio para cruzar o rio, outros tantos sinais para entrar em contato com a palavra viva que se oculta por trás do símbolo. Pode-se ascender por uma escada de símbolos? Sim, se se estiver disposto a “participar” da ensinância que flui através do símbolo.

Não temos “teoria” da participação. Ou se vive a “participação” ou não se a conhece. A experiência de participação-participante é a base metodológica do processo educativo de gen-ética social. Com respeito aos métodos pedagógicos atuais, centrados na informação e que deixam milhões de seres humanos à margem da vida, a mensagem con-vocante do Verbo ao acesso direto, sem intermediários, aos bens sociais intrínsecos da vida, essa mensagem de “participação” implica uma revolução do método: participação de *todos* na saúde, na educação, no desenvolvimento humano, social, espiritual e material de todos. Um novo socialismo? Algo mais: criar as condições humanas para in-corporar o gene-participativo nas moléculas da vida. Dito em outros termos: alicerçar a base gen-ética, para edificar o templo social do povo.

“RUPTURA DA FORMA”

LUTA COM O ANJO: DUPLA FACE DA REVELAÇÃO

Lutávamos com o anjo do Senhor, transfigurado em treva: e não o sabíamos. A terra estava escura, ainda não havia saído o sol; uma voz silenciosa me dizia:

De hoje em diante,
já não te chamarás simplesmente
“homo faber”, *“homo sapiens”*...
e sim...

Não consegui ouvir o novo nome: talvez ainda não existisse. Só escuto o imperceptível pulsar de um coração recém nascido: inaudível ritmo da vida.

Jacó luta com o anjo, transfigurado em alguém desconhecido: e ao vencê-lo, o próprio Jacó fica transformado em “outro” homem, com “outro” nome (Gên. 32:28). O relato bíblico simboliza, na imagem de um combate exemplar, o triunfo do herói humano, em luta contra o anjo de Deus transfigurado em treva. E nós, prot-agonistas de um drama cósmico, representado no grande cenário da sociedade planetizada, em que tipo de luta estamos comprometidos? Com quem estamos lutando?

Qual é a natureza da guerra
que marca o ritmo de vida-e-morte
do novo signo do tempo?

Mas, não é que havíamos perdido a guerra? Sim, perdemos, mas só em uma das fases do novo fenômeno humano: na fase próxima ao equilíbrio termodinâmico da vida, no mundo dos “mortos que têm morta a alma e vivem ainda”, na fase de “morte de Deus” e desmoronamento dos impérios da Terra. Mas, na fase inversa, na corrente humana que “remonta a queda d’água” (Leopoldo Marechal),

longe do equilíbrio da morte térmica, no mundo incerto daqueles que vivem em constante perigo de perder a vida, nos redemoinhos privilegiados do magma social, onde a matéria escura alcança flutuações críticas que a põem em contato com a luz, nesses pontos de ruptura de simetria e bifurcação de caminhos, vemos surgir da Treva, línguas de fogo que flutuam sobre as águas.

Em cima o fogo.
Embaixo a água.

O *I Ching* nos diz que a própria geometria do signo indica que as condições estão dadas para que se produza a transformação do mundo, mas que ainda não se consumou a transição, da desordem para a ordem; é preciso proceder com cautela: a vida da terra empenha-se por ascender (com o fogo), acima da terra; e a força da água arrasta para baixo, para os abismos da terra, os elementos da vida que não podem sustentar-se na química da chama. Dupla face de con-vivência entre ordem e desordem, entre vida descendente e vida ascendente, entre o corpo de fogo dos “recém nascidos” que chegam e o *anima mortis* dos “últimos homens” que ficam. Nestes circuitos inter-ativos entre a vida e a morte, a luz e a sombra, o espírito e a matéria, nesses circuitos de retroalimentação circula hoje o sangue-ígneo da humanidade: “energia de enlace” que reúne em uma mesma Grande Corrente, o *Mysterium creationis* e o *Mysterium iniquitatis*. Aqui caem todas interpretações: falta-nos chão onde apoiar o pé. Não temos teoria para interpretar a dinâmica de incerteza do mundo novo. Pressentimos a transição da desordem para a ordem, mas ninguém nos indica onde está a ponte para cruzar o rio. Ainda não chegou a aurora: é preciso andar com cuidado.

Havíamos-nos adiantado demasiado:

vimos a Estrela, como os magos do Oriente,
e corremos pressurosos para adorar o Menino,

mas não percebemos que Herodes
estava nos esperando, ao virar a esquina.

No grande cenário, onde hoje é representado o drama divino-humano de Transfiguração Social do Verbo, deuses, homens e

demônios se convertem em símbolos difíceis de decifrar. A linguagem sociológica, filosófica, econômica, tecnológica, teológica – nenhuma destas linguagens pôde falar a língua que a vida fala, em cidades onde con-vivem homens e mulheres que trabalham, e crianças que vão à escola, junto com outros tantos que nem trabalham nem vão à escola – onde convivem homens, mulheres e crianças com milhões de ratos, montes de lixo, bactérias assassinas, vírus malditos, torrentes de informação que penetram subliminarmente nos tecidos do próprio corpo... onde todos aqueles trabalhadores que exaltam a vida se encontram a cada passo com parasitas sociais que a degradam. Há algum tipo de conhecimento que possa desvelar a unidade de sentido (se é que existe essa “unidade”), nessa convergência global do que chamamos de “sentido” e “sem-sentido”? Existe algum tipo de engenharia orgânica que possa traçar a ponte entre os sinais do mundo e do trans-mundo? Nenhuma das ciências que conhecemos – nem mesmo a técnica, a metafísica, a teologia, a filosofia da história – é instrumento adequado para compreender (e muito menos para manejar) o poder que fez irrupção no mundo do homem e vem lutar com o homem, para a transfiguração do mundo-e-do homem. Época de transição? Talvez sim, mas de que tipo de transição estamos falando? Passo para outra “história”? Ou salto para outro “reino”?

O pensamento se detém aqui:

a chave não é metafísica,
mas *gen-ética*.

O destino do homem está em jogo hoje, em “outro” cenário: espaço trans-sicional, onde a matéria humana (terrestre) interatua com a radiação solar do Verbo; “outro” pulso da vida: ritmo de não-equilíbrio, flutuação crítica entre os altos cumes da intuição espiritual e o tenebroso abismo das forças subterrâneas. É um poema dramático, que vivemos sem compreender: porque carecemos da ferramenta teórico-operativa adequada para desvelar o código de sentido-antissentido do drama cosmogônico. Ao não possuir esse “código”, o pensamento ilustrado engarrafa o vinho novo em odres velhos; tenta interpretar a nova realidade que escapa de seus marcos teóricos, em termos da antiga dialética de contradição dos opostos: o bem e o mal, o divino e o demoníaco, capitalismo e socialismo, o Deus bom das democracias políticas e o Satã mau do demonismo internacional.

Nenhum dos instrumentos
que possuímos para compreender o mundo

pode transpor a brecha

que esses mesmos instrumentos abriram
no coração do mundo.

Sabemos que o mundo está dividido, o conhecimento fragmentado, as Igrejas des-unidas, os irmãos separados, a *anima mundi* desiludida... mas não podemos unir o mundo dividido com os mesmos instrumentos que utilizamos para dividi-lo. E então? Qual é a ferramenta que vem para derrubar a muralha que levantamos com as antigas ferramentas?

Ferramenta sacrificial!

Já não é a guerra política, ideológica, racial, econômica, tecnológica do homem contra o homem, mas a confrontação arquetípica do homem com o anjo: por mediação de um “operador simbólico” que, nos pontos críticos da caminhada da alma, define a transição de fase do homem terrestre para o homem cósmico. Por que digo que a luta é “secreta” e que, *em-meio* à luta há um “operador-sacrificial” que não aparta de nós seu olhar? Porque não sabemos “com quem” estamos lutando, nem “porquê” lutamos, mas sim, sabemos, que nesta luta nos vai a vida.

Não é “claro” ver na “escuridão”:
uma estranha “sombra” nos envolve.
Contra quem estamos lutando?

Não é um “quem” nem um “quê”: é um “estado”. Aquém da dialética da história que move as lutas políticas, das revoluções sociais, da guerra nas estrelas, pre-sentimos uma “treva cosmogônica” que nos fecha a passagem: estranha sensação de “liberdade em cativeiro”, estranho sentimento cósmico de sentir-nos “estranhos” no mundo, “prisioneiros” na trama invisível do antigo tempo. Lutamos com uma “treva sedutora-e-terrorífica”, enganadora: promete-nos o reino dos senhores da Terra, devolve-nos um perigo radical (perder pela segunda vez a guerra arquetípica, já não pela tentação da serpente

do paraíso, mas pela sedução do poder do conhecimento). Sedução do inconsciente coletivo, que nos chama uma e outra vez a viver o vivido, a sofrer o sofrido, a reviver o morto. E volta a pergunta: contra quem ou contra quê estamos lutando?

Estamos lutando com um “estranho”:
com a “estranha sensação”
de viver em um corpo equivocado.

Entramos em uma nova constelação (con-Stella) de signos de poder; fraturou-se a muralha que separava os mundos: os antigos demônios convivem com os modernos mitos, a mesma luz que ingressa se torna treva que cega o olhar. Paradoxo de poder do novo signo do tempo: a mesma tecnologia que vem para dar-nos trabalho, tira-nos o trabalho; o mesmo meio eletrônico que põe em circulação planetária a riqueza das nações, precipita a pobreza dos povos; o mesmo laser do anjo da morte na guerra das estrelas se transfigura nas mãos do cirurgião em bisturi-laser da vida; os mesmos antibióticos que eliminam as enfermidades infecciosas provocam (por excesso) a queda do sistema imunológico e a irrupção de enfermidades de autoimunidade.

O drama de nosso tempo
é não poder reconhecer,

em-meio à luta,

o rosto do anjo do Senhor
que se oculta por trás do véu de treva
de nossa própria alma.

Carência de visão; já não ideológica, mas “fisiológica”: necessitaremos de alguma nova rodopsina? A crise do mundo moderno é muito mais profunda do que havíamos imaginado: é uma crise do homem. A treva se fez sensível. De repente, tropeçamos com a radiação escura de um rosto que não esperávamos: transfiguração inversa. Ao chegar ao limite da velocidade da luz, quando pensávamos que havia chegado a hora da liberação e já havíamos empreendido a caminhada para cruzar o Mar Vermelho, com intenção de viajar para as estrelas, subitamente e sem sequer havê-lo sonhado, encontramos-

nos de novo no Egito, frente a um novo mistério: *Mysterium iniquitatis*.

Talvez, à “luz-obscura” deste *Mysterium iniquitatis*, fique para nós um pouco mais “claro” o sentido da luta que o homem de hoje protagoniza, com o anjo do Senhor, transfigurado em adversário. As religiões do deus bom, criador do homem à sua imagem e semelhança, só nos fizeram ver o lado luminoso da Santa Face; mas, eis aqui que, ao desmoronar a barreira cósmica, por fissão do átomo físico, vimos pela primeira vez, “junto” ao rosto do Senhor – que brilhava como mil sóis no céu – o rosto-sem rosto da Mãe-terra que irrompia no mundo do homem com a fúria das fúrias do abismo subterrâneo.

Caiu o véu que ocultava
a outra face da luz.

Havíamos lutado com o anjo
e não o sabíamos.

Estávamos no lugar da revelação
e não o sabíamos!

.....

A luz que ingressa se oculta ao olhar: RevelaçãoRe-velada. A alta vibração do Verbo quebra a antiga taça do esquecimento. A onda profética, vestida de matéria social, revela-se como matriz orgânica do mundo que advém. Voltamos “ao rosto e à veste” do Senhor: o “rosto” brilha como o sol (dimensão cosmogônica), suas “vestes” se voltam brancas como a luz (síntese social).

Quem pode fabricar
a veste social do Senhor?

Um povo eleito? Um santo da espada? Uma Igreja messiânica? A “humanidade” abstrata? As “forças sociais produtivas” concretas? O esforço conjugado dos inteligentes? Ou o sacrifício cotidiano dos inocentes?...

Demasiadas perguntas!

PERGUNTAS EM TEMPO DE TRANSFIGURAÇÃO

PERGUNTAMOS PELO...

“SEGUNDO NASCIMENTO”

É a pergunta de Nicodemus: “Como pode o homem nascer, sendo velho?”. E Jesus responde: “Em verdade, em verdade te digo, que quem não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino dos céus” (Jo. 3:1,5).

A genética evolutiva, a fisicoquímica de sistemas abertos, a antropologia cultural, nenhuma destas ciências consegue desvelar o *gene* transicional que opera entre o “já antigo” homem terrestre e o “recém nascido” homem cósmico. Esse salto qualitativo de valores – essa transfiguração *gen-ética* – escapa às luzes da inteligência e só se faz visível na escura noite do espírito (recordemos que Nicodemus, principal entre os judeus, vem “à noite” visitar Jesus). E surge a pergunta: de onde vem a “chispa”, a “energia de enlace” que sela essa misteriosa aliança entre a “água e o espírito”, da qual fala o Evangelho?

Perguntamos pelas funções da Vida
que se adiantam ao tempo histórico do homem.

Nem a filosofia espiritual, nem o materialismo histórico, nem a ciência moderna, nenhuma destas formas do pensamento ilustrado pôde dar resposta à pergunta do “segundo nascimento”, em termos de *vida* renovada. Sim, falaram do “homem novo” e pretenderam dar resposta a essa “metanoia”, em termos de fé religiosa, ideologia política, teoria da ciência, revolução social, mas não conseguem desvelar o germe de vida desse recém nascido que, ele *sim*, pode entrar no reino dos céus.

Apesar de serem enigmáticas as perguntas acima, nós, homens contemporâneos, não podemos deixar de responder à pergunta de Nicodemus; e temos que fazê-lo, não desde a teoria, mas desde a vida: porque a vida se adiantou à pergunta e já derrubou as antigas formas de vida.

Há um estado biológico, corporal, fisiológico, que escapa ao discurso das filosofias da existência e que, de um ou de outro modo, reflete o sentir profundo de milhões de seres humanos que hoje vivem sobre a Terra; já não se trata simplesmente do que, com demasiada ligeireza costumamos chamar de “angústia existencial”, mas de uma certa “tristeza cósmica” que tampouco podemos tipificar como nostalgia do paraíso perdido. Eu diria, sim, que se trata de algo assim como um “desgosto” de morar em um corpo equivocado, corpo velho, de tecnologia antiga: que tem olhos que não veem, ouvidos que não ouvem, boca que não fala, coração que não ressoa com a onda profética que quer habitá-lo. Todas as mensagens de salvação nos falam de esperança: “terra prometida”, “desenvolvimento humano”, “vida redimida”. Mas a realidade cotidiana nos mostra a face inversa: o planeta se deteriora, o solo se degrada, a terra se torna infértil (“rompeu-se o antigo pacto com a natureza”, diz Jacques Monod) e o homem se tornou velho. E ressurge a pergunta: em tais condições de deterioração do meio (esgotamento de recursos da fonte-Mãe), pode o homem nascer sendo velho?

A físicoquímica e a biologia molecular nos dizem que “nem sempre é possível” a renovação da vida, pelo menos não em todos os tempos, não em todas as condições, não em todos os sistemas: *não* nos sistemas isolados (com aumento de entropia), *não* nos sistemas fechados (com diminuição de energia livre), *não* quando a vida se cristaliza em uma forma. Mas *sim*, em sistemas abertos (quando a corrente da vida flutua, quando há intercâmbio de energia e matéria com o meio ambiente), ainda que nestas condições gerais de “abertos” também haja limites: *não* em qualquer meio e lugar. Poderíamos dizer, em termos ainda mais gerais, que há limites “críticos” de nascimento e morte, flutuações “críticas” de oportunidade para passar de um estado a outro. Há encontros “providenciais” e encontros “fatais”. Há caminhos em direção à “luz” e outros, em direção às “sombras”. Há portas que não se abrem duas vezes: não só no inferno, também no amor, no conhecimento, na vida.

Há fronteiras maravilhosas
e
vizinhanças malditas.

Há um *não* da vida à renovação transfigurativa da vida do homem. *Não*, se for “demasiado rico”, diria o Evangelho. *Não*, se houver

chegado “demasiado longe” (com demasiada carga de entropia, demasiado próximo à cristalização), diria a ciência termodinâmica de não equilíbrio. *Não*, se for “demasiado pobre”, volta dizer o Evangelho: “Àquele que tem lhe será dado mais e abundará; e ao que não tem, ainda aquilo que tem lhe será tirado” (Mt. 13:12). *Não*, se for “demasiado fraco”, na linguagem da fisicoquímica: “As flutuações demasiado fracas são aniquiladas pela força conservadora do sistema”, diz Illya Prigogine.

Mas, também há um *sim* libertário, genesíaco, criador, um *sim* da Vida, para mais vida: “Àquele que tem lhe será dado”. A biologia evolutiva, em escala molecular, não fala de “grito libertário” nem de “segundo nascimento”, mas sim, de flutuações gigantescas que quebram a simetria do sistema e dão passagem a estruturas funcionais completamente “novas”; não fala de “transfiguração” nem muito menos de “vestes do Senhor que se tornam brancas como a luz”, mas sim de “geração espontânea de polaridade, em um sistema que até então era uniforme e, de repente, aparece com novo ritmo e nova geometria (relógios químicos)”. De qualquer modo, apesar da evidência experimental destas novas estruturas que “nascem” no laboratório, a pergunta pelo “segundo nascimento” fica de pé.

Existe no mundo moderno, algum “sinal”
que nos permita reformular a pergunta de Nicodemus?

Hoje, como ontem, somos prot-agonistas de profundas transformações da vida, mas carecemos de palavra para dar palavra às funções recém nascidas. Ontem, o sopro renovador do cristianismo nascente teve que apoiar-se na filosofia grega (vestir-se de filosofia) para fazer-se acessível ao pensamento da época (sem conseguir desvelar o mistério). Hoje, o Verbo que advém como vibração cósmica que irrompe nos circuitos atômicos da matéria, fala aos cientistas com a linguagem da ciência e da técnica; com essa linguagem, podemos “descrever” o que “aparece” como “novo”, mas não podemos penetrar no código do próprio “aparecer”; dito de outro modo: não podemos penetrar no mistério de “gestação” da vida. Em poucas palavras, tanto ontem quanto hoje, ciência, técnica, filosofia são apenas “pontos de apoio” do pensamento, para dizer por onde passa o trem, mas não nos dizem o que seja o trem (nem para onde vai).

Voltar ao seio da Mãe
e nascer de novo?

Os sacerdotes que batizam com água não têm resposta para esta pergunta; tampouco os técnicos da fecundação artificial; nem sequer os pais e as mães dos filhos por nascer. No entanto, em algum lugar secreto, onde chegava (e chega) o tanger do sino do Templo, homens e mulheres de coração ardente sempre se perguntaram (e se perguntam) pelo mistério espiritual da gestação: perguntam-se pelo primeiro e pelo segundo nascimento. Julius Evola, em sua investigação sobre a dimensão cosmogônica (perdida) da sexualidade humana, aborda o tema do casamento como “Mistério” no mundo da Tradição, e cita poetas e místicos que, de uma ou de outra maneira, tiveram experiência do misterioso “nascimento desde a água e o Espírito”. “Novalis tinha razão”, diz Julius Evola, “ao considerar o casamento – tal como se o conhece hoje em dia – como um ‘mistério profanado’ “. E, continuando, cita as severas palavras de Claude de Saint-Martin, em *Le Ministère de l’Homme-Espirit*: “Se o gênero humano soubesse o que é o casamento, teria ao mesmo tempo um desejo extraordinário e um medo terrível dele, visto que, graças a ele, o homem pode fazer-se de novo semelhante a Deus ou então, terminar em um desastre total”¹⁰.

E voltamos à pergunta de Nicodemus:

Pode o homem nascer, sendo velho?

Acaso pode entrar de novo no
seio de sua mãe e voltar a nascer?

Hoje, na era que se inicia, a partir de 1945, o relógio cósmico marca uma hora diferente; para além do “deslumbramento” produzido pela primeira explosão atômica, houve um “alumramento” que ultrapassou o marco intelectual para sua compreensão. Não sabemos o que aconteceu realmente ali, no ponto crítico de incêndio da matéria,

¹⁰ Julius Evola, *Metafísica del Sexo*, Madrid, La Rama Dorada, 1981, pg. 258.

mas pressentimos que no “seio da Mãe” havia nascido uma nova “estrela”:

“Segundo nascimento” da humanidade.

Por que não o vimos? Porque a energia radiante do recém nascido iluminava o mundo desde o outro lado da luz.

PERGUNTAMOS PELO...

MESTRE QUE “ENSINA-RETIRANDO-SE”

Quando a palavra se retira, a própria “retirada” nos aproxima do lugar secreto de onde surge o poder da palavra: acercamo-nos do mistério da “retirada da luz”. Esta retirada não se refere à retirada de tal ou qual mestre, condutor de povos, musa inspiradora, mas a um acontecimento fundacional que marca a geometria de nosso signo do tempo e que hoje vivemos sem compreender. Trata-se de um “eclipse cosmogônico”. Quando ocorreu este ocultamento global da luz? Não o sabemos: é uma retirada que escapa aos marcos do tempo e às determinações do pensamento. No entanto, nós o sofremos: é um “eclipse” que pertence a nosso tempo, que está ocorrendo agora mesmo e aqui mesmo, em minha própria alma, em meu próprio mundo. Como poderia tipificar esta catástrofe cosmogônica da luz? Vem a minha palavra, enigmática sentença:

transfiguração inversa do Verbo.

Quando o resplendor do Verbo se retira e cai a noite, pergunto pelo homem. Onde está o homem?

Não está!

Já não ocupa o mesmo lugar no mundo.

Mas, o que é o mundo? Já não estou no mesmo mundo; só pre-sinto um espaço recém aberto: quero penetrar ali com o olhar, mas não vejo nada, não encontro ninguém. No entanto, há algo que escapa ao olho da inteligência e ressoa como som in-audível, no teclado das moléculas da vida. Talvez, ao escutar os primeiros acordes de *O Ouro do Reno*, de Wagner, ou o coral *A Criação*, de Haydn, possamos aproximar-nos, por ressonância analógica, da essência do que nos quer dizer o Verbo, quando o mestre se retira.

Quando falo de “retirada do mestre”, chego a dar-me conta de que, com a palavra “retirada”, não consigo desvelar o potencial genésico que me inclui na Retirada: meu “corpo” me diz algo que a inteligência não-me diz. E fica flutuando a pergunta: trata-se de uma “retirada” ou de um “sacrifício”? Carl Jung, referindo-se ao simbolismo do sacrifício, remete-nos ao material etnológico do “sacrifício do rei”, isto é, o “mito de imolar o rei, para favorecer a fecundidade e a prosperidade de sua terra e de seu povo” ¹¹. Mas, não estamos tentando aqui, esclarecer o mito em sua representação simbólica e sim, aceder, se nos for possível, à energia espiritual liberada no giro cosmogônico da “retirada” do Verbo (se é que podemos chamar de “retirada”, o movimento inverso da força que cria os mundos).

A retirada do mestre, vivida em mim-mesmo – como comoção existencial, como impacto, em minha própria matéria, da onda expansiva da retirada – esse acontecimento que “ensina-retirando-se” me leva a uma pergunta mais fundamental: ao sentido cosmogônico da retirada. Em outros termos: a Primeira palavra, “Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz” (Gên. 1:3); e a última palavra: “Pai, por que me abandonaste?”... e “a terra tremeu e afundaram-se as rochas” (Mt. 27:46,52). Esse “princípio” e “fim” não serão os dois termos de uma equação divino-humana de transfiguração do mundo?

O Verbo que se retira da alma do homem e o deixa sem palavra, imprime Sua palavra como “vestígios” de fogo na Matriz orgânica da vida.

Este “giro” da Força traça a geometria do mundo que advém: a energia-ensinança já não pro-vem da boca do mestre, mas das raízes da Árvore da Vida. Caem aqui todas as filosofias e metafísicas da palavra: porque já não se trata de “palavra”, mas de *impressio formæ* (a forma da molécula é a força-símbolo de transfiguração).

Começamos a intuir
a “transfiguração inversa do Senhor”.

¹¹ Carl Jung, *Psicología y Simbólica del Arquétipo*, Buenos Aires, Paidós, 1977, pg. 68.

Começamos a pre-sentir
o poder de “plasmação” da retirada.

Começamos a escutar a Ensinança
que pro-vem da face escura da Luz.

PERGUNTAMOS PELA...

ONDA “GEN-ÉTICA” DO MUNDO QUE ADVÉM

Transfiguração Social do Verbo: uma realidade que chegou demasiado cedo. A ideia-símbolo se adianta ao tempo do homem. A mensagem chegou antes que o mensageiro.

As palavras que tenho à mão para nomear a imagem do mundo nascente me soam diluídas, desbotadas: ecos semânticos de uma estrela que se apaga. No espaço recém aberto, falta-nos chão onde apoiar o pé. É como se o Senhor Deus nos houvesse posto um novo Jardim do Éden “para que o cultivássemos e cuidássemos dele” e ainda não tivéssemos encontrado palavra para dar nome às coisas; dito de outro modo: as forças do novo céu ainda não têm nome e as vozes da antiga Terra nos chegam com antigos nomes que não nos dizem nada.

Perguntamos pela ordem cosmogônica do mundo que advém: pela “onda gen-ética” que se adianta às formas sociais.

Voltamos a contemplar o mistério da criação do mundo, mas em outro cenário e em outro tempo. Rompido o antigo pacto com a primeira natureza e cruzadas as grandes águas do novo meio técnico (segunda natureza, criada pelo homem), a natureza-virgem retorna transfigurada como Mãe-cósmica que vem para fazer aliança com o homem: somos tocados por uma “onda gen-ética” que agita as águas profundas da vida. Já não somos os mesmos: pre-sentimos um novo ritmo do coração, uma nova geometria da matéria.

Perguntamos pela terceira natureza.

Estranha ressonância cósmica que, desde além do homem, traz-nos à proximidade do coração do homem! Rompida a Lei Primeira – “Onde está Abel, teu irmão?... Não sei; sou acaso guarda de meu irmão?” (Gên. 4:9) – já não é possível restabelecer a fraternidade universal, a reunião de almas, através de “pactos segundos”: sociais ou espirituais.

Só o fogo sagrado

que, como “onda profética” do Verbo
ressoa no coração do homem,
pode restabelecer no homem
a Ordem sagrada da vida.

Chamo de “terceira natureza”, esta nova estruturação de valores que, desde a própria matéria humana, sustenta o fogo de Transfiguração Social do Verbo.

Ao perguntar pela “onda gen-ética” do mundo que advém, estamos perguntando pela fisiologia do homem “recém nascido”: fisiologia cósmica de antecipação, moléculas precursoras de química social de transfiguração.

O “contrato social” já não pode sustentar, só desde “o social”, o fluxo de sentido das rápidas transformações do homem e do mundo. A própria ideia de “relação social” se tornou equívoca: desde a teoria, exaltamo-la como vínculo-humano que nos reúne a todos, no tecido-social de um mesmo corpo orgânico; mas, na prática, reduzimos “o social” a direitos e obrigações codificados na rede informática. Paradoxo social: hoje, o meio técnico nos une, na mesma medida que nos separa (porque “o social” deixou de ser social). E o mesmo ocorre desde o âmbito das Igrejas; desde a fé, a doutrina, o dogma, “todos somos irmãos”: corpo místico, reunião de almas. Mas, na realidade da vida prática, “os irmãos estão separados”. Em poucas palavras: nem desde “o social” nem desde “o espiritual” podemos já reconhecer o “vínculo” que, desde os níveis mais profundos da vida, reúne todos os mundos em um mesmo Corpo. Encontramo-nos ante uma “cegueira” que não é ideológica e sim, gen-ética: a vida se tornou estranha para a Vida.

A “morte do homem”

leva-nos a perguntar-nos pela
“ordem sagrada da vida”.

Caim estava “demasiado vivo” (possuía demasiada “vida”: só a metade da fórmula) e respondeu à vida com vontade de “vida” (expulsando de seu lado a irmã morte, na figura simbólica de seu irmão Abel). Nesse tempo, “deus ainda não havia morrido” e pôde perguntar a Caim: “Onde está teu irmão?”. Em nosso tempo de “morte do homem”, fazemo-nos a mesma pergunta: onde estão os milhões de

“desaparecidos” e “condenados da terra” que foram arrebatados pelo furacão da violência humana? E temos que responder: “Não estão!” Há aqui, um “oco social”.

Onde está Abel?

Onde estão teus irmãos e irmãs
desaparecidos?

Não estão? Ou foram escolhidos para um sacrifício ritual, para restabelecer o vínculo perdido do homem com o homem? Quem é o “assassino” neste “crime perfeito” (em palavras de Baudrillard) que se oculta na trama do sacrifício coletivo dos inocentes? É inútil procurar o “autor ideológico”: todos somos assassinos. Troçamos com um novo fenômeno humano que não podemos compreender: um “fenômeno de fronteira”.

Onde estão
os que foram imolados
no altar do horror?

Estão aqui, perto, na “vizinhança” entre a vida e a morte, entre o demoníaco dos anjos exterminadores e o sagrado da vítima transfigurada em oferenda; expressões todas que me são insuficientes para dizer o que realmente quero dizer, com isto de “vizinhança” e “proximidade”. Há aqui, nestas “fronteiras sacrificiais”, um intercâmbio entre mundos, cujos valores, energia e sentido escapam a toda forma de representação. Não há aqui, nada a ser entendido: o próprio sacrifício nos olha de frente e vem habitar na vizinhança do mundo do homem; nessa fronteira-ponte “eles” e “nós” já não somos os mesmos, mas dizemos a mesma coisa.

Uma “onda gen-ética” completamente nova vem a nós, prefigurando o mundo que advém: o desafio já não é cultural, político, econômico e sim, “cosmogônico”. Foi quebrada a barreira cósmica, o meio humano é “outro”, a tarefa que nos espera também é “outra”: já não se trata somente de reconstruir o vínculo social e espiritual entre os irmãos, mas de restabelecer o fluxo de energia sagrada do homem com o Verbo: “para que o homem não seja só carne”. A humanidade inteira foi con-vocada para esta Obra gigantesca: o que está em jogo não é só uma mística espiritual, também uma química social; dito em

outros termos: não se trata só de valores da alma, mas de fermentos da vida. A “onda gen-ética” que advém irrompe (sem que nos demos conta) nos recintos atômicos da matéria e induz mudanças qualitativas na genética molecular: outras “enzimas” se incorporam em nossa fisiologia orgânica.

Que papel desempenha o sacrifício coletivo da humanidade, nesta gigantesca obra de transfiguração gen-ética? Não é algo que possamos ver desde o claro, mas sim, pre-sentir desde o escuro.

PERGUNTAMOS PELO...

“RETORNO DA LUZ”

Perguntamos pelo raio que afasta a treva cósmica. Perguntamos pelo olhar que penetra nos abismos subterrâneos do homem. Perguntamos pela lei que reúne a luz e as trevas.

Perguntas difíceis de responder porque não temos, no Panteão do Ocidente, um deus que seja, ao mesmo tempo, deus de luz-e-trevas, criador e destruidor do mundo, ao modo dessas forças luminosas e obscuras que surgem do pano de fundo mítico das antigas cosmogonias. Ao entronizar a deusa Razão no altar dos modernos mitos, ficamos com um *logos* ordenador racional do mundo, expulsando de nossa cosmovisão a cólera do deus bíblico, o fogo exterminador dos ginetes do Apocalipse, a fúria dos elementos do céu e da terra. Reduzimos a dinâmica do universo ao jogo orgânico de “forças naturais”, mas perdemos de vista a ponte, a palavra de passe entre o divino e o demoníaco, entre o rosto luminoso do Senhor e a face obscura do homem. Hoje, apesar do extraordinário desenvolvimento da inteligência humana que dissipou séculos de ignorância e iluminou a alma do mundo com o fogo espiritual de divinos mensageiros, uma densa treva cósmica cobre a face da Terra e o homem da era técnica ora em silêncio pelo “retorno da luz”.

Não é a primeira vez que há “desconcerto na multidão”. Houve uma advertência:

Por pouco tempo ainda,
está a luz em meio de vós. (Jo. 12:35)

A multidão não entendeu. Nós tampouco entendemos o sentido deste deslocar-se da luz, em meio às trevas: não conhecemos a lei do movimento da luz. O Evangelho sintetiza na Última Ceia, com vigorosos traços de dramaturgia artística, o fechamento de um ciclo cosmogônico, onde as forças dos altos cumes do espírito vêm medir-se com a vontade do homem e com os poderes do mundo subterrâneo: para selar ali, em um recinto hermético, o código simbólico do mundo

vindouro. O drama da Ceia alcança seu momento crítico de contradição interna nas severas palavras do Senhor, dirigidas a um de seus discípulos:

O que tens de fazer,
faze-o logo. (Jo. 13:27)

Outra vez o tema de que o tempo se encurta. E surgem aqui as perguntas.

Judas era um dos doze, estava sentado à mesa do Senhor, pertencia ao mesmo círculo de discípulos elevados à hierarquia de amigos; então nos perguntamos, a “traição de Judas” procede de uma fonte obscura, de raiz puramente humana, de uma vontade contrária à lei divina? Ou, em alguma medida, representa uma transfiguração inversa da mesma lei? Jesus, por sua vez – que sabia que o iriam entregar: “Um de vós me entregará” – por que, para salvar sua Igreja, não expulsou Judas do círculo dos doze? A resposta não tarda em chegar: não existia ali essa “Igreja”, não havia intenção de condenar ninguém, não havia necessidade de constituir nenhum tribunal do santo ofício. Tratava-se simplesmente de que se cumprisse a lei; mas, qual lei? Quanto a Judas, “que havia feito pacto com os príncipes dos sacerdotes” e que tinha vontade de entregar o Senhor poderia, no último momento, voltar atrás por própria vontade ou não poderia porque já “Satanás havia entrado nele”? Não é fácil esclarecer o sentido deste drama cosmogônico que se desenrola entre o céu e os abismos subterrâneos e onde forças humanas, divinas e demoníacas convergem em um mesmo pacto sacrificial; os próprios atores, intérpretes do drama, ficam superados pelo poder simbólico do drama: a vontade humana de Judas, secundado pela força demoníaca de Satanás, entrega o Senhor e, através do sacrifício do Senhor, cumpre-se a lei do Senhor? Voltam as perguntas. O Senhor necessita de Judas para fazer efetiva sua oferenda sacrificial? A lei divina necessita da “traição humana” para o *consummatum* da Lei?

Tudo está acabado. (Jo. 19:30)

Nem os antigos doutores da lei, que conheciam as escrituras, nem nós, homens racionais que temos séculos de teologia cristã, filosofia da história e ciências exatas, pudemos decifrar a chave da geometria simbólica desta lei que, para ser cumprida, deve negar-se a si mesma.

Não pudemos compreender o papel, a função do homem no rito sacrificial do Verbo. Tampouco pudemos compreender o sentido de vida, para o homem, do sacrifício de um deus feito homem. E não pudemos compreender todas estas coisas, por algo muito simples: “o tempo não era chegado”.

Hoje, sob outro céu, em outro cenário histórico sobre a Terra, em outro tempo do mundo e da vida, o homem volta a confrontar poderes do Alto e forças do Baixo, em uma guerra arquetípica onde está em jogo o porvir do homem; os prot-agonistas do drama são os mesmos: vêm com outras vestes, mas cumprem o mesmo rito sacrificial. De algum modo, a “tragédia”, em nossa era técnica, faz parte do “drama” da vida. Pressinto que as “forças obscuras” que se desencadearam no mundo moderno não vêm para destruir tal ou qual coisa em particular, desestabilizar tal ou qual mercado, instituição, partido político... vêm simplesmente para “golpear” e, quando golpeiam, é um golpe demolidor; chamem-se a estas forças, “droga”, HIV, “poder financeiro”, “terrorismo internacional”, “desemprego global”, “mudança climática do planeta”... quando golpeiam, todo um mundo desmorona. De onde vem este poder Obscuro? Só do homem ou de abismos subterrâneos abertos imprudentemente pelo homem? E que papel desempenham os poderes “do Alto”, nesta guerra de mundos? Voltamos a perguntar-nos pelo lado obscuro da Lei. Não temos teoria da ciência, filosofia política, teologia mística que nos permita compreender – e muito menos manejar – o poder “mais que humano” que fez irrupção no mundo do homem e que “marca” a matéria do homem com a assinatura do novo signo do tempo. Estamos vivendo um acontecer que nos “marca” porque o que advém não é uma filosofia, mas um “golpe”: “marca-nos”, antes que possamos perguntar por que nos marca.

De “golpe”,
a “treva” passa a fazer parte do mundo do homem

e a “marca” da treva na matéria
traz-nos à pergunta pelo “retorno da luz”.

Quem é o deus que Advém? Qual é o sinal que deixa gravado na primeira pedra? Quem *são* os novos mensageiros da luz?

**FALEMOS DAS FUNÇÕES SAGRADAS DA
VIDA, UTILIZANDO A LINGUAGEM INTUITIVA
DO POVO**

*Pode-se partir de qualquer coisa,
uma caixa de fósforos,
um golpe de vento no telhado,
o estudo n° 3 de Scriabin,
um grito lá em baixo na rua,
essa foto do Newsweek,
a história do gato de botas,
o risco está nisso,
em que se pode partir de qualquer coisa,
mas depois é preciso chegar,
não se sabe bem a quê, mas chegar.*

Julio Cortázar, “Después hay que llegar”

SE TIVESSE QUE FALAR NA LINGUAGEM DO POVO, DIRIA...

Que a primeira função sagrada é o *Templo*

a segunda, a *escola*

a terceira, a *oficina do artesan*

a quarta, o *mercado*.

E diria...

que para assegurar a saúde do povo, é indispensável “custodiar” os caminhos:

para que a luz do céu
se reúna com o sal da terra

e a energia divino-humana
circule livremente pelas
quatro comarcas do mundo.

Quem são os “custódios” desta hierofania-social?

São os mensageiros do Verbo:

cuja palavra-vida
ascende e descende

pelos canais invisíveis
da Árvore da Vida.

Novamente a geometria sagrada re-une, em um mesmo traço simbólico, o círculo e a cruz. O que parecia impossível, faz-se possível:

os caminhos de ascenso e descenso
e as quatro comarcas
se reúnem no coração do povo.

Há um caminho de ascenso: Moisés ascende ao Sinai,
em busca das tábuas da lei.

Jesus sobe ao monte com três de seus
discípulos e se transfigura ante eles.

Há um caminho de descenso: “Voltarei como chuva de rosas”
Santa Teresinha de Lisieux

“Voltarei e serei milhões”
Eva Perón

E há um coração do povo,
desde onde brotam as quatro funções da vida:

Templo
Escola
Oficina
Mercado

“PEDRA ANGULAR”

MYSTERIUM TEMPLI

Quando digo que o templo é a primeira função sagrada, estou me referindo *antes* à função que ao templo. E, quando *antes* de toda reflexão sobre o templo, vejo escrito na “primeira pedra” *Mysterium Templi*, dou-me conta de que a função essencial do templo transcende todas as formas da linguagem que tentam explicar as funções do templo.

“Faz-me um santuário e habitarei em meio a eles” (Êx. 25:8). É a primeira figura simbólica que vem a nosso encontro: e vêm, em seguida, as perguntas. Deus necessita do homem para tornar sagrado o lugar? E quando diz o Senhor: “habitarei em meio a eles”, quem são “eles”? Põe o divino uma condição para habitar no humano, ou seja, que exista o santuário? O que é “um santuário”? Deus se retira do santuário, se este deixa de ser santuário?

Abandono a tentação de dar resposta às perguntas metafísicas, filosóficas, teológicas sobre a correspondência entre o divino e o humano, e me disponho simplesmente a escutar a voz que interpela *a mim*, para que faça um santuário: para que o Deus que anuncia silenciosamente sua chegada habite *em mim*. Qual é a condição primeira para que esse Dizer primeiro se torne primeira palavra em mim?

Antes de toda palavra,
disponho-me a responder como “mensageiro”
ao sinal do Dizer da mensagem
para que eu mesmo *seja* “mensageiro da Mensagem”.

O Evangelho de João retoma o tema do “habitar do Divino no humano”, mas em outro signo do tempo e em outro tempo histórico: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo. 1:14); já não diz “em meio a eles”, mas “entre nós”: o “santuário” já não é aqui um círculo ideal ou um recinto de pedra, mas a própria matéria humana.

Hoje, na era de naves espaciais, reatores atômicos, transplantes de órgãos, o “habitar de Deus no homem” deixou de ser tema de nosso tempo: já não sabemos muito bem o que *é* um “santuário” e, nem muito menos, que significação possa ter para nós que o Verbo se tenha feito *carne*. Já não há ouvidos para testemunhos de revelação e dogmas de fé, mas sim, há visão intuitiva da ciência moderna para reconhecer sinais do potencial cósmico de organização da matéria; em física quântica, fisicoquímica, biologia molecular, o Verbo não é o Verbo nem se faz carne, mas de uma ou de outra maneira, o cosmos deixa sua imagem, suas pegadas, em “simetrias” de organização subatômica e em “geometria” de funções moleculares. Não se fala aqui de “santuário” ou de lugar sagrado e sim, do “lugar” específico de cada aminoácido nas moléculas de proteínas, lugar de “função”, que não se chama de sagrado, mas que é como se fosse sagrado: se um aminoácido não “habitar” no lugar que lhe cabe por função, só se pode esperar a doença e a morte, por vazio de função. Mas esse “lugar” é o templo? Não o sei.

E então? Se o templo – enquanto centro histórico-espiritual de representação simbólica da ordem do mundo – escapa a nossa cosmovisão racional, se nosso coração de carne já não pode sentir o palpar do Verbo que se fez carne para habitar entre nós, e se a visão científica do mundo só nos dá acesso a um potencial cósmico de organização da matéria para o qual não podemos estabelecer lugar determinado, como reconhecer o lugar-santuário do homem, que seja lar do homem-e-do Verbo?

Nego-me a falar “sobre” o templo, porque isso suporia fazer do templo um “objeto”: descrição de sua arquitetura simbólica, seu sacerdócio, sua liturgia. E resisto a reduzir o templo a um espaço interior “subjetivo”: povoado de vozes misteriosas de anjos e demônios. Milhares de turistas de todo o mundo percorrem a geografia sagrada do planeta, em busca de alguma ressonância com os deuses que habitaram antigos templos: Stonehenge, Chartres, Compostela; ruínas de culturas desaparecidas: Egito faraônico, Copán, Cuzco. Não encontram nada: só mudos testemunhos de deuses que fugiram. Milhões de “outros” turistas, viajantes pelos caminhos psicodélicos do mundo subjetivo, entram em ressonância com as correntes profundas da alma, mas ficam, na maioria das vezes, presos pela magia de seus próprios sonhos ou possuídos pela sedução dos arquétipos do inconsciente coletivo.

Onde está o Templo?

Não está!

Onde estão os sacerdotes? Não estão!

Onde estão os guerreiros sagrados? Não estão!

Só estão os mercadores:

Entrou Jesus no templo de Deus e expulsou dali a quantos vendiam e compravam nele; e derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos vendedores de pombas, dizendo-lhes: “Minha casa será chamada casa de oração, mas vós a haveis convertido em cova de ladrões”.

(Mt. 21:12,13)

Onde está hoje o Filho de Deus que possa expulsar os mercadores que tomaram posse do Templo social do povo? Não está!

O próprio Povo terá que recuperar
o Templo
que foi ocupado pelos mercadores do templo.

E não será tarefa fácil: porque o povo terá que recuperar primeiro seu próprio coração, o coração que “se deixou roubar” pelos mercadores. O Templo não é o lugar dos mercadores, mas tampouco é um lugar de passagem: para reuniões frívolas, cerimônias vazias, palavras sem vida, cantos litúrgicos sem liturgia.

Já não podemos voltar a um Templo que não existe. A onda de barbárie removeu as pedras fundacionais: Monte Cassino, berço glorioso da Ordem Beneditina, arrasado pelas guerras; Montserrat, saqueado e queimado pelas tropas napoleônicas; o Tibete sagrado, invadido pelo exército vermelho chinês. O que nos diz, então, a voz que nos chama neste nosso tempo de “desencantamento do mundo” (Max Weber)?

Desafio radical:
recolher-nos no Templo
antes que exista o templo.

Ouçõ o “tema” do Templo: ao modo da escuta das óperas wagnerianas; escuto (em silêncio) o esvoaçar da borboleta divina sobre as águas-mãe da Vida, no Coração do povo. O povo foi con-Vocado para um cerimonial ardente, em um templo In-existente. Convocado para ser matriz-orgânica de concepção do Verbo: *Mysterium Templi*.

Nova Aliança em escala cosmogônica

que é, ao mesmo tempo,

re-união de almas
no mundo do homem.

Essa re-união de almas no coração do povo já não se realiza hoje por pactos políticos, sociais, religiosos, ao modo de aliança entre os antigos templos, mas por um “pacto sacrificial” da humanidade, no tabernáculo secreto de um templo in-visível. E, em seguida, vem a pergunta acerca do “como” desta encarnação do Verbo. A única coisa que posso dizer (porque assim o sinto) é que:

Somos escolhidos
para selar um pacto
que não escolhemos.

.....

Este chamado “pacto” não é tão abstrato ou ideal como pode parecer à simples vista. Milhões de seres humanos experimentam hoje, em seus próprios corpos, estranhas mudanças qualitativas que não podem explicar e que eu me animo a chamar de “vestígios” do esvoaçar da borboleta divina sobre o campo magnético das moléculas da vida: a-corde de “ressonância humano-divina” que pre-figura funções nascentes de um homem cósmico ainda não-nascido. Esta vibração espiritual-material é o canto litúrgico do templo cósmico: “vento solar” que, por ressonância de similitude no coração dos “mensageiros do templo”, ressoa por sua vez sobre a Terra, em todos os templos da ciência, da arte, do trabalho – que tenham *ouvidos* para ouvir a mensagem do templo. Mais do que isto “não posso dizer”; o que sim, posso formular, é uma pergunta sobre aquilo que “não se pode dizer”:

Esta comoção da alma
que a intuição intelectual capta
como *Mysterium Templi*,

o que pode significar na ordem prática
da vida do povo, do homem, da história?

Não se trata de construir um novo templo nem de criar uma nova escolástica: não se trata de *custodiar* o lume para voltar a acender o fogo. Neste “lume” e nesta “custódia do lume” mora algo essencial que pertence ao Templo e aos mensageiros do Templo: é o poder ascensional do fogo sagrado.

No mundo de hoje,

o sacrifício cotidiano dos inocentes

constitui a coluna central de fogo invisível

de um Templo

que se está tornando visível.

Quem são estes “inocentes” que salvam pelo sacrifício o fogo sagrado, que nem os sacerdotes nem os doutores da lei souberam custodiar? Seria o mesmo que perguntar pelos “justos” que, de acordo com o relato do Antigo Testamento, salvam da justiça da Lei, as cidades infiéis. Há em tudo isto um valor-raiz que pertence à própria essência das funções sagradas da vida: é o espírito de “custódia”; o fogo sagrado que sustenta a vida deve ser “cuidado”, “custodiado”, “sustentado”: é a primeira função do Templo, seu magistério essencial; o Templo é Templo, na medida em que custodia o fogo sagrado: se deixa de custodiá-lo, deixa de ser Templo.

O que acontece hoje, no mundo moderno, na civilização técnica planetizada, com essa função de “custódia”? Heidegger se pronunciou a respeito, em termos muito duros: “a teologia cristã não conservou o Sagrado que lhe foi confiado”. Custodiaram-no a ciência, a técnica, as novas religiões?

O fogo sagrado que sustenta as funções da vida não é uma criação do homem: é um “dom” divino, um “legado” providencial confiado ao

homem, mas para que arda sobre a Terra, deve ser sustentado pelo homem.

Com a abertura da era cósmica e o “ingresso da luz”, as “novas igrejas” formularam, cada uma a seu modo, “voto de custódia” ao fogo sagrado que iluminava a alma do mundo: deram sua oferenda e seu testemunho, mas não puderam sustentar a chama e fizeram pacto com o *Imperium*; os antigos deuses eram demasiado fortes e reclamaram tributo; e a dívida se fez cada vez mais pesada e foi preciso pagá-la em “moeda dura”: pagou-se com a morte da alma e o sacrifício dos inocentes.

O desmoronamento do Templo é uma catástrofe cosmogônica; significa algo mais que a decadência das igrejas, das culturas, das civilizações; é algo mais que o colapso de uma estrela: é um mundo que se apaga. Não nos demos conta: havíamos entrado em uma “guerra de mundos” e, nesta guerra arquetípica, já não lutam só os homens, também os deuses e os demônios. De repente, a *anima mundi* ficou esvaziada de sentido; liberaram-se poderosas forças, mas não pudemos ganhar a guerra porque a confrontação de forças sobre a Terra era só a sombra projetada pela guerra de mundos: nada puderam fazer os templos do fim da história nem o poder tecnológico dos últimos homens. A galáxia humana havia entrado em in-plosão e o coração do povo tomou contato com o fogo sagrado do Templo cósmico: desde aqui, desde o Templo, desde o ponto de incêndio da matéria humana, desde a grande corrente de transfiguração da vida – *Sim*, desde o Corpo de fogo de uma humanidade transfigurada – podemos pôr a “primeira pedra” do templo Social do povo.

“SEGUNDO MAGISTÉRIO”

A ESCOLA

A escola-matriz ainda não existe: é preciso criá-la.

Os Pais-fundadores que ensinam desde o templo e as mães-mestras que custodiam o fogo do lar traçaram o primeiro círculo, mas para que o Verbo-Mãe se torne Ensino-vida no homem, é necessário que o próprio homem incorpore, em sua própria matéria, o “gene sagrado” da Ensino: transfigurando-se deste modo, em mensageiro da Mensagem. Transferida a massa de informação ao cérebro eletrônico da sociedade técnica, a Escola recupera sua função originária de “Segundo Mensageiro”: ARN de transcrição do ADN do Templo.

A escola-matriz não é uma “nova escola”, em termos de programas educativos, pedagogia informática, desenho arquitetônico, oficinas, laboratórios, seleção de professores, capacitação de alunos, senão que é um campo espiritual-magnético do Saber que “esvoaça” em meio aos professores e alunos. Esse “Segundo Magistério” não está à disposição dos consumidores de cultura, no supermercado da informação. Tampouco é algum novo tipo de instituição educativa, só ao alcance dos mais altos níveis de inteligência e sensibilidade. O “Segundo Magistério” é *escola-mãe* de iniciação ao saber, porque o “saber inicial” brota do seio da Mãe como seiva da Vida. Volto a Dante e à *Divina Comédia*:

“É minha lembrança como a de um infante
que banha a língua naquilo que mama”.

Onde está hoje esse seio da Mãe
de onde flui o rio da Vida?

O Templo não está onde estava. A Escola não está onde teria que estar. Produziu-se uma fratura no círculo do saber: o caminho do conhecimento se separou do caminho da vida; fratura, falha ou fracasso (*Versagung*) do sistema educativo moderno para restabelecer a ordem sagrada do conhecimento-e-da vida.

A violência social fez irrupção nas escolas. Na década de 60, os estudantes universitários iniciaram a rebelião contra um sistema educativo que se havia tornado contrário à vida: os jovens irromperam nos claustros acadêmicos, ao modo de uma “invasão de centauros”, segundo a feliz expressão de Theodore Roszak. Agora, no final do século, os professores das escolas primárias dificilmente podem conter seus alunos, os quais, já seja por violência de comportamento ou por apatia de aprendizagem, ultrapassam os marcos da pedagogia formal. De que se trata, no fundo? Patologia institucional? Reflexo da patologia familiar e social na escola? Ou enfermidade de adaptação? Em outras palavras, qual é a raiz da crise: rebelião dos alunos ou colapso dos professores? Tudo me faz pensar que a própria escola se volta contra a escola: enfermidade de adaptação de professores e alunos. Mas, o que é “enfermidade de adaptação”? É a doença corporal, institucional, social de nosso tempo: quando a vida se volta contra a vida. Já não vivemos somente na “sociedade dos poetas mortos”, ou entre os vivos “que têm morta a alma e vivem ainda” (Ricardo Palma, peruano, 1833-1919): somos os “adaptados”, os que não estão nem sadios nem doentes.

Pode a escola de nosso tempo – informatizada, com diversidade de métodos, polilinguística, com seus laboratórios de investigação científica, suas oficinas de artes, seus campos de esportes, com seus docentes graduados em ciências da educação, com suas cooperativas de pais dispostos a colaborar com a escola para que seus filhos cheguem a ter um lugar no mundo – pode essa escola institucional alicerçar as bases educativas para o desenvolvimento das funções nascentes do novo ciclo da humanidade: para que a vida não se volte contra a vida? Eu diria que *não*, que não pode. Ainda mais, que se o tentasse, os próprios professores, pais e alunos rejeitariam a mensagem do Sol nascente, por considerá-la revolucionária e subversiva.

Em nível de política educacional, ficamos prisioneiros em um sistema de autoimunidade: a mente coletiva fez pacto de obediência, devida ao próprio sistema de vida que destrói a vida. E então?

Então, a resposta não vem pelo caminho da escola que conhecemos: o saber flui por outro canal. Qual é este “outro” caminho? Não é fácil dar forma de pensamento à grande corrente do Verbo-vida que escapa às redes do pensamento. Outro ensino? Ou o mesmo ensino por outro caminho? Outra escola? Ou a mesma escola com outra antena? O *logos* racional não pode dar resposta: tropeça

com a barreira de informação. Mas nossa alma se afoga por excesso de informação e falta de vida.

A criança que hoje ingressa na escola

já sabe demasiado:

foi iluminada pelo resplendor
das estrelas

e ferida pelo furor da barbárie.

Muito temos aprendido neste tempo, de “deuses que fugiram”: pela ciência, pela técnica, pela metafísica, pela filosofia espiritual, pelas revoluções sociais, pela revolução informática, pelo sacrifício dos inocentes. Porém, algo essencial nos escapa das mãos: o mundo se tornou estranho para nós e a escola não nos dá a chave para decifrar o enigma do saber que se oculta por trás do véu do conhecimento. O que é que temos que aprender, para além do conhecer?

APRENDER A SER

“*Apprendre à être*”, diz-nos o informe da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação, comissão integrada por destacados pensadores do mundo, convocados pela UNESCO, em 1972. O título excede o conteúdo do informe: quem ensina a “cidade educativa”? Erich Fromm se adianta a responder:

Se bem que ofereçamos conhecimento, estamos descuidando o ensino mais importante para o desenvolvimento humano: aquele que só pode ser oferecido pela simples presença de uma pessoa madura e amante.¹²

Na crista da revolução científico-tecnológica do mundo moderno, enquanto alguns veem o resplendor de um “início”, outros pressentem o perigo de um “fim” (ampliando a citação de Fromm: “Perigo de que toda nossa cultura desmorone, se chegar a interromper-se a transmissão de certos traços da vida humana madura: ainda que seu conhecimento seja transmitido e continue se desenvolvendo”). Outros investigadores também perceberam este perigo. Em 1986, em uma reunião cultural organizada pela UNESCO em Veneza – o Colóquio de Veneza – destacadas personalidades mundiais, entre elas dois prêmios Nobel, fazem-se eco deste “perigo de desmoronamento da civilização, devido à brecha aberta entre a ciência e as diversas tradições do mundo” (Declaração de Veneza: “A ciência frente aos confins do conhecimento”). Em seu “Rapport final”, os delegados do Colóquio põem sua esperança na aparição de “uma visão nova da humanidade, um novo racionalismo, que possam conduzir a uma nova perspectiva metafísica”. E eu me pergunto, pode-se transpor a fratura entre o conhecimento e a vida, por meio de um “novo racionalismo” ou de uma “nova metafísica”?

¹² Erich Fromm, *El Arte de Amar*, Buenos Aires, Paidós, 1960, pg. 128.

Sinto-me mais próximo de Fromm: tudo me faz pensar que a chave de acesso às ideias-Mãe não é a “transmissão de conhecimentos”, mas a “trans-missão de traços humanos”. São estas pegadas gen-éticas da “caminhada de Deus sobre o mundo” (como diria Rodolfo Kusch), as que estão sendo apagadas do caminho do homem: desaparecem as “pegadas”, fica a informação.

Onde estão as pegadas dos mensageiros do Verbo, no longo percurso da história? Onde estão as palavras de fogo de um Gandhi, um Luther King, uma Eva Perón, um Che Guevara, uma Madre Teresa? Não estão! Sua passagem pelo mundo do homem foi uma “passagem fugaz” (Hölderlin). O fogo libertário se retirou da face da Terra, mas deixou sua marca, suas “pegadas” nas moléculas da vida. Para além dos diferentes tons em que proclamaram sua mensagem, estes mensageiros do Verbo, todos eles vibraram na mesma nota chave de Transfiguração Social do Verbo. Não se trata de uma chave filosófica, política, religiosa (ainda que a Mensagem possa estar vestida com estas vestes): trata-se de uma “chave orgânica” de convocatória das forças sociais da humanidade.

Quantos ouviram a mensagem
e olham para o outro lado!

Quanta paixão, quanta fé sobrenatural, quanta resistência sobre-humana se requer para sustentar este fogo sagrado que dilacera as entranhas da vida.

Quanta superficialidade, quanto autoengano, quanta traição ao espírito significa reduzir o Verbo sacrificial a filosofias políticas, teologias de libertação, literatura espiritual de consumo!

Os mestres da escola-Mãe se retiraram; deram seu testemunho, falaram desde a vida, disseram o que tinham a dizer, fizeram o que tinham quer fazer: deixaram suas pegadas vibratórias na matéria do mundo e se ocultaram a nosso olhar.

Quando os Pais-fundadores de uma cultura e as Mães-custódio do fogo do lar se retiram, deixam um “buraco” no mundo; fica um lugar vazio: “vacantes de Pauli”, na física de antipartículas. É uma catástrofe cosmogônica no mundo social do homem: os templos ficam vazios, as escolas sem professores, as fábricas sem operários, o lar sem fogo.

A retirada catastrófica dos mensageiros do Verbo no mundo moderno escapa à teoria da ciência, à filosofia da história, à teologia

da libertação; escapa à lógica (e à logística) das universidades, das academias, das escolas, das empresas, das Igrejas: escapa à lógica da linguagem. E surgem as perguntas. Quem ocupa o “buraco” que fica no mundo, quando os “mensageiros” se retiraram do mundo? Quem se senta na “sede vacante” (cadeira perigosa), quando o lugar fica vazio? Pode ser que ninguém o ocupe, por haver sido perdida a “pista” que conduz à fonte de onde brota o rio: então, “toda uma cultura pode desmoronar”, como adverte Erich Fromm. Por outro lado, não é a primeira vez, na longa jornada da humanidade, que uma Terra Santa – que deixou de ser santa – seja ocupada por ninguém: de acordo com Suzuki, “na China, onde se originou o Zen, já não existe o Zen em sua forma pura; a linha de transmissão já não existe...”¹³. Mas, o que acontece hoje, quando a “linha de transmissão” foi ocupada pela linguagem informática? De onde vem a “água-viva” para saciar a sede do povo?

A energia-Ensinante
já não vem pelo caminho do conhecimento:

vem pela palavra-Verbo

da Escola-Mãe.

Escola-Mãe: figura de linguagem que ressoa em meus ouvidos como *Koan* de mestre Desconhecido; palavra-símbolo que me intima a de-cifrar seu código semânticogen-ético.

O que é Escola-Mãe? Não é uma escola: é a Mãe das escolas. Seria como perguntar “o que são as Musas” e teríamos que responder, com Hesíodo, que são as “forças originárias de onde tudo sai à luz”. Escola-Mãe é a força originária do saber que quebra a noite da ignorância; é a Escura-luz que permanece *antes* de toda escola, de todo ensino, de toda aprendizagem. Em um tempo como o nosso, de “deuses que fugiram” e de “mestres” que se “retiraram”, para ter vida precisamos recuperar o Verbo de uma Escola que não existe. Tarefa nada fácil: é como caminhar de noite pelo bosque, em busca da senda perdida que conduz ao lar perdido. Mas, não faltam sinais: a própria

¹³ D. T. Suzuki, *Ensayos Sobre Budismo Zen*, Buenos Aires, Kier, 1973, pg. 335.

noite é o poder que guia, se se estiver disposto a seguir a escura-luz de seu olhar.

A “nota-chave” do Ensino que transforma
já não vem das escolas,

vem da ressonância do Verbo

nas moléculas da vida.

Estamos no término de um grande ciclo: a matéria humana se voltou demasiado densa, o coração de carne se tornou coração de pedra, o irmão se voltou contra o irmão, a riqueza das nações se voltou contra o povo... e o ensino que vem das universidades, academias, escribas e doutores da lei não é água-viva que sacie a sede do povo que acampa no deserto. Dito em outros termos: a escola, com seu discurso oficial, não pode responder à crescente patologia social que debilita a grande corrente da vida. O sistema educativo responde, sim, ao desafio do tempo, mas responde desde a filosofia política, a teoria da ciência, a pedagogia, a informática, o mercado de trabalho, mas *não* responde desde a vida. Quem responde então, desde a vida? Animo-me a dizer: responde o mestre-adversário.

Quando o jogo de palavras terminou e a corrente da vida corre perigo de perder a Vida, a Vida se volta contra a vida, para restabelecer a ponte quebrada entre o conhecimento e a vida.

O monge Jo (Ting) perguntou ao mestre Rinzai qual era o princípio fundamental do Budismo. Rinzai desceu de sua cadeira de palha e, agarrando o monge, esbofetear o com a palma de sua mão, deixando-o ir.¹⁴

Suzuki continua o relato, dizendo que “Jo permaneceu em silêncio, sem saber o que fazer. Mas, pela sugestão de outro monge, fez reverência ao mestre – e despertou, de repente, à verdade do Zen”. E surge a pergunta: quem é Jo? Eu diria que é o verdadeiro discípulo, o discípulo que, em verdade, *quer* aprender, aquele que *não* responde à

¹⁴ D. T. Suzuki, *Ensayos Sobre Budismo Zen*, Buenos Aires, Kier, 1973, pg. 335.

“bofetada” da vida com outra pergunta sobre o porquê da bofetada, senão que responde com sua própria vida: fazendo reverência à Mãe-mestra, que se oculta por trás da “bofetada” do mestre-adversário.

O mestre-adversário não é “outro” mestre: é o mesmo mestre que procura o Discípulo, o qual, por trás do véu das perguntas do discípulo, procura realmente o Mestre. A ensinância do verdadeiro Mestre é levar o verdadeiro Discípulo a uma crise radical. Hoje, a humanidade inteira pergunta ao mestre-Desconhecido pelos direitos do homem, pela justiça social, a fome, o desemprego, as enfermidades de autoimunidade, os crimes aberrantes, os resíduos radiativos, o poder da droga, as crianças recém nascidas lançadas ao lixo. A escola oficial não dá resposta a estas perguntas: só promessas, mensagens de esperança, “discurso oficial”; tampouco as Igrejas dão resposta: “A pobreza existirá sempre e nós devemos ensinar os pobres a vivê-la de modo justo; o modo justo de viver a pobreza é aceitá-la, tendo confiança em que o Senhor proverá” (palavras da irmã Nirmala, herdeira da Madre Teresa). Mas, o mestre-Desconhecido sim, responde: responde como maré cósmica que derruba as muralhas do antigo mundo do homem e arranca pela raiz suas precárias construções sociais (algo assim como a “bofetada” do mestre Zen). Haverá sobre a Terra verdadeiros Discípulos que possam resistir à “bofetada” do mestre-adversário e orientar a poderosa energia liberada no planeta, para re-construir “com” o Mestre, o Templo Social do homem?

Traçar o plano-mestre
do Templo Social:

missão da Escola-Mãe
na era que se inicia.

Escola-Mãe: comunidade de Mestre-discípulos que se constitui como Matriz-orgânica que alberga o “gene” primordial (código genético do saber) para o desenvolvimento da humanidade vindoura.

Estamos ante uma barreira cósmica difícil de cruzar: já não é uma barreira da alma, mas uma barreira da matéria. Os mestres do espírito falaram à alma com a poesia mística do amor: “;Oh mano blanda! ;Oh toque delicado!” (São João da Cruz). Mas agora, o tempo é outro, é “outra” a alma e “outro” o estado da matéria; o Mestre é “outro” e “outros” são os discípulos. A Ensinância também é “outra”: já não é a

“mano blanda (mão terna)” e o “toque delicado” da Mãe amorosa que acaricia a alma-criança, mas a “bofetada” do mestre-adversário que, com seu “*Koan* social”, golpeia o homem, induzindo-o a uma pergunta mais originária, mais enraizada na vida e que force a vida a uma “saída cósmica”.

Começamos a descobrir a Escola-Mãe, enquanto função arquetípica do Saber: com sua antena “pro-fética” (que se antecipa às formas do conhecimento) e seu “corpo orgânico de mensageiros” (que transcrevem a força inspiradora do Verbo em código gen-ético do conhecimento-e-da vida). Mas, para chegar à criação da “matéria social”, ainda falta um passo: “talhar a pedra” (trabalho do operário).

“TERCEIRO MAGISTÉRIO”

OFICINA DO ARTESÃO

É o lugar onde o Verbo se faz Obra, onde a palavra originária se transfigura em “pedra-sustento” da palavra. Esse “lugar” foi, no passado, a oficina do alquimista, onde o adepto se esforçava por transmutar a “matéria prima” em *aurum potabile* da obra (*Ars Magna*). Hoje, o próprio corpo do homem é o “lugar” onde se realiza o *Opus alchemicorum*: transfiguração dos elementos terrestres em matéria social do Verbo.

Na oficina do artesão, a mão teúrgica do homem supera em hierarquia criadora a mão mecânica criada pela técnica. Mão teúrgica do homem? Sim, é a grande Obra do Verbo por inter-me(d)io da mão do homem.

Mas, será que o Verbo necessita do homem
para criar o mundo?

Dito assim, em termos muito gerais, como primeiro princípio cosmogônico, eu diria que *não*. E, para “fazer-se carne”, também diria que NÃO; o Evangelho de João diz: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”; só opera ali a Vontade de poder feita Verbo (sem menção alguma à vontade do homem). Também no mistério da transfiguração do monte, o Opus teúrgico se realiza sem intervenção do homem: “Transfigurou-se ante eles...”. Mas, se apontarmos para uma “segunda transfiguração”, Transfiguração Social do Verbo, o Verbo sim, necessita do homem.

Para confeccionar a “veste social” do Verbo, necessitamos incorporar a oficina do artesão; fisiologia humana ainda inexistente: criar um circuito cérebro/coração/mão, onde o artesão-alquimista possa acoplar valores humanos individuais à onda de transcrição genética, procedente da Escola-Mãe (função de “ribossomo”); a genética molecular nos ensina que existe um “órgão-oficina” na célula, o “ribossomo”, onde um ARN mensageiro traduz em proteínas a informação que recebe da transcrição do ADN. Porém, na fisiologia

humana de transfiguração, no nível de um ribossomo-inexistente, já não se trata de fabricar as proteínas que sustentam a vida material em escala terrestre, mas de elaborar uma matéria mais sutil que, como “veste social” do Verbo, possibilite ao homem participar com sua própria vida, na radiação da consciência cósmica.

Matéria social?

Sobre esta “pedra” edificaremos o templo Social do homem. Aqui, o pensamento se detém. O que *é* esta “matéria-social”? O que *é* esta “pedra-sustento”? O que *é* Templo Social? Faltam-me palavras para dizer o que seja isto (se *é* que se possa falar de “isto”) que se oculta por trás do véu das palavras. Não se trata de palavras: trata-se de Trabalho.

Yoga do trabalho

Participação do homem na Obra de Transfiguração Social do Verbo: salto qualitativo na ordem hierárquica das funções da vida. Justamente agora, no tempo do mundo técnico que nos tira o trabalho, viemos a recuperar o trabalho (enquanto função sagrada da vida) por uma “mística do trabalho”; recuperação do “operário” como elo *genético* na cadeia de trans-missão social do Verbo: salto da engenharia genética à *gen-ética* social. Não temos ainda teoria sociológica que ponha a descoberto as leis desta reversão da “força” do trabalho, desta transição de fase entre a economia política e a química social. Mas, podemos vislumbrar, ou talvez pre-sentir, o princípio de filosofia espiritual que sustenta e orienta esta “yoga do trabalho”? Eu diria que *não*, porque não se trata de elucidar “princípios metafísicos” ou “filosofias espirituais”, mas de saber se estamos dispostos a participar com nossa própria vida, na revolução que vem (ainda sem “princípios” e sem “filosofias”).

Giro epistemológico
no marco teórico das ciências sociais:

nem materialismos nem idealismos.

Yoga do trabalho *é*: trabalho como força unificadora de todas as formas de yoga e de todas as forças do trabalho.

Toda a obra revolucionária de Gandhi se funda no princípio universal de unificação da Verdade e da Vida. Diz Gandhi:

A lei divina, que ordena ao homem ganhar seu pão com as próprias mãos, foi indicada no terceiro capítulo do Gita, onde nos é dito: “aquele que come sem oferecer um sacrifício, ingere alimentos roubados” ¹⁵.

Esta “Lei do pão” (se pudermos chamá-la assim) também foi formulada no Gênese de Moisés e no Evangelho cristão, e proclamada como “princípio” básico das revoluções sociais e das doutrinas espirituais: princípio afirmado milhares de vezes – e outras tantas, negado – no curso histórico das revoluções perdidas. Hoje, já não sabemos muito bem o que é o “pão” nem o que são as “pedras”, nem muito menos o que é realmente a “mão”; tampouco o que significa “oferecer em sacrifício uma parte do que se come”. E surgem as perguntas: continua sendo válida a “lei divina”, escrita com palavras de fogo nos livros sagrados da humanidade? Como se pode reivindicar hoje a dignidade humana de “ganhar o pão com o trabalho das próprias mãos”, quando na sociedade opulenta grandes massas humanas carecem de pão e de trabalho, e onde já não há mensageiros do Verbo do trabalho porque lhes foram cortadas as mãos? E continuam as perguntas. Aquele que não come porque não tem trabalho pode fazer o sacrifício prescrito pelo *Gita*? E aquele que come porque tem trabalho que tipo de sacrifício deve (ou poderia) realizar para saber que não comeu alimentos roubados nem tirou o trabalho de alguém? Nenhuma destas perguntas tem resposta, quando a própria função Trabalho foi perdida.

.....

Não podemos avançar mais pelo caminho da filosofia política: “A te conviene um altro viaggio” (Dante, *Divina Comédia*). Chegamos à fronteira das funções perdidas.

¹⁵ M. K. Gandhi, *Principios Básicos del Gandismo*, Buenos Aires, Chandra L. Sing, 1933.

Perdemos...

o Sacerdote,
o Professor,
o Operário.

Perdemos as “funções sagradas da vida”: ficamos com os “funcionários” sem in-vestidura. E surge uma pergunta: há algum modo prático de ajudar a humanidade a recuperar este “trabalho perdido”? À semelhança do monge Jo (no relato de Suzuki), eu também fui ao mestre com esta pergunta, acerca da força redentora do trabalho, e o mestre me deu a resposta-semente: “Aqueles que realmente querem ajudar a humanidade deixam de escrever livros e de dar conferências e vão viver com os mais pobres e os mais humildes”. Foi uma resposta? Não, foi uma “bofetada”.

“QUARTO MAGISTÉRIO”

O MERCADO

O que é “mercado”? O que nos quer dizer hoje essa palavra de poder que marca de modo tão dramático a vida humana no âmbito do mundo técnico? Por qual mercado perguntamos? Mercado de produção e consumo, mercado de trabalho, mercado do narcotráfico, de armas, de prostituição, de órgãos para transplante; mercado do conhecimento e da informação, mercado espiritual das Igrejas eletrônicas? Perguntamos simplesmente pelo “mercado”. O dicionário, sempre tão preciso em suas respostas, remete-nos a “contratação pública”, “lugar público destinado permanentemente ou em dias marcados, para vender, comprar ou permutar gêneros ou mercadorias”. Mas, não nos diz nada sobre o “modo” da contratação, sobre a “estrutura de relações” entre aqueles que vendem, compram ou permutam, sobre a “natureza da energia” que circula entre os compradores e os vendedores.

Há alguns anos, em conversa com um amigo argentino que havia feito uma viagem a um país árabe do norte da África, esse amigo me dizia que, encontrando-se na praça de um grande mercado, abarrotado de mercadorias de todo tipo, apinhado de gente que se movia de um lado para outro em meio aos gritos dos mercadores que ofereciam seus produtos, deteve-se em um posto onde era exibido um objeto que despertou seu interesse e se dispôs a comprá-lo. “Quando custa isto?”, perguntou ao vendedor; e o comerciante, contente em poder concretizar a venda, deu-lhe o preço: “Peço tanto...”. “Certo”, respondeu o turista, “dê-me, vou levar”. E o árabe, sentindo-se ofendido, respondeu: “Não, assim não! Isso não se faz!”. E surge nossa reflexão. O que havia acontecido para provocar tal “ofensa”? Havia sido rompido o código tradicional do “regateio”: a “lógica” do preço do mercado de consumo havia-se chocado com o *pathos* afetivo, subjacente à economia de mercado; havia-se rompido a relação simbólica do intercâmbio; a *moeda* ficava convertida em “moeda”, com apenas seu valor material: havia sido perdida a *divisa*, havia sido dessacralizado o *rito*. Claro que todas estas reflexões, aos ouvidos do

mercado global, podem não significar nada ou, no máximo, serem transferidas à coleção de relatos folclóricos da antropologia transcultural (como seria no noroeste argentino a tradição de derramar na terra as primeiras gotas de vinho, antes de uma libação, como oferenda simbólica das primícias à Pachamama).

Perdemos a economia simbólica;
ficamos com a economia de mercado:
Assim estamos!

Abriu-se uma brecha infranqueável entre a economia providencial-social da Mãe-terra e a economia política do mercado global de criação de riqueza. Gustavo S. Cirigliano, educador argentino, tipifica emblematicamente esta fratura da economia da vida, em seu sentido poema “La boliviana frente al supermercado”:

Vejo-te a cada manhã,
construir a história da humanidade... ¹⁶

Não há ponte real e efetiva entre o mercado da *coya* silenciosa, rodeada dos frutos da terra, e o supermercado anônimo, com suas gôndolas repletas de produtos empacotados, à mão do cliente. Ainda mais, a brecha é cada vez mais ampla entre o símbolo da Mãe (que “a cada manhã constrói a história da humanidade”) e o poder da técnica (que tomou em suas mãos o destino do homem). A tendência, anunciada por futurólogos e politicólogos é que os países ricos e a sociedade opulenta da “terceira onda” se desinteressarão cada vez mais pelos setores sociais que forem ficando à margem do processo de globalização da economia. A “mensagem de salvação”, anunciada pelos profetas da técnica, não se cumpriu (não houve pão e trabalho para todos). A mensagem revolucionária de justiça social e equitativa distribuição da riqueza (“os meios de produção nas mãos do povo”) tampouco se cumpriu: a corrupção política e a burocracia sindical acabaram devorando os bens essenciais do povo. Quanto às mensagens das teorias econômicas de “crescimento e desenvolvimento”, não é demais lembrar algumas reflexões de

¹⁶ Gustavo F. Cirigliano, *Porque Preciso Luz Para Seguir*, Buenos Aires, Docencia, 1995.

Manfred Max-Neef, na linguagem de sua *Economía Descalza* ¹⁷. “Crescimento”, diz Max-Neef, “deve ser entendido só como um acréscimo quantitativo de magnitudes. Em troca, desenvolvimento é uma liberação de potenciais qualitativos... um país pode crescer, à custa de empobrecer-se”. O Evangelho cristão, por sua vez, trouxe ao mundo princípios fundamentais de uma economia espiritual e material de desenvolvimento humano, mas sua doutrina de “não posse”, vivida com dignidade e grandeza de alma por indivíduos e comunidades espirituais, não pôde ser levada à escala social: as “Igrejas”, em maior ou menor medida, deixaram-se seduzir pelo poder econômico e as chamadas “democracias cristãs” não foram muito diferentes das democracias não cristãs. Em síntese – e recordando palavras de Octavio Paz – “A poesia não encarna na história”. Ainda mais, diria eu: hoje, o “mercado” é a nova fé que substituiu a religião, a poesia e a história.

Mas, é a “ideia degradada” do mercado.

Ideia degradada do “mercado” que oculta o Mercado como arquétipo constitutivo da fisiologia orgânica do universo: junto ao “Templo”, à “Escola”, à “Oficina do Artesão”. Função degradada: que as teorias econômicas de mercado já não podem reparar. Não podemos “curar” o mercado com as mesmas teorias que o tornaram doente, com o mesmo pensamento que lhe deu forma, com a mesma técnica que o calculou: o próprio homem ficou con-formado, instalado (organicamente) na estrutura técnica do mercado, disponível ele mesmo (o homem) como uma mercadoria a mais (à mão), ao modo das mercadorias que estão à mão nas gôndolas dos supermercados. Este homem constelado na “estrutura de localização” da técnica (Heidegger), este “último homem”, portador da chama nas filosofias do “fim da história” (Fukuyama), aparece-nos hoje em sua dupla face de máximo poder e máximo perigo: por um lado, assumindo como senhor da Terra, utiliza o poder da técnica como arma de dominação do mundo; por outro, corre perigo de ser, ele mesmo, utilizado como “matéria prima”: “material de trabalho” no mercado de trabalho, “material de doentes” no mercado da medicina privatizada e

¹⁷ Manfred Max-Neef, *Economía Descalza*, Montevideo, Nordan, 1986.

tecnificada, “material de pensamento” no mercado informatizado da cultura, “material de órgãos” no mercado da morte técnica. Em poucas palavras: o desenvolvimento técnico do mercado, levado ao extremo, devolve-nos a face desvalorizada do homem.

A “boliviana” não entende a linguagem
do código de barras do supermercado;

o “supermercado” não entende
a linguagem natural da boliviana.

Esta fratura da unidade *da* língua já não pode ser transposta com “outra” teoria econômica, “outra” filosofia social, “outra” doutrina espiritual, “outra” ordem racional do mercado. Não se trata de voltar ao mercado natural da “boliviana”, nem de transformar a Terra em supermercado de mercadoria humana. A técnica veio para ficar, mas o homem terá que tomar em suas próprias mãos o poder essencial da técnica.

.....
A “matriz” da revolução que vem
escapa do marco intelectual do homem técnico.

As “funções arquetípicas” que vemos
como organizações separadas
na tela social do mundo:
Templo, Escola, Oficina, Mercado,

estes símbolos de poder
são outros tantos “números quânticos”,
cuja unidade de sentido se revela
na “simetria orgânica” que abre
o caminho do homem vindouro.

A visão “pro-fética” se adianta hoje ao pensamento racional. A palavra “anterior” marca o caminho para a investigação científica. A “transfiguração” do Verbo antecipa por “plasmação” a arquitetura orgânica do Templo social do homem. A percepção desta “onda de advento” já não é hoje privativa da contemplação mística ou da visão

profética, senão que os cientistas, poetas, guerreiros revolucionários e outros visionários de nosso tempo também são “tocados por Apolo” e, a seu devido tempo, pro-nunciam a “palavra anterior”. Em seu *Tao da Física*, Fritjof Capra generaliza a “noção de simetria” como “poderosa ferramenta” que se antecipa, na ordem teórica, ao caos de valores numéricos no mundo de partículas individuais; Octavio Paz, em seu *El Arco y la Lira*, quer resgatar do “espaço cheio de objetos e desabitado de futuro”, o arquétipo de totalidade que ponha em “rotação” os signos de sentido da sociedade humana e ponha em comunicação “o trabalho e a arte”, “a propriedade individual e a comunidade universal”, “a poesia e a história”¹⁸.

E o “mercado” e as gôndolas do supermercado “cheias de objetos” e “desabitadas de sentido”; e a “riqueza das nações junto à pobreza dos povos”; e o “homem como bem de consumo (*commodity*), na economia de oferta e procura”? Frente a estas perguntas: muitas teorias, poucas respostas. John Kenneth Galbraith, autor de *La Sociedad Opulenta* (1958) e de outro livro ainda mais crítico da cultura dos privilegiados e satisfeitos: *The Culture of Contentment* (1992), referindo-se – em uma entrevista jornalística (Pietro Banas, de *Il Mondo*) – aos agudos problemas econômicos e ecológicos do mundo contemporâneo, diz o seguinte: “É a maioria eleitoral satisfeita a que manda em uma democracia, na qual os menos afortunados não participam” (eu diria: “participa o supermercado, não a boliviana”). E, com respeito à classe política que se vê frente a estes problemas: “Os problemas não são negados, mas toda ação concreta é diferida”. O próprio Galbraith havia manifestado em mais de uma ocasião que “o sistema de mercado deve ser revitalizado para servir o público”: em sua “teoria geral da reforma”, que vai além da reforma e da democracia social, a primeira etapa é que o público emancipe sua mente e sua conduta do credo “felicidade é consumir”.

Mario Kamenetzky o diz em outros termos: “Substituir a ‘mão oculta do mercado’, suposto regulador da economia nas teorias liberais de mercado, por uma variável qualitativa de ‘expansão de consciência’”¹⁹.

¹⁸ Octavio Paz, *El Arco y La Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956, pg. 253.

¹⁹ Mario Kamenetzky, *The Economics of Satisfaction Needs*, New York, Routledge, 1992, pg. 181.

Detive-me, talvez um pouco mais da conta, no pensamento de filósofos, economistas, poetas e cientistas de antecipação, para destacar uma “nota” comum, que ressoa em todos eles, com diferença de matizes: a chamada “economia de mercado”, com todo seu aparato político e técnico de organização, não responde às reais necessidades de desenvolvimento humano. Galbraith encontra a raiz do “mal estar na cultura”, no credo de “felicidade é consumir”. A tradição mística orienta para desterrar do coração do homem o “credo de posse”. E fica fluando uma pergunta: existe alguma chave de poder que, penetrando no coração de sentido do código informático do “mercado”, libere a energia humana, aprisionada nos servomecanismos de consumo-felicidade-posse e que, com essa energia livre na mão, possa a humanidade vindoura “pôr em rotação” os signos do céu e da terra, para fazer real e efetiva uma onda expansiva de consciência cósmica humanizada? Em parte, já o fizemos, pelo menos no âmbito do mundo físico: utilizando a chave de poder da inteligência, conseguimos liberar a energia atômica encerrada na matéria, vencer a gravidade terrestre, pôr um homem na Lua e depois daí, seguir viagem para as estrelas. Tudo isto, apesar de sua grandeza, pertence ao círculo de informação do antigo signo (que se fecha sobre nós mesmos): não inaugura um novo signo, não põe em rotação os signos.

O advento do “poder”

que põe em rotação os signos de poder

revela-se ao ouvido interior
como “clave anterior”.

Essa “clave” põe em movimento uma liturgia de transfiguração: sinfonia cósmica, em clave de iniciação humana. Porém, por que anterior? Porque precede ontologicamente os signos de informação. Viria a ser algo assim como a “clave” que, no início da partitura musical, dá a pauta da estrutura harmônica.

**CON-STELLA(ÇÃO)
DE SIGNOS DE PODER**

Chave anterior.

Con-Stella
ção de signos em rotação:

“tornado”
que eleva a galáxia humana,
fazendo-a decolar do campo gravitacional terrestre.

SINAIS DE GUERRA ARQUETÍPICA

Quando pensávamos que tudo estava claro, voltou a cair a noite: caíram as estrelas que iluminavam nossos sonhos. Quando acreditávamos haver encontrado as primeiras respostas, voltaram a surgir novas perguntas: a guerra não estava só fora, também dentro. A ideia-símbolo de “Transfiguração Social do Verbo” encerra um potencial de síntese que ultrapassa os marcos de elucidação e representação conceitual da linguagem corrente. Ainda continuamos com a ilusão de querer representar historicamente, socialmente, conceitualmente, o desenvolvimento espiritual do homem e do mundo: continuamos com a ilusão de sustentar a “visão do mundo” de uma humanidade que já não pode manter a lógica de seu próprio mundo, porque entrou em uma guerra de mundos.

Na guerra de mundos que vivemos,

a “chave de poder”

não vem de tal ou qual signo,

mas de uma con-Stella(ção) de signos.

Hoje, já não lutamos por uma ideia, um pedaço de pão ou um pedaço de terra, nem sequer pelo domínio da terra: lutamos por um valor essencial, ainda que não tenhamos palavra para dar-lhe nome. No final de um ciclo cosmogônico, as guerras históricas se transformam em símbolo de guerra arquetípica: já não lutam aqui só os homens, também os deuses e os demônios. Em uma dessas fronteiras críticas da raça humana nos encontramos hoje, lutando contra forças humanas e mais que humanas. Começamos a reconhecer sinais de uma guerra arquetípica de mundos.

H. G. Wells intui algo desta “guerra terminal” e súbita mutação da humanidade para uma nova civilização ²⁰. Mas a visão de Wells,

²⁰ H. G. Wells, *El Mundo se Liberta*, Madrid, Aguilar, 1914.

premonitória da bomba atômica, não sai do marco das forças humanas e da “história da humanidade”: como ele mesmo nomeia no subtítulo de sua obra. Para abordar o tema da “guerra arquetípica”, temos que recorrer aos escassos testemunhos preservados na tradição espiritual da humanidade: a grande luta entre pandavas e kauravas (registrado pelo poema épico *Mahabharata*) e a batalha de Armagedon, relatada pelo Apocalipse (Ap. 19:11). Não vou entrar nos detalhes da simbologia destas duas grandes criações do espírito, porque correríamos o risco de perder de vista a geometria simbólica que, com diferentes linguagens, tipifica (ao modo de língua universal) o que chamamos de con-Stella(ção) de signos de poder, na guerra arquetípica de mundos.

Con-Stella:

o novo signo do tempo
se A-nuncia a si mesmo

como Con-Stella(ção) de signos.

Algo mais que nascimento de uma ideia: radiação misteriosa de uma Estrela (Stella). O raio pro-fético que toca a matéria con-voca todas as ideias para uma nova configuração de signos da Vida: con-Stella. Radiação que nos *toca* muito de perto, tão de perto que, *antes* que o *logos* do mensageiro chegue a decifrar o sentido da mensagem, o próprio mensageiro já foi transformado em símbolo da Mensagem.

A “guerra arquetípica” é de *natureza diferente* das guerras históricas, ainda que a língua possa utilizar as grandes confrontações históricas como símbolo analógico, para revelar algo essencial, que a própria dialética histórica não pode pôr a descoberto. Ao dizer “guerra arquetípica”, não estamos nos referindo somente à luta do homem contra o homem, do bem contra o mal ou do mal contra o mal: intervém aqui, “outro” poder. Na fronteira crítica da guerra dos mundos – em meio aos contendentes humanos e não humanos que tentam definir, através da guerra, o destino histórico dos povos – ali, no instante de máximo perigo, irrompe o Verbo que con-Voca.

Clama Arjuna (no Bhagavad Gita):

Ah! Que terrível pecado estamos a ponto de cometer, dispostos a matar parentes e amigos pela cobiça do poder terrenal! (I. 45)

Krishna responde:

Sempre que o Bem decai e o Mal prevalece, então, ó Bhavata, Eu venho à existência. (IV. 7)

O que acontece hoje em nosso tempo, no tempo da humanidade planetizada, no mesmo tempo arquetípico de Arjuna quando, com todo o poder “inteligente” nas mãos, não só estamos “dispostos a matar parentes e amigos pela cobiça do poder material”, mas também dispostos, para salvar a nosso modo a verdade, a obstruir a fonte da vida?

O novo signo do tempo
se A-nuncia a si mesmo
como con-Stella(ção) de signos de poder.

Con-Stella: ideia-simples, que é captada *mais* como “Som” primordial da vida que como princípio metafísico ou paradigma geométrico. O grande desafio para o homem vindouro é “custodiar” este ritmo primordial que penetrou em seu coração e que, ao entrar em ressonância com a química da vida humana, *opera* como decodificador de símbolos, no grande cenário do mundo.

TRAÇO GEN-ÉTICO DA HUMANIDADE QUE ADVÉM

Quem é “hoje” o Arjuna-precursor do mundo vindouro?

Quem são aqueles que, em meio à guerra fratricida, detêm a ação e se põem à escuta do Verbo de transfiguração? É “Um”? São “muitos”?

You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will be as one

Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único
Espero que um dia você se una a nós
E o mundo será como um só.

John Lennon, *Imagine*

Não conhecemos seus nomes, lutaram contra o anjo: mudaram de nome. Não se trata de nomes, ideias, instituições, Igrejas. Se tivesse que nomear de alguma maneira a humanidade cósmica que advém, diria que me aparece como “tênue resplendor inicial, caminhando sobre as águas da humanidade terrestre”. É como a explosão de uma “aurora”, na história das civilizações; lembro-me do diálogo de G. R. Urban com Arnold Toynbee, do qual destaco a parte medular: “O júbilo despertado pela aurora de uma nova era da história é a resposta da Alma a uma epifania, que é algo mais que um mero fato temporal. As auroras capazes de despertar tanto júbilo são irrupções da Eternidade dentro do tempo; em cada despontar de uma era mundana, dotada de tal poesia, está a antecipação das auroras cósmicas, onde a Luz Divina penetra neste mundo” ²¹. Mas, o que acontece em nosso tempo? Enquanto no começo do século alguns poucos intuitivos vislumbravam o despontar de uma “aurora cósmica” (Einstein pressentia o advento de uma “religiosidade cósmica”; outros, em tempo de “alma desiludida” (Ortega y Gasset), falam de “fim da história” (Fukuyama) ou de “barbárie técnica” ²². E surge aqui uma

²¹ Arnold Toynbee, *Estudio de la Historia*, Buenos Aires, Emecé, 1977, vol. X.

²² Octavio Paz, “Nos amenaza una nueva barbarie fundada en la técnica”, *La Nación*, Buenos Aires, 3 de abril de 1994.

pergunta. O traço gen-ético da humanidade que advém e que, de uma ou de outra forma nos aparece como novo signo do tempo (*impressio formæ*), é uma “aurora” (ao modo de radiação cosmogônica) ou é um “primo-gene” humano (ao modo de um Arjuna)? É uma “onda” profética em expansão ou “partícula” individual, em gênese de transfiguração? Ou a “irrupção da Luz Divina no tempo histórico” (como diz Toynbee) continua, por analogia, as mesmas leis de manifestação da luz no mundo físico: “partículaonda”? Perguntando de outro modo: o traço gen-ético da humanidade que advém seria “divino-humano”: uma nova estrutura de ressonância (espírito-matéria)?

Dupla face da Luz que ingressa: “partícula-onda” na tela dos instrumentos de investigação, traço gen-ético na humanidade que caminha sobre as águas da vida. Krishna e Arjuna já não seriam duas pessoas, mas uma Mesma “onda pro-fética com rosto humano”. A partir de agora, talvez possamos observar com maior clareza a “dupla face” desta “nova” que golpeia nossa sensibilidade profunda, como onda de Transfiguração Social do Verbo. Antes de querer “ver” a forma na qual se manifesta esta “onda de transfiguração do mundo”, ponhamo-nos à “escuta” do testemunho dos poucos que viveram em carne própria a transfiguração expansiva da vida e ficaram com palavra para dizê-lo.

Teilhard de Chardin é um dos poucos que, em nosso tempo, pôde dizer algo sobre o que experimentou ao “voltar” da morte: há muitas almas da nova geração que viveram a mesma morte expansiva, mas não têm palavras para dizê-lo. Teilhard de Chardin relata sua experiência numinosa em terceira pessoa: é um daqueles que “perderam o nome”: “Acabava de operar-se nele uma profunda renovação, de tal forma que já não lhe era possível agora, ser Homem, a não ser em outro plano. Se agora voltasse a descer à Terra comum – ainda que fosse perto do companheiro fiel que ficou prosternado, ali embaixo, sobre a areia deserta – seria já um estrangeiro. Sim, tinha consciência disso: inclusive para seus irmãos em Deus, melhores que ele, falaria inevitavelmente uma língua incompreensível; ele, a quem o Senhor havia decidido a empreender o caminho do Fogo. Inclusive para aqueles a quem mais amava, seu afeto seria uma carga porque o

veriam procurando algo por trás deles”²³. Teilhard havia “visto” a aurora do novo mundo, muito antes da primeira explosão atômica: o universo inteiro vibrava!

Esta “rota do Fogo”, que Teilhard traduz em termos de consciência mística em expansão, é o traço gen-ético que “marca” não só os valores da alma, mas também a química da vida da humanidade cósmica que advém: “rota do Fogo” que se (sobre)põe ao antigo caminho da água da humanidade terrestre (“Viram Jesus que caminhava sobre o mar...” Jo. 6:19). Este “caminhar sobre as águas” é a marca magn-ética de flutuação de consciência divino-humana dos mensageiros do Verbo; em termos da fisiologia evolutiva dos homens e das mulheres que vêm, e utilizando a linguagem simbólica do “Sat-Chakra Nirupana”, diríamos que é o despertar de uma nova função: salto gen-ético do “chakra da água” para o “chakra do fogo”. Já não estamos falando aqui de sucessivos passos no desenvolvimento material, cultural, espiritual da humanidade, no eixo horizontal do tempo histórico, mas do acontecimento fundacional da era cósmica que se inicia: con-Stella(ção) de signos de poder, no eixo vertical da Árvore da Vida.

.....

Algo completamente “novo”
nasceu no homem e no mundo.

É tempo de ouvir os “sinais”
que vêm,

desde “aquém do tempo”,
dos peregrinos do tempo.

²³ Teilhard de Chardin, *Himno del Universo*, Madrid, Taurus, 1967, pg. 67.

**Voltamos a Escutar
o Sino Maior
do Templo**

A-CORDE PRIMORDIAL:

AB-NEGATIO

RE-SUSCITARE

NASCENS CORPUS

AB-NEGATIO

Primeira “nota de ressonância” da Mensagem, no teclado molecular do mensageiro. É o Chamado do “Templo que não está”, a Voz insonora dos “Mestres que se retiraram”. Quando pensávamos que tudo estava perdido, voltamos a escutar o Som primordial nas entranhas de nossa própria matéria.

De uma ou de outra maneira, os discursos atuais de “fim da história” são mensagens de desesperança. Jean Baudrillard nos fala de “crime perfeito”: “Este paradigma do sujeito sem objeto, do sujeito sem outro, é descoberto em tudo o que perdeu sua sombra e se tornou transparente para si mesmo, até nas substâncias desvitalizadas: no açúcar sem calorias, no sal sem sódio, na vida sem sal, no efeito sem causa, na guerra sem inimigo, nas paixões sem objeto, no tempo sem memória, no amo sem escravo, no escravo sem amo no qual nos convertemos”²⁴. A esta visão de um mundo vazio, que surge da projeção de um “estar fora e à parte” (sentir paradigmático de “estranheza” do homem moderno), a essa cosmovisão de “perda do lar” poderíamos acrescentar a sensação de estar em Igrejas sem sacerdotes, escolas sem professores, fábricas sem operários... de ser filhos sem pais e de estar cheios de palavras sem Verbo. Mas todo este *logos* discursivo de Baudrillard, mais as reflexões que eu mesmo acabo de acrescentar, não passariam de uma crítica sociológica no contexto do que Max Weber chama de “desencantamento” do mundo moderno ou de uma canção de protesto ante o dilaceramento da alma pelas revoluções perdidas; não passaria de ser uma “filosofia da desesperança” se, ao escutar o Sino do Templo, não abnegássemos aqui mesmo de “toda a esperança” e nos decidíssemos a entrar em cheio no reino da “desesperança”. E surge aqui uma pergunta: este “abandono” põe “fim” à história ou é apenas o último gesto humano que chama à palavra inaugural do Verbo?

²⁴ Jean Baudrillard, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996, pg. 154.

Ab-negatio!

Não nos faz recordar esta palavra a severa inscrição “no alto de uma porta”, à entrada do Inferno?

Abandona ao entrar, toda a esperança!
(*Divina Comédia*, Inf. III, 9)

Há aqui uma dupla mensagem: a crítica literária ficou com a “metade da fórmula”, com a mensagem de “desesperança”. Porém, o Mestre convida a cruzar a fronteira perigosa:

Falou o Mestre qual pessoa experta:
“Todo temor despreze tua prudência:
toda fraqueza deve ser aqui morta”.

E o discípulo, de mãos dadas com o Mestre, entra na “cidade dolente” e se dá conta (ao “entrar”) de que lhe foi concedido o dom de aceder à dimensão profunda do saber:

E me fez entrar nas secretas coisas.

Hoje, o tanger do Grande Sino nos indica a todos o duplo movimento da força genesíaca, a dupla direção da Energia-ensinante; dupla face de um Mesmo mandato: por um lado, “subir” ao monte (onde verás o Sol radiante), por outro, “entrar” na cidade dolente:

Onde verás as pessoas dolorosas
que perderam o dom da inteligência.

Mas há dois modos de “entrar”: como turista (para ver o que acontece ali, para reunir informações) ou como *mensageiro* (abandonando, ao entrar, as próprias utopias, ilusões, esperanças e dispondo-se a receber na própria carne a mensagem secreta do Verbo). A recomendação inicial dada ao “mensageiro” é participação: Ab-negatio. É a “pedra preciosa” que o mestre-Desconhecido lhe entrega ao entrar: sacrifício de sua vontade pessoal, seus afetos, suas posses... “secretas coisas” que cada ser humano guarda zelosamente em seu coração e que, ao sentir da alma, revelam-se como única “divisa” de intercâmbio com o Verbo.

Ab-negatio:
divisa de transfiguração.

Roçamos aqui o *Mysterium* de um conhecimento inaugural. Digo “inaugural” porque não surge da exploração iluminativa do conhecido, mas da experiência-sacrificial do Desconhecido. O Grande Sino do Templo con-Voca hoje, ao fechamento de um grande ciclo cosmogônico, a participar do cerimonial ardente de um *Mysterium Initium*: Iniciação sacrificial da humanidade, na grande obra de Transfiguração Social do Verbo.

No novo signo do tempo, a liturgia sacrificial ativa dimensões da vida, antes totalmente inacessíveis ao conhecimento humano: “Fez-me entrar nas coisas secretas”. Já não se trata do sacrifício ritual a serviço dos deuses ou da abnegação sacrificial humana para o bem do próximo: trata-se da transfiguração do mensageiro no fogo-sacrificial da Mensagem. Dito em outros termos: já não estamos aqui no “terreno” das virtudes da alma (não estamos “sobre a Terra”), senão que estamos e somos no âmbito de trans-figuração das forças do céu e da terra. Outro “estado” – que seria como dizer: “ao abandonar o campo magnético da cidade dolente”, chegamos a dar-nos conta de que o sacrifício de “abnegação”, de “renunciamento”, transformou-se em liturgia de Transfiguração.

RE-SUSCITARE

A chave é voltar à vida: sair do mundo dos mortos. Não mais o mesmo. Não mais intermediários: não mais bíblias eletrônicas, não mais cérebros clonados, não mais cantos de sereia nem revoluções de esperança... não mais “ópio dos povos”.

Transfiguração Social do Verbo não é algo que deva acontecer: é um acontecer-acontecido; não aconteceu “fora” de nós, “ante” nós, mas “em” nós. E, de imediato, surge uma pergunta: se aconteceu desse modo tão essencial, podemos dizer o quê *é*? Não, porque esse acontecer transcende o marco do pensamento: mas torna possível um “ver” que antes não podíamos ver. A Transfiguração Social do Verbo põe a descoberto o marco estreito do mundo do homem: permite-nos “ver” o mundo dos mortos, as pegadas das revoluções perdidas, a fúria do “vento solar” que comove as entranhas da Terra e nos permite “sentir” que saímos do mundo dos mortos e voltamos à vida.

Chego a dar-me conta de que
muitas das coisas que procurava
não as podia encontrar
porque as procurava no mundo dos mortos.

Procurávamos o Senhor e não o encontrávamos: “A pedra do sepulcro estava removida, mas o Senhor não estava ali”.

Por que procurais entre os mortos
aquele que vive?
Não está aqui, ressuscitou”.
Lc. 24:5

Quando Paulo, mensageiro do cristianismo nascente, falou pela primeira vez destas coisas em uma Atenas já decadente, muito poucos o compreenderam: a própria ideia de “ressurreição” (*anástasis*) era alheia à filosofia grega. O cristianismo posterior exaltou o mistério, mas a Igreja romana ficou com o Cristo na cruz. Hoje, depois de vinte séculos de filosofia grega e outros tantos de Igreja romana, em plena

era atômica, em um tempo marcado pela revolução tecnológica, viagem às estrelas e desequilíbrio ecológico da Terra, falamos na “cidade dolente” de Transfiguração Social do Verbo e, quando nos perguntam “o que seja” esse Verbo, a única coisa que podemos dizer é:

não sei;
não está aqui, trans-figurou-se.

Dá-se aqui, um salto originário (*Ursprung*) das ideias-forma para um puro sentir-sem forma; que, em realidade, seria melhor chamar de “salto anterior”: do mundo orgânico das formas, ao âmbito originário de onde surge a forma.

É difícil captar a forma *Arkhetípica* do Corpo Social de Transfiguração, em um tempo como o nosso, no qual o molde originário foi perdido. Já não é o homem aquele que possa reconstruir a natureza, destruída pelo homem; já não é o homem aquele que possa devolver às instituições o fogo sagrado que o homem deixou apagar; já não é o homem aquele que possa devolver vida à vida que se deixou roubar pela morte. O homem não pode reconstruir o Templo, mas pode aceder à escuta do “som” do sino do templo e, por *Ab-negatio*, participar como “mensageiro do Verbo”, na grande obra de reconstrução do Templo Social.

Ao pronunciar esta palavra “social”, já não desde o contexto teórico da filosofia social e sim, desde a experiência prática de transposição gen-ética, chego a dar-me conta de que a língua fala em mim desde outro âmbito, desde outro estado da matéria: o que desde aqui chamo de *social*, não abarca só o mundo do homem, mas os mundos que estão acima do homem e abaixo do homem. Neste âmbito social/trans-social, encontro-me com mortos que estão vivos e vivos que estão mortos. Qual é a forma orgânica, a estrutura social, a arquitetura institucional deste Mundo recém aberto? É uma pergunta feita pelo pensamento e que o próprio pensamento só pode responder com outra pergunta. Os livros sagrados, as cosmogonias antigas, falam-nos desta “outra” realidade, mas só com imagens alegóricas e linguagem simbólica que já não nos conectam com o símbolo vivo que fala desde essa outra realidade. Os modelos cosmológicos da ciência moderna, por sua vez, também nos falam de “outras” dimensões do universo, de “outras” geometrias do espaço-tempo, mas trata-se de moradas fisicomatemáticas, habitadas por ninguém. Eu

estou falando aqui de outra coisa. O mundo vivo que golpeia minha sensibilidade, ao romper-se a muralha que me mantinha preso no mundo dos “mortos que enterram seus mortos”, não é outro mundo, é o Mesmo mundo, iluminado com outros olhos; não é uma fantasia da alma, utopia sociológica ou paisagem de uma viagem esotérica: é a própria Vida, que se A-nuncia a si-mesma como pulsar primordial, desde as entranhas de minha própria vida. Que nome dar a este “novo estado” que acaba de nascer? Despertar? Ressuscitar (re-suscitare)? De novo, as palavras que tenho à mão não conectam com a essência viva que se antecipa às palavras. Talvez fosse melhor falar de “iluminação”, não no sentido tradicional de “encher-se de luz”, mas como termo que utilizamos para nomear de alguma maneira o mistério vivo de “dar à luz”: impulso primordial de gestação de um novo filho e de um novo mundo.

Um novo corpo está nascendo!

“PRIMO-GENE”

NASCENS CORPUS

Para onde vamos?

Vamos em direção a Outro Corpo!

Por qual caminho?

Pelo caminho que nos aponta
o “recém nascido”

Sem dar-nos conta, estamos abandonando nossos antigos corpos (corpos físicos, sociais, espirituais) que vão ficando como velhas vestes, na contramão do tempo. A Transfiguração Social do Verbo põe a descoberto o movimento inverso da luz; na liturgia da missa, o sacerdote faz girar o incensório duas vezes, da direita para a esquerda e uma vez, da esquerda para a direita (aguda observação de Jung)²⁵. Dupla face do olhar: não só vemos o “rosto do Senhor que brilha como o sol”, senão que somos olhados pelo Senhor. E o olhar do Senhor ilumina nossa própria sombra.

O “olhar do Senhor”,
a “rotação do incensório” em direção
à consciência,

marcam o sinal de “retorno”

ao estado inicial das coisas.

Este retorno à Fonte, ao espírito originário vivo, pensado até agora em forma poética: “retorno à natureza”; metafísica: volta, “torna” à

²⁵ C. G. Jung, *Psicología y Simbólica...*, pg. 59.

fonte de sentido do Ser, em termos de Heidegger; iluminação espiritual – Canto 33 da *Divina Comédia*: “É minha lembrança como um infante / que banha a língua naquilo que mama”; todas estas formas de “retorno ideal” ao Paraíso perdido ficam hoje fora de contexto histórico, ao serem varridas por uma poderosa corrente de “retorno cosmogônico” que nos arrasta (ainda sem havê-lo escolhido) em direção à raiz “orgânica” da Vida. E, ao dizer “orgânica”, quero significar que não somente toca as fibras sensíveis da alma, senão que muda a geometria da matéria.

O Corpo que está nascendo (*Corpus-nascentis*)
“não é” outro corpo (biológico, cibernético, institucional):
é outra “função” da Vida.

Nasce da desintegração dos antigos corpos: sacrifício cotidiano dos inocentes. Nasce do movimento unificado da corrente cósmica da Vida: força que ilumina-e-desintegra.

A violência que hoje se abate sobre
o mundo do homem

é uma Violência-cósmica, um furacão,
cuja fúria o homem não domina:

os antigos corpos desmoronam por dentro.

Foi liberado sobre a Terra um poder de Destruição, antes desconhecido, pelo menos não registrado na história contada pelo homem. Só a história sagrada nos fala de uma Violência divina, em umbrais críticos de transformações do mundo, do homem e da história: “Que ninguém saia da porta de sua casa até amanhã” (Êx. 12:22). Carl G. Jung, tipificando o signo do Éon de Aquário como “constelação dos opostos”, põe a descoberto a “outra metade” do Cristo e adverte sobre o “perigo do mal” que espreita o homem na era que se inicia; “o deus cristão é somente bom”, diz Jung, e tomando como referência a citação bíblica exposta anteriormente (matança dos primogênitos egípcios), reforça sua argumentação sobre a irrupção da ira divina na história humana, apoiando-se na ensinança de Rabi Yosef: “Quando o Destruidor tem via livre, já não distingue entre o

bom e o mau; mais ainda: até começa pelo justo”²⁶.

Hoje, enfrentamo-nos com uma “violência global”:
do homem, dos deuses, dos elementos da natureza:

violência de tal magnitude
que a própria Violência

varre com todas as teorias que tentam explicar a violência.

As teorias científicas “naturalizam” a violência: reduzem-na a forças naturais, leis físicas, desequilíbrio ecológico, bactérias assassinas. As teorias políticas e sociais a “socializam”: injustiça social, leis de mercado, luta de classes, poder tecnológico. As ideologias espiritualistas ou “sacralizam” a violência – exaltando-a à hierarquia de “guerra santa” – ou a “demonizam” – absolutizando o mal em homens satânicos, ideologias perversas, povos demoníacos.

Ao perder a voz da “Serpente Emplumada” que nos marca o caminho para as estrelas celestes, ficamos presos na força de sedução da “Serpente sem asas” que se arrasta sobre a terra.

Hoje, frente à irrupção do Mal,
lutamos com instrumentos inadequados:

com a lógica da “antiga mente”,
com os circuitos cibernéticos de um “antigo corpo”.

Ante o desafio da Violência cósmica,
o “Corpo antigo” ficou sem defesas.

Ao dizer “Corpo antigo”, não me refiro somente ao sistema imunológico, cérebro químico, coração mecânico, de nosso já antigo corpo físico (com tecnologia antiga), mas também a nossos corpos institucionais (do antigo pacto social: de funções fragmentadas) e ainda, à própria Terra, cujo corpo já não pode sustentar a corrente cósmica renovadora de vida.

²⁶ C. G. Jung, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986, pg. 70.

O novo Corpo surge do incêndio atômico da matéria de todos os corpos; aqui, colapsa a teoria da evolução: não temos palavra que possa nomear a vida que arde no fogo da Vida (Santo Agostinho falaria de *beata vita*), mas a linguagem volta a ficar curta. Carecemos de uma teoria unificada do Fogo (que abarque ao mesmo tempo, “criação e destruição”): só acedemos à “metade da fórmula”. Por um lado, os linguistas descobrem a riqueza espiritual que surge do intercâmbio entre os seis a dez mil idiomas ou dialetos, falados nos diferentes povos da Terra; mas, por outro lado, advertem que “a cada duas semanas, um idioma morre em algum lugar do mundo e que pelo menos a metade das línguas atuais está à beira da extinção”. E algo semelhante ocorre em outros âmbitos da vida. Quantas espécies animais e vegetais desaparecem, em curto tempo, da superfície do planeta! Quantos povos são relíquias fósseis de uma cultura que foi! Quantas instituições sociais e espirituais têm morta a alma e vivem ainda! Quantos corpos arrastados pelas águas vão ficando à beira do caminho! E então? Com que mapa, código, guia de estrada, poderemos guiar-nos no caminho do fogo, recém aberto?

Não existe esse “mapa”:
só uns poucos “sinais anunciadores”.

Já não podemos formular uma filosofia da ação humana, dentro dos parâmetros “fisiológicos” do antigo corpo, seja em termos de vontade de poder ou de mística da alma: porque o estado da matéria põe limites aos voos do espírito (como diz o Evangelho: “Muitos dirão Senhor, Senhor, e eu não os reconhecerei”). Mas há “outros estados da matéria” e outros “pulsos” da vida. A físicoquímica moderna nos diz, desde o laboratório, que “a grandes distâncias e em tempos macroscópicos, as moléculas se *comunicam* entre si”. E a mística de transmutação alquímica da matéria, falando-nos desde o coração, diz-nos que “a muito pequenas distâncias (mais perto que o perto) e no instante do tempo-sem tempo, a vida do homem se *comunica* com o Verbo”. Em meio a esta gigantesca flutuação da vida cósmica, entre os confins do universo e o Abismo sem fundo da alma, surge a primeira “chispa” (Primo-*gene*) do novo corpo de fogo: novo ritmo de espírito-matéria.

O Coração do novo corpo já nasceu
e escutamos seu pulso re-nascido.

Qual é o desafio?

Sustentar a chama para aceder ao Verbo
que abre o caminho da Vida.

A Casa do homem ficou sem sustento. Mas, qual é a natureza desta “chama” que sustenta a vida do novo Corpo em expansão? Os termos *beata vita*, na linguagem das *Confissões* de Agostinho ou “Chama de amor viva”, na poesia espiritual de São João da Cruz, remetem-nos a uma mística do coração que o homem técnico perdeu. Perdeu-a realmente ou a está recuperando (e ainda, em nível mais elevado), pelo próprio *poder* da técnica que o homem técnico perdeu? Chegados a esta pergunta crítica, devemos perguntar-nos pelo papel, pela função que a técnica moderna desempenha (se é que desempenha alguma função orgânica), na re-construção do Corpo. Não é tarefa fácil responder a esta pergunta.

A grande corrente de Violência cósmica
que, antes de bater à porta
já derrubou a casa do homem,

opera como “poder do Verbo”

que deixa suas pegadas nas moléculas da vida.

Para além do valor utilitário ou destrutivo do poder da técnica moderna, começamos a descobrir (ou melhor, *revela-se*) uma das chaves secretas da Revelação na era que se inicia: vibração inaugural (*Ur-kunde*). Digo “secreta” porque não é detectada pelos sensores da antiga fisiologia, mas opera como “energia de enlace” no projeto de funções e estruturas do novo Corpo “orgânico” do Verbo. Voltando à pergunta sobre o papel da técnica moderna no mundo do homem e para antecipar uma resposta tentativa, eu diria que a técnica desempenha o papel de “mensageiro-precursor”: não é o Senhor, mas prepara o caminho do Senhor. Para além (ou talvez, para aquém) do marco epistemológico daquilo que costumamos chamar de “estrutura das revoluções científicas” (Thomas S. Khun), o poder das novas tecnologias vem inserir-se como linguagem profeticocientífica no código gen-ético da nova Revelação.

.....

Volto a ouvir o Sino do Templo... desde o teclado das
moléculas da vida.

Onde está o artista que possa transcrever a sinfonia in-
audível da Língua Mãe em signos visíveis e audíveis
das novas tábuas da Lei?

HABITAR NO CORAÇÃO DO VERBO

Primeiro A-sombro no áspero caminho:

*Ao repousar em desolado cimo,
silenciosa-voz A-nuncia sua chegada.*

Há um lugar para cada elemento químico, na tabela de Mendeleev.
Há um lugar para cada aminoácido, nas moléculas de proteínas.
Há um lugar para cada órbita de elétrons, na configuração atômica da matéria.

*Há um lugar para cada signo
nos hierogramas da Língua Sagrada.*

Há um lugar para cada pedra preciosa, no colar de Indra.
Há um lugar para cada planeta, no reino de planetas ao redor do Sol.
Há um lugar para cada cavaleiro, no círculo hermético da Távola Redonda.

Há muitas moradas na casa de meu Pai.

Há muitos lugares no mundo.
Há muitas línguas nos povos da Terra.
Há muitas palavras que saem da boca do homem.

*Há um só lugar em meu coração
onde re-soa a Voz do Verbo
e um só lugar no coração do povo
onde a Voz do Verbo se Transfigura em Vida re-nascida.*

E pergunto: o que é esse lugar?

É o Templo.

Era um lugar sagrado e eu não o sabia. Havia sido tocado pelo Verbo; também os vales, as montanhas e os rios.

Subitamente, o Verbo habitava no coração do homem

e o homem, o povo, a paisagem, habitavam
no coração radiante do Verbo:

Transfiguração Social do Verbo.

Outro estado da matéria, outro ritmo da vida, outra dimensão do conhecimento, outro lugar na obra.

Habitar no Coração do Verbo.

Buenos Aires, 3 de março de 1998

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BAUDRILLARD, Jean, *El Crimen Perfecto*, Barcelona, Anagrama, 1996.
- BERNAL-CARO, Amanda, "Kogi Sense of Community", *ICIS Forum*, Vol. 24, New York, 1994.
- BLAKE, William, *El Matrimonio del Cielo y del Infierno*, Buenos Aires, Ediciones del Mediodía, 1978.
- CAPRA, Fritjoj, *El Tao de la Física*, Málaga, Sirio, 1995.
- CASTANEDA, Carlos, *Journey to Ixtland*, New York, Simon and Schuster, 1972.
- CASTAÑEDA, Jorge, *La Vida en Rojo*, Buenos Aires, Espasa, 1997.
- CARREL, Alexis, *La Incógnita del Hombre*, Barcelona, Iberia, 1953.
- EVOLA, Julius, *Metafísica del Sexo*, Madrid, La Rama Dorada, 1981.
- FORRESTER, Viviane, *El Horror Económico*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1997.
- FROMM, Erick, *El Arte de Amar*, Buenos Aires, Paidós, 1960.
- GALBRAITH, John Kenneth, *The Culture of Contentment*, Hughton, Mittlin, 1992.
- GANDHI, Mahatma, *Principios Básicos del Gandismo*, Buenos Aires, Chandra L. Sing, 1973.
- JUNG, C. G., *Psicología y Simbólica del Arquétipo*, Buenos Aires, Paidós, 1977.
- *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986.
- KAMENETZKY, Mario, *The Economics of Satisfaction of Needs*, New York, Routledge, 1992.
- KURTZMAN, Joel, *The Death of Money*, New York, Simon and Schuster, 1993.
- KUSCH, Rodolfo, *La Seducción de la Barbarie*, Buenos Aires, Fundación Ross, 1953.
- LAZARTE, Omar, *Una Nueva Dimensión de Vida*, Buenos Aires, ADCEA, 1973.

- MAX-NEEF, Manfred, *Economía Descalza*, Montevideo, Nordan, 1986.
- McLUHAN, Marshall, *La Comprensión de los Medios*, México, Diana, 1969.
- MONOD, Jacques., *El Azar y la Necesidad. Ensayo Sobre la Filosofía Natural de la Biología Moderna*, Barcelona, Barral Editores, 1970.
- ORTEGA Y GASSET, José, *El Tema de Nuestro Tiempo*, Madrid, Revista de Occidente, 1923.
- PAZ, Octavio, *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956.
- SCHWEITZER, Albert, *El Pensamiento de la India*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- SUZUKI, Daisetz T., *Ensayos Sobre Budismo Zen*, Buenos Aires, Kier, 20 edição, 1976.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre, *Himno del Universo*, Madrid, Taurus, 1967.
- TOYNBEE, Arnold, *Estudio de la Historia*, Buenos Aires, Emecé, 1977.
- UBALDI, Pietro, *Las Noures*, Buenos Aires, Constancia, 1957.
- WEIL, Simone, *La Gravedad y la Gracia*, Madrid, Trotta, 1998.
- WELLS, H. G., *El Mundo se Liberta*, Madrid, Aguilar, 1914.